

FACULDADE DE HUMANIDADE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MARIA CARMENCITA DA FELICIDADE JOB

**ESTUDO ETNOGRÁFICO DAS EXPERIÊNCIAS DE TRÊS MULHERES BRASILEIRAS QUE
TRANSFORMARAM SEUS ESTILOS DE VIDA**

Porto Alegre
2021

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

MARIA CARMENCITA DA FELICIDADE JOB

**ESTUDO ETNOGRÁFICO DAS EXPERIÊNCIAS DE TRÊS MULHERES
BRASILEIRAS QUE TRANSFORMARAM SEUS ESTILOS DE VIDA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do grau de mestre em Ciências Sociais.

Área de concentração: Organizações, Cultura e Democracia – Cultura, Sociedade e Identidade.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Lúcia Helena Alves Müller

Porto Alegre

2021

Ficha Catalográfica

J62e Job, Maria Carmencita da Felicidade

Estudo etnográfico das experiências de três mulheres brasileiras que transformaram seus estilos de vida / Maria Carmencita da Felicidade Job. – 2021.

68 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Lucia Helena Alves Muller.

1. Processos de mudança. 2. Trajetórias. 3. Bem Viver. 4. Redes de cuidado. 5. Ativismo socioambiental. I. Muller, Lucia Helena Alves. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

MARIA CARMENCITA DA FELICIDADE JOB

**ESTUDO ETNOGRÁFICO DAS EXPERIÊNCIAS DE TRÊS MULHERES
BRASILEIRAS QUE TRANSFORMARAM SEUS ESTILOS DE VIDA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do grau de mestre em Ciências Sociais.

Aprovado em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Felipe José Comunello – URFGS

Profa. Dra. Fernanda Bittencourt Ribeiro – PUCRS

Profa. Dra. Lúcia Helena Alves Müller – PUCRS
Orientadora

Porto Alegre

2021

Dedicado às mulheres da minha família com agência.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Início os meus agradecimentos às minhas três interlocutoras – Júlia, Michele e Camila. Sem suas trajetórias de agências, esta pesquisa não seria tão intensa. Agradeço por terem aberto suas casas, suas famílias e projetos, e por terem confiado a mim suas histórias de vida. Espero ter feito o melhor, levando adiante os seus feitos, e mostrando ao mundo as suas trajetórias de cuidado com impacto social e, sobretudo, local.

Agradeço à minha orientadora, Dra. Lúcia Helena Alves Müller, por ter me encaminhado as considerações necessárias para enfrentar, com empenho e perseverança, os desafios de minha trajetória acadêmica na Antropologia. Obrigada por me apresentar Gilberto Velho - ele é base desta dissertação - e por ter me ensinado que estudar também é um trabalho sério, isso eu jamais esquecerei e passarei adiante. Levo comigo a oportunidade de aprender ao seu lado através do estágio docente, organizando os meus campos de interesse na academia.

Em memória, agradeço ao professor Dr. Airton Luiz Jungblut por ter sido tão atencioso e ter tido um olhar tão pessoal e acolhedor, indicando-me com toda a paciência bibliografias tão enriquecedoras. Um dos grandes ensinamentos do professor foi me lembrar, sempre que possível, de que devemos ter o entusiasmo necessário ao fazer uma pesquisa. Sigo com seus ensinamentos neste e nos demais estudos, já que o entusiasmo precisa estar na academia para seguirmos e não nos perdermos de nós em um estudo.

Agradeço à professora Dra. Fernanda Bittencourt Ribeiro pelas importantes considerações sobre alumbramento no manejo do fazer pesquisa antropológica. E ao professor Dr. Felipe José Comunello pelas considerações sobre o campo da Sociologia Rural, através de Maria José Carneiro e sua bibliografia contundente sobre uma nova identidade ruralista, chamada de “novos rurais”. Agradeço aos dois professores por terem feito parte da minha banca de qualificação e por terem me acompanhado neste estudo até o fim.

Agradeço ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUCRS por contribuir com meu aprendizado. Jamais esquecerei tudo que vivi e como adentrei neste campo das Ciências Sociais. Um obrigado a todos vocês por terem acrescentado, a cada aula e a cada desafio proposto, melhores condições de observação e análise da sociedade.

Agradeço à equipe do PPGCS pelo apoio, em especial a Rosane Andrade, por todo suporte, atenção, cuidado e cordialidade. Você faz parte dessa orientação, olhando para cada aluno de forma especial e acolhedora. Gratidão.

Agradeço à Claris, ao Thasio e à Camila. Vocês foram a segurança e a força que muitas vezes perdi nesse caminho. Só vocês sabem a dor e a delícia de estar cem por cento inteira nesse processo chamado pesquisa.

Agradeço à minha filha Rosa Clariá que sempre me estimulou a voltar a ser mulher e, por consequência, estudante. Não ser só mãe, compreendendo meus desejos por seguir estudando e de não perder o vigor e a persistência para ir até o fim.

E, finalmente, agradeço aos meus pais – por terem estimulado, desde muito nova, o meu interesse em olhar a diferença e ter uma escuta atenta, participativa e estética. E que não nos falte libido para seguir em frente. Afinal, fazer pesquisa é pulsão de vida!

RESUMO

Na presente pesquisa etnográfica, analiso as trajetórias de três mulheres brasileiras de classe média, duas delas brancas e uma parda, com alto grau de escolaridade, capital cultural e ampla trajetória profissional que, nos últimos anos, escolheram conscientemente criar novos modos de viver em função de uma sensação de “desencaixe” (GIDDENS, 1991). Investigo suas trajetórias a partir de três dimensões: 1. Processos de Mudança; 2. Práticas Econômicas; 3. Formas de Ativismo. Refletindo sobre ações que possam mobilizar o cuidado consigo e com suas comunidades locais, escolhi observá-las de forma participante. Em um primeiro momento, através da etnografia digital, a partir das “perambulações” em suas redes sociais, “imersões”, “acompanhamentos” e entrevistas digitais (LEITÃO, 2018). Num segundo momento, acompanhei as interlocutoras de forma presencial, em seus espaços de convivência e sociabilidades, observando suas rotinas. Escolhi descrever suas atividades, por meio de cenas sociais, partindo da *etnografia das percepções*, de Florence Weber (2009), onde pude perceber com mais intensidade as suas identidades e projetos, tanto no âmbito pessoal quanto no profissional, e suas possíveis formas de ativismo. As cenas selecionadas, entendidas como paradigmáticas de seus estilos de vida por manifestarem mobilizações, circuitos e multiplicações de cuidado, buscaram identificar se as redes das interlocutoras (selecionadas) sensibilizam outras mulheres; e se havia ligação de suas práticas com um ativismo feminista e ecológico que fomentaria as *redes de cuidado* marcadas por projetos com foco no cuidado socioambiental, econômico e político. A intenção do trabalho foi a de investigar se as revisões dos estilos de vida das interlocutoras teriam implicações mais amplas na construção de processos de transformação do conceito de “Bem Viver”, em discussão e em construção pelo economista Alberto Acosta (2016). Sendo a noção de Bem Viver uma visão oriunda dos povos indígenas, baseada na relação e no modo de viver participativo, comunitário e em equilíbrio com a natureza.

Palavras-chave: processos de mudança; trajetórias; bem viver; redes de cuidado; ativismo socioambiental.

ABSTRACT

In this ethnographic research, I analyze the trajectories of three Brazilian middle-class women, two of them white and one brown, with a high level of education, cultural capital and a broad professional trajectory who, in recent years, consciously chose to create new ways of living due to a feeling of “disembedding” (GIDDENS, 1991). I investigate their trajectories from three dimensions: 1. Change Processes; 2. Economic Practices; 3. Forms of Activism. Reflecting on actions that can mobilize care for themselves and their local communities, I chose to observe them in a participatory manner. At first, through digital ethnography, from the “perambulations” in their social networks, “immersions”, “accompaniments” and digital interviews (LEITÃO, 2018). In a second moment, I accompanied the interlocutors in person, in their spaces of coexistence and sociability, observing their routines. I chose to describe their activities, through social scenes, starting from the ethnography of perceptions, by Florence Weber (2009), where I could perceive with more intensity their identities and projects, both in the personal and professional spheres, and their possible forms of activism. The selected scenes, understood as paradigmatic of their lifestyles as they manifested mobilizations, circuits and multiplication of care, sought to identify whether the networks of (selected) interlocutors sensitize other women; and whether there was a connection between their practices and a feminist and ecological activism that would foster care networks marked by projects focused on socio-environmental, economic and political care. The intention of the work was to investigate whether the revisions of the interlocutors' lifestyles would have broader implications in the construction of processes for transforming the concept of “Bem Viver”, under discussion and under construction by the economist Alberto Acosta (2016). Since the notion of Bem Viver is a vision that comes from indigenous peoples, based on the relationship and on a participatory, community-based way of living in balance with nature.

Keywords: change processes; trajectories; bem viver; care networks; socio-environmental activism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Janela se abrindo para a mata	37
Figura 2 –	O portão do <i>Looping Rural</i>	40
Figura 3 –	A casa <i>Looping Rural</i>	41
Figura 4 –	Trilha da Cachoeira	44
Figura 5 –	Júlia amamentando a Teresa	45
Figura 6 –	Os presentes de Júlia	46
Figura 7 –	Livro “A economia do ócio”	48
Figura 8 –	Livro “Manifesto Verde”	50
Figura 9 –	Objetos da casa	51
Figura 10 –	Júlia grávida	52
Figura 11 –	“Novos Rurais”	54
Figura 12 –	Plantação Agroflorestal	55
Figura 13 –	Júlia na cozinha	56
Figura 14 –	A Cozinha: lugar de atuação política da casa	57
Figura 15 –	Experiências Imersivas	58
Figura 16 –	A mesa arrumada	60
Figura 17 –	Quadro de possibilidades de pagamento do <i>Looping Rural</i>	61
Figura 18 –	A estrada	62
Figura 19 –	Júlia no cenário verde de sua janela	64
Figura 20 –	A Janela do sótão	67
Figura 21 –	A comunidade de mulheres	69
Figura 22 –	O boteco	70
Figura 23 –	Júlia na feirinha	73
Figura 24 –	Família de Michele	78
Figura 25 –	Personalidade de Michele	80
Figura 26 –	Relações com a comunidade Ilha Grande	81
Figura 27 –	Ilha Grande e a vida com Cecília	83
Figura 28 –	Apresentação de Seminário na UERJ	84
Figura 29 –	Convite de Michele: trocas de trabalho e dádiva	86
Figura 30 –	Relação de parceria e cumplicidade entre Michele e Cecília	88
Figura 31 –	Colaboração do livro “Arqueologia do Caminho”	91

Figura 32 –	Bandeira da Escola Candeia	92
Figura 33 –	Escola Candeia	93
Figura 34 –	Valores, Missão e Visão da Escola Candeia	94
Figura 35 –	Desenho de Cecília na Escola Candeia	96
Figura 36 –	Michele e Cecília em frente à Escola Candeia	97
Figura 37 –	Diário da Michele: ideia	98
Figura 38 –	Debate Filme <i>Bacurau</i>	104
Figura 39 –	Debate Filme <i>Bacurau</i> na Cinemateca Capitólio	105
Figura 40 –	Reportagem Casamento Sustentável	114
Figura 41 –	Casamento embaixo da figueira	115
Figura 42 –	Lembrancinhas do casamento: geleias orgânicas	116
Figura 43 –	Menu do casamento	117
Figura 44 –	Madrinhas e padrinhos	117
Figura 45 –	Sorteio do Fusca	118
Figura 46 –	Ação Adote um copo	119
Figura 47 –	Ação Preserve as flores	120
Figura 48 –	Ação Asilo Padre Cacique	120
Figura 49 –	O vestido de noiva	122
Figura 50 –	O manual brasileiro do Sistema B	126
Figura 51 –	Cogestoras do Sistema B no Rio Grande do Sul	129
Figura 52 –	Integrantes do Sistema B: apresentação	131
Figura 53 –	Integrantes do Curso Sistema B	133
Figura 54 –	Padre José Odelson Schneider	136
Figura 55 –	Reportagem Mundo Coop	137
Figura 56 –	Camila e a transição capilar	138
Figura 57 –	Transição capilar finalizada em 2021	140
Figura 58 –	Evangelizadora do Cooperativismo	142

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Percurso Metodológico	29
--	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	METODOLOGIA	18
2.1	CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DAS MULHERES	19
2.2	A ESCOLHA DAS INTERLOCUTORAS	20
2.3	A ENTRADA NO CAMPO	21
2.4	DIMENSÕES METODOLÓGICAS.....	22
2.5	ETNOGRAFIA DIGITAL	24
2.6	ETNOGRAFIA DAS PERCEPÇÕES	26
2.7	DURAÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO	27
2.8	QUESTÕES ÉTICAS.....	28
3	APRESENTAÇÃO DAS INTERLOCUTORAS.....	30
4	CAPÍTULO 1 – JÚLIA.....	33
4.1	DIMENSÃO ANÁLITICA: PROCESSOS DE MUDANÇA.....	36
4.1.1	Cena 1: o cálculo impreciso e o hibridismo de influências	36
4.2	DIMENSÃO ANÁLITICA: PRÁTICAS ECONÔMICAS	47
4.2.1	Cena 2: salada verde e o plano de saúde, um manifesto à vida.....	47
4.3	DIMENSÃO ANÁLITICA: FORMAS DE ATIVISMO.....	63
4.3.1	Cena 3: uma abordagem diferente da morte: o amarelo.....	63
5	CAPÍTULO 2 - MICHELE	76
5.1	DIMENSÃO ANÁLITICA: PROCESSOS DE MUDANÇA.....	77
5.1.1	Cena 1: feminismo prático e a sessão das cartas de tarô	78
5.2	DIMENSÃO ANÁLITICA: PRÁTICAS ECONÔMICAS	89
5.2.1	Cena 2: Escola Candeia e a Arqueologia do Caminho.....	89
5.3	DIMENSÃO ANÁLITICA: FORMAS DE ATIVISMO.....	99
5.3.1	Cena 3: sexta-feira, sessão das 13h, o Filme <i>Bacurau</i>	99
6	CAPÍTULO 3 – CAMILA	107
6.1	DIMENSÃO ANÁLITICA: PROCESSOS DE MUDANÇA.....	110
6.1.1	Cena 1: o vestido de noiva: a coerência entre a vida pessoal e profissional.....	110
6.2	DIMENSÃO ANÁLITICA: PRÁTICAS ECONÔMICAS	123
6.2.1	Cena 2: o voluntariado, o Sistema B e o fazer o bem.....	124
6.3	DIMENSÃO ANÁLITICA: FORMAS DE ATIVISMO.....	134
6.3.1	Cena 3: a evangelização institucional: uma ovelha verde na cooperativa	134

7	CAPÍTULO 4 – TRÊS INTERLOCUTORAS, UM ENTRELAÇAMENTO ..	144
7.1	DIMENSÃO ANÁLITICA: PROCESSOS DE MUDANÇA.....	144
7.2	DIMENSÃO ANÁLITICA: PRÁTICAS ECONÔMICAS	150
7.3	DIMENSÃO ANÁLITICA: FORMAS DE ATIVISMO.....	156
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	161
	REFERÊNCIAS	163
	ANEXO A – AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS DA	
	INTERLOCUTORA JÚLIA	166
	ANEXO B – AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS DA	
	INTERLOCUTORA MICHELE.....	167
	ANEXO C – AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS DA	
	INTERLOCUTORA CAMILA.....	168

1 INTRODUÇÃO

Um ano antes desta dissertação, Manuel Castells anunciava em seu livro, “Outra Economia é Possível” (2019), que, desde a crise de 2008, as práticas econômicas ditas alternativas estabeleceram um diálogo intenso, “[...] encarnando valores alternativos que se refletem em novos estilos de vida.” (CASTELLS, 2019, p. 187), com efeitos particulares sobre o *status quo* urbano. O autor aposta que a economia é parte das práticas humanas e, enquanto tal, ao se modificarem, incorporam novas possibilidades de viver em que novas economias e novos modos de vida são agenciados. Compartilhando dessa visão, nesta dissertação de mestrado, proponho a análise das trajetórias de três mulheres brasileiras que vivem em localidades diferentes, com formatos de família distintos e que estão em processo de metamorfose de seus estilos de vida de uma forma intencional e consciente (VELHO, 1994). Para isso, investigo suas trajetórias por meio de seus: 1) Processos de Mudança: transições, rupturas pessoais, materiais e de espaço, ressignificação de práticas baseadas em questões emocionais e ideológicas; 2) Práticas Econômicas: redes e projetos que visam estabelecer elos solidários em que o voluntariado e as trocas expandem possibilidades econômicas e de cuidado; 3) Formas de Ativismo: agências que produzem articulação e ações que mobilizem o cuidado, produzindo condições de Bem Viver (ACOSTA, 2016) em suas vidas e efeitos reflexivos na sociedade, sobretudo, nos ambientes em que elas estão inseridas.

São mulheres brasileiras de camadas médias, duas delas autodenominadas brancas e uma autodenominada parda, com alto grau de escolaridade e capital cultural (BOURDIEU, 2011) e ampla trajetória profissional que, nos últimos anos, escolheram conscientemente recriar seus modos de viver, em função de uma sensação de “desencaixe” (GIDDENS, 1991) produzida por um desequilíbrio, fruto de questionamentos acerca de seus valores, atravessados pela preocupação da procedência daquilo que consomem e com suas práticas de trabalho, somados a acontecimentos extremos em suas vidas.

Para este estudo, escolhi observar de forma participante a vida dessas três mulheres. Em um primeiro momento, a partir da etnografia digital (LEITÃO, 2018), fiz contatos pelo *WhatsApp*, perambulações em suas redes sociais e imersões por meio de entrevistas digitais.

Em um segundo momento, acompanhei as três interlocutoras, de forma presencial, em seus ambientes, com suas atividades e rotinas. Pude realizar a etnografia, através da construção de cenas sociais (WEBER, 2009), e analisar as suas identidades de projetos (CASTELLS, 2009), tanto no âmbito pessoal quanto no profissional, bem como as suas formas e redes de ativismo.

Busquei produzir, com isso, uma etnografia de suas formas de viver, identificadas a partir de cenas paradigmáticas, ou seja, eventos que projetassem, na prática, os seus estilos de vida, decifrando distinções sociais (BOURDIEU, 2011) que se manifestam por mobilizações, circuitos e multiplicações de cuidado consigo – através do consumo de produtos e alimentos que obedecem às práticas de procedência local e orgânica. Já no contexto de cuidado com a comunidade em que vivem, estão interessadas, sobretudo, em criar relação com a rede que sensibilizam, também, outras mulheres.

Para abordar essas transformações, que são o objeto deste estudo, busquei conhecer os seus contextos de origem, os projetos que dão suporte aos valores e aos desejos que elas agenciam em suas práticas diárias. Nesse sentido, observei de forma participante os processos ativos que envolvem discursos e práticas, dentro de suas rotinas pessoais, familiares e, especialmente, profissionais, a partir do que orientam os seus projetos (VELHO, 1994), mobilizados por causas socioambientais, colaborativas e comunitárias, que envolvem o cuidado com o coletivo, dentro de suas comunidades atuantes. Dentre essas causas e preocupações, pode-se identificar o senso de justiça social, inclinado às sensibilidades e discussões do Feminismo Decolonial, de Françoise Vergès (2020). Esse conceito implica mais amplamente nos estilos de vida das interlocutoras, a partir dos seus processos de transformação que também incluem a noção do conceito de “Bem Viver”, que tomo emprestado de Alberto Acosta (2016), e que incorpora uma visão de mundo dos povos indígenas, baseada na relação e no modo de viver participativo, comunitário e em equilíbrio com a natureza.

Busco identificar, nesta dissertação, os investimentos pessoais e práticas distintas levadas a cabo por essas três mulheres, no sentido de reconstruir suas atividades, avaliadas de forma êmica como “transformações conscientes”, e que interpreto aqui como intencionais e possíveis de serem realizadas em função da possibilidade de agências que essas mulheres detêm no interior de certos campos de possibilidades específicos (VELHO, 1994). Para tanto, investiguei as escolhas implicadas nesses estilos de vida engajados, destacando os efeitos práticos dessas atitudes em suas vidas e o que se transforma em suas redes a partir de suas apostas em novos modos de viver e as implicações dessas práticas na construção de novos modelos e estilos de vida.

Assim, a intenção deste estudo é identificar como essas mudanças se iniciaram, quais foram os gatilhos dessas metamorfoses, investigando as dimensões pessoais, familiares, profissionais, econômicas e ideológicas implicadas nesses percursos, visando contribuir para uma melhor compreensão dos processos de criação desses novos estilos de vida em sociedade.

É importante destacar que a pesquisa se realizou dentro de um recorte específico, a partir da vida de mulheres de classe média inseridas em atividades e práticas *conscientes em suas vidas*, sendo elas engajadas em projetos que visam impactos positivos em suas comunidades, num âmbito local e mais amplo. Todos esses processos acontecem tendo como combustível a posse de capital social, cultural e, sobretudo, financeiro, que tiveram um papel importante nessas experiências sociais, econômicas e políticas, impactando de forma positiva suas vidas e influenciando os demais a sua volta.

Para realizar esta análise, tomo como pano de fundo o conceito de modernidade reflexiva e seus efeitos, de Anthony Giddens (1994). Para me situar no campo dos estudos sobre práticas econômicas, baseio-me em Luc Boltanski (2009) para refletir sobre cidade de projetos e o novo espírito capitalista e suas conexões em rede.

Utilizo Marcel Mauss (2017) para elucidar o sentido das trocas através dos dispositivos do voluntariado. No que tange à análise das propostas sobre as mudanças, baseio-me na noção de “estilo de vida” e no conceito de *habitus*, de Pierre Bourdieu (2002). Para pensar as práticas dessas mulheres voltadas intencionalmente para mudanças significativas em suas vidas recorro às noções de “campo de possibilidades” e “projetos individuais”, propostos por Gilberto Velho (1994). Ao analisar a capacidade dessas mulheres viabilizarem as transformações observadas me apoio no conceito de agência, na perspectiva de Sherry Ortner (2007).

Inspiro-me nos estudos sobre a economia do *care*, de Viviane Zelizer (2011), através dos mercados de trabalho do “cuidado” e suas relações pessoais, com objetivo de analisar os circuitos de cuidado dessas interlocutoras, sob o viés coletivo, engajado e participativo. Também trago o conceito de “Bem Viver”, de Alberto Acosta (2016), para problematizar os modos de vida alternativos dessas interlocutoras. As transformações em seus estilos de vidas passaram por processos individuais e coletivos, com o olhar voltado para as temáticas socioambientais e para reflexões de matriz econômica que anunciam cenários alternativos ao desenvolvimento desenfreado. Trabalhando com isso um ativismo prático, com sensibilidades às propostas do Feminismo Decolonial que busca analisar e interpretar, à luz de Françoise Vergès (2020), os sentidos implicados nos projetos que informam as práticas das minhas interlocutoras.

Ao escolher investigar o tema através da construção de três trajetórias, inspirei-me no livro “Três famílias”, de Luiz Fernando Dias Duarte (2008), onde o autor narra a história de três famílias, dentre elas a sua própria, a partir de uma etnografia intensa de suas formas de vida.

Mesmo não tendo uma ligação tão próxima com essas mulheres, todas faziam parte, de alguma maneira, de minhas redes, sendo elas educacional e profissional e se colocaram disponíveis em função desses elos. As redes foram, portanto, fundamentais para a configuração do meu campo de pesquisa. Com relação à abordagem, inspirei-me em “Famílias e Rede social”, de Elizabeth Both (1976), onde a autora realiza a etnografia por meio de acompanhamento de poucos casos colocados em contraste. Como já mencionado, busquei apoio nas noções de trajetória e estilo de vida, e no conceito de *habitus*, de Pierre Bourdieu (2011), que nos levam a colocar um olhar atento aos capitais social, cultural e simbólico constitutivos das bagagens dessas interlocutoras e de seus espaços sociais.

Dessa forma, procuro entender como as trajetórias dessas três mulheres selecionadas para o estudo, oriundas de lugares diferentes do Brasil e com vidas distintas, contribuem para a construção de propostas que articulam modos de vida e propostas alternativas de economia. E, também, como suas atitudes no âmbito de suas redes produzem efeitos em termos de produção de projetos mais amplos calcados em diferentes sensibilidades econômicas, socioambientais e políticas.

Ratifico que o objetivo geral desta dissertação é compreender a formação de um novo estilo de vida que cresce como fenômeno nas cidades brasileiras, sobretudo em camadas médias, e acelerado pela crise sanitária do vírus Covid-19, que atravessou esta pesquisa. Esse contexto fez com que as pessoas ficassem mais atentas aos seus estilos de vida, o que teve efeitos em suas identidades e na busca por novas formas de bem viver.

Para a consecução do objetivo, foram desenhados alguns objetivos específicos:

- a) Identificar e descrever os passos que conformam as trajetórias por mudanças;
- b) Compreender os motivos que conduzem essas mulheres à busca de uma nova forma de viver;
- c) Analisar a relação entre estilos de vida por elas vivenciados e as propostas mais amplas de novos modelos de economias e suas relações com o local e a comunidade onde vivem;
- d) Entender as atuações engajadas, os discursos engajados, a partir da trajetória de vida, na formação de novos modos de viver.

2 METODOLOGIA

Em termos metodológicos, optei pela realização de uma etnografia que se desenrolou em dois momentos: primeiro, atuando numa observação participante de forma digital, contando com o aporte das metodologias de pesquisa em ambientes digitais propostas por Débora Leitão (2018). E, num segundo momento, o acompanhamento dos sujeitos em seus ambientes, a partir do conceito da *etnografia das percepções*, de Florence Weber (2009). Procurei descrever textual e visualmente cenas sociais (WEBER, 2009) destacadas do acompanhamento de cada interlocutora. A intenção foi identificar cenas paradigmáticas desses percursos com foco nas atuações e práticas de mudança.

Diante das possibilidades trazidas pelo método etnográfico, escolhi trabalhar com a perspectiva da *Etnografia das Percepções*, de Florence Weber (2009), que tem por desafio acompanhar os deslocamentos nos espaços vividos, a partir dos tempos lembrados, das experiências e por meio das “[...] aproximações dos contextos sociais, suas classificações e previsões, enquadradas pela percepção de quem está sendo observada e pela observadora.” (WEBER, 2009, p. 258).

Os momentos de “estar com”, observar e escutar, descritos por Weber (2009), são uma das estratégias metodológicas de adequação dessas associações, consistindo em acompanhar as interlocutoras em seus espaços, ambientes e relações nessa nova vida. Destaco que essa foi uma das técnicas adotadas para entender *as classificações de valores nativos*, contexto em que o pesquisador participa dessa construção, frente à sua reputação, a partir do valor que dá as coisas através da palavra (WEBER, 2009).

Por meio dos lugares que essas três mulheres frequentavam e seus rituais cotidianos, pude identificar as anunciações dos seus estilos de vida. Esses lugares descritos, eram, sobretudo, locais de suas sociabilidades que marcavam suas identidades. Foi nesse percurso “[...] entre observação e reflexão, que se deu a confrontação entre a terminologia nativa e a terminologia intelectual em vias de elaboração.” (WEBER, 2009, p. 66).

A partir das observações que serviram de base para o estudo, percebi as cenas paradigmáticas, entendidas como o momento em que a palavra e o espaço dão contorno ao estilo de vida e ganham relevância em relação a algo mais profundo que deve ser identificado. Processo fenomenológico que se dá em campo e foi definido por Weber (2009) como *cenas sociais*.

Ainda me valendo das possibilidades da *Etnografia das percepções* (2009), me orientei pelas vozes nativas para acompanhar essas mulheres a locais em que se condensam suas memórias, o que permitiu identificar e descrever textual e visualmente essas cenas paradigmáticas.

Início, portanto, o percurso deste trabalho, nessas cenas etnográficas coletadas, constituídas por imagens e objetos selecionados, como livros, e por tudo o que foi observado e detalhadamente elaborado no diário de campo. As cenas possibilitaram entender melhor as escolhas realizadas por essas mulheres ao longo de suas trajetórias.

Além disso, me apoiei em autores do campo da antropologia visual (MENDONÇA, 2005) e que propõem a antropologia compartilhada (GAMA, 2009), em medida em que utilizei imagens captadas no transcorrer da observação e imagens que foram selecionadas pelas três interlocutoras, fruto de suas autorrepresentações. As imagens foram produzidas durante os percursos com as interlocutoras em seus ambientes. Também foram utilizadas imagens que pertencem aos seus acervos pessoais, enviadas pelas interlocutoras, via *WhatsApp*, por solicitação da pesquisadora, para representar as suas identidades ou algum momento que, segundo elas, destacaria a sua trajetória.

Na sequência, tratei de forma mais detalhada os aspectos teóricos e metodológicos envolvidos na realização da etnografia. Primeiramente, descrevi os critérios de seleção dessas mulheres que foram alvo deste estudo. No segundo momento, descrevi minha entrada em campo através da etnografia digital. No terceiro, defini as categorias que organizaram a observação e a análise. No quarto, qualifiquei a observação participante, junto das entrevistas e formas de observação digital realizada por perambulações, imersões e acompanhamentos digitais, com inspiração no processo etnográfico digital de Débora Leitão (2018). No quinto e último passo, descrevi o processo de acompanhamento dessas três interlocutoras, através de uma etnografia presencial, *in loco*, evidenciada através das cenas paradigmáticas construídas, ou seja, pelas cenas que explicitam os estilos de vida e as práticas dessas mulheres, elaboradas a partir da *Etnografia das Percepções*, de Weber (2009).

2.1 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DAS MULHERES

Esta dissertação surgiu da percepção de que havia, ao meu redor, diversas pessoas que estavam engajadas em mudar seu estilo de vida e de consumo. Para tentar compreender melhor esse fenômeno, formulei um projeto de pesquisa em que me propunha a investigar, de forma sistemática, algumas dessas experiências.

Para isso, busquei identificar pessoas que, apesar de estarem vivendo na cidade, assumiam práticas consideradas alternativas de consumir ou estavam pensando em ir morar na zona rural, tendo como referência um forte engajamento com os princípios da sustentabilidade.

Além disso, busquei identificar mulheres que demonstravam capacidade de influenciar os demais a sua volta através de relações presenciais ou virtuais (*on-line*). Neste sentido, suas atitudes e modos de viver eram referência para as pessoas ao seu redor. Foi assim que comecei a procurar pessoas, mais especificamente, mulheres, que se tornaram meu principal objeto de estudo na academia. Busquei em minhas redes sociais, via plataforma da internet, mulheres que estavam vivendo um momento de transformação ou que estivessem alinhadas com novas apostas em seus estilos de vida. Objetivava fazer uma primeira conversa informal, para entender se alguma delas poderiam ser uma das minhas interlocutoras.

Nesse processo, selecionei algumas mulheres que se encontravam em momentos de suas vidas pessoais e de trajetórias profissionais distintas, mas que tivessem como proposta a mudança em seu estilo de vida na cidade. Essa foi uma das minhas primeiras decisões, que se justificava pelo objetivo de acionar diferentes pontos de vista, criando com isso, olhares múltiplos, aspecto enraizado pela antropologia como procedimento que, segundo Lévi- Strauss (1982), é um fator primordial para se trabalhar na perspectiva da teoria antropológica. Foi a partir desses princípios que realizei esta pesquisa, investigando três trajetórias de mudança que, de alguma maneira, tinham implicações mais amplas aos processos de “Bem Viver”, preconizados por Alberto Acosta (2016).

2.2 A ESCOLHA DAS INTERLOCUTORAS

A escolha das interlocutoras foi pautada pelos seguintes critérios: (a) o grau de relevância de mudança do estilo de vida nos últimos anos; (b) capacidade de influência em sua comunidade; (c) identificação de experiências que implicassem numa busca por práticas econômicas e de consumo alternativas ao sistema econômico tradicional. Ressalto que o meu contato com essas interlocutoras selecionadas, de alguma maneira, já existia por meio das redes de trabalhos e projetos que já realizei no Brasil. Então, de algum modo, elas já participavam de minha rede. Ainda que essa participação não fosse de forma intensa ou íntima, ela me deixou mais à vontade para contatá-las e conviver com elas.

É importante destacar que também me coloco dentro da presente pesquisa, não só como a pesquisadora, mas também como parte dessa rede que se formou a partir do interesse pela construção de estilos de vida alternativo do Bem Viver (ACOSTA, 2016).

Entretanto, o meu papel neste estudo é o de buscar entender esses deslocamentos. Neste sentido, estudo suas trajetórias com mais intimidade e abertura em função desse meu contato com essas interlocutoras, de alguma forma mediado pelo campo do Bem Viver em minhas redes.

2.3 A ENTRADA NO CAMPO

A entrada no campo aconteceu com as entrevistas preliminares, mediadas pelas redes sociais em dispositivos digitais, via *WhatsApp*. Foi assim que iniciei o meu contato com as três interlocutoras selecionadas, após alguns dias de observação de suas redes sociais, como *Instagram e Facebook*. Os diálogos, em um primeiro momento, aconteceram via digital e, depois, de forma presencial. Tinham como objetivo acompanhar os seus espaços de trabalho, casa, sociabilidades e identificar as conexões diretas com a sua identidade em transformação.

Durante o trabalho de campo, os depoimentos aconteceram de forma direta, sendo transmitidos por dispositivos móveis, o que garantia um espaço de segurança para os relatos sobre as mudanças dos seus novos modos de viver. Os contatos estabelecidos começaram a fazer parte do dia a dia, já que a rede social *WhatsApp* é usada por todas elas, então tive a oportunidade de cocriar e experimentar novos *modus* de coleta e escuta, já que as mesmas gravavam suas falas e transmitiam logo em seguida para mim, via rede social, *WhatsApp*. Esse modo autônomo de gravação fez com que minhas interlocutoras ouvissem seus próprios relatos logo após de enviados e retomassem o tema das conversas que, naquele momento, tratavam de suas trajetórias e escolhas de forma contínua, contribuindo assim, para um avanço gradual e espontâneo da compreensão sobre seus *modus* de viver.

O acompanhamento também se deu através de entrevistas realizadas em suas casas, durante as quais realizei a observação dos espaços de vida. Também monitorei suas redes sociais, *Instagram e Facebook*, para identificar seus desejos, identidades e práticas. Utilizei a plataforma do *WhatsApp* no processo de costura do meu contato semanal para trocas e aprofundamentos dos pontos que destaquei em suas postagens (nas redes de *Instagram e Facebook*). Ressalto, entretanto, que o *WhatsApp* foi o modo mais utilizado para a manutenção desse contato.

É importante salientar, também, que esta pesquisa se deu na condição de *translocalidade* (SMITH, 2001), ou seja, cada interlocutora estava em um lugar do Brasil, sendo o uso das redes sociais a forma que encontrei para estar mais perto dos locais em que elas vivenciavam seus valores, consumos e sociabilidades.

Para tanto, aprofundi o estudo identificando o que instigou essas mulheres a mudarem os seus estilos de vida, entendido como os seus *modus* de viver, buscando evidenciá-los, a partir de seus *habitus* (BOURDIEU, 2011) e de outras distintas práticas sociais.

2.4 DIMENSÕES METODOLÓGICAS

Após essa caracterização, fez-se necessário discorrer sobre os procedimentos metodológicos aos quais recorri para a coleta dos dados etnográficos, através da *Etnografia da Percepções*, com destaque para a construção das cenas paradigmáticas e a análise de imagens.

A coleta das informações, junto às três interlocutoras, aconteceu através da observação participante (*on-line* e *off-line*) por meio de entrevistas etnográficas (digitais e presenciais) e, através de acompanhamentos, perambulações e imersões por meio das plataformas digitais *WhatsApp*, *Instagram* e *Facebook* – essas organizadas por ordem de prioridade. Compondo, assim, a estratégia de coleta etnográfica que permitiu a interpretação de suas vidas e mudanças de estilo de vida. Nessa seção, consta como foram extraídos os registros em cada uma dessas modalidades. Em destaque, pode-se dizer que o campo foi um movimento entre essas formas de coleta e uma interação recursiva entre elas.

Trabalhei, em um primeiro momento, com uma sondagem investigativa, através de perguntas por e-mail e *WhatsApp* com algumas mulheres que tinham realizado mudanças em seus estilos de vida de forma consciente dentro da minha rede social no Brasil. Esse procedimento foi realizado como estudo exploratório para identificar os primeiros problemas da pesquisa. Nessa perspectiva, como mencionado, houve uma breve análise em suas redes sociais para entender suas referências, influências e estilo de vida. Em seguida, foi possível criar um critério norteador que ajudasse a identificar o processo de mudança pelo qual essas mulheres estavam passando ao adotarem formas alternativas e mais próximas ao que seria um estilo de vida no meio rural, entendido como uma vivência que aproxima pessoas, refletido, também, na importância dada à procedência de alimentos e às formas de consumo e convivência.

Ao fazer essa avaliação, as três mulheres que se destacaram foram Júlia, Camila e Michele. Seus perfis nas redes sociais demonstravam que todas tinham forte engajamento com novos modelos de estilos de vida na cidade, reforçando reflexões e práticas diárias e buscando influenciar seu entorno, e a comunidade mais ampla, por meio de uma forte atuação na internet, refletida em curtidas e comentários.

A percepção disso fez com que elas fossem imediatamente selecionadas como interlocutoras deste estudo, pois não só estavam transformando suas vidas, mas buscando influenciar os demais através de suas práticas. Isso fez com que eu as convidasse a participar deste estudo, informando sobre minhas intenções (no privado) em suas redes sociais. Todas elas aceitaram prontamente e gostaram da ideia de estar sendo estudadas.

Nessa perspectiva positiva, fui trabalhando, pouco a pouco, minhas perguntas sobre as respectivas categorias mencionadas: 1. Processos de Mudança; 2. Práticas Econômicas; 3. Formas de Ativismo.

Fruto dos diálogos exploratórios digitais – via *WhatsApp* – com trocas e percepções contínuas com as interlocutoras, selecionei três momentos de suas vidas que caracterizavam o seu *habitus* (BOURDIEU, 1990). Como não era possível estar diariamente junto com as três de forma presencial, pois elas vivem em cidades diferentes, selecionei momentos, via as entrevistas digitais, que representassem o seu estilo de vida e suas propostas ideológicas de mudança. A observação participante presencial foi realizada por meio de acompanhamentos em destaque das suas rotinas, trazendo ritmo à etnografia. Esses encontros duravam, em média, quatro horas por período, totalizando em torno de vinte horas de contato presencial e uma média de dez horas de contato digital com cada interlocutora.

A observação participante (digital e presencial) deu abertura à antropologia visual. Usei como possibilidade a análise de fotografias para trabalhar e descrever as cenas paradigmáticas, priorizando as imagens capturadas e produzidas em campo para compor a narrativa etnográfica. Na sequência, propus que as informantes também selecionassem imagens de seu acervo pessoal ou que fotografassem algo que expressasse seus próprios gostos e ideias, oferecendo-lhes um espaço de autorrepresentação, para que elas próprias pudessem falar de si e do seu momento. Com essa proposta, elas foram estimuladas a trazer à tona os artefatos culturais que compõem o seu capital cultural, adicionando à coleta tudo aquilo que informava sobre o seu “despertar”, através de livros, objetos e coleções, anunciando uma antropologia compartilhada (GAMA, 2019).

As perguntas norteadoras foram um ponto de início para o momento exploratório de campo, via etnografia digital, a partir da plataforma *WhatsApp*. Com essa primeira sondagem, pude identificar os sinais para onde eu deveria investir meus esforços nos acompanhamentos e contatos presenciais, *in loco*, através da etnografia das percepções (WEBER, 2009).

As perguntas foram o meio que encontrei de conhecê-las, inicialmente, e me aprofundar partindo do diálogo sobre as mudanças e me deslocando com mais precisão para um acompanhamento que qualificava seus estilos de vida. Abaixo, apresento as primeiras perguntas que deram início ao processo de pesquisa:

- Como se iniciou a mudança no seu estilo de vida?
- Quais fatores criaram essas mudanças em sua vida?
- Por que você tomou a decisão de mudar o seu estilo de vida?
- Qual foi o ponto paradigmático para realizar essa mudança?
- O que, de fato, mudou? E qual foi o impacto em sua vida?
- Como é consumir e fazer escolhas a partir dessa mudança?
- Esse novo estilo de vida tem relação com alguma crise econômica, religião, causa social ou forma de ruptura, ou seja, como dispositivo de ativismo ou resistência?
- Qual é o significado dessa nova economia na cidade? Quem são seus pares?

A ideia era identificar quais foram os momentos dessa trajetória que deram início àquelas mudanças pessoais, e quais os efeitos e resultados dessas mudanças nos seus estilos de vida. Realizei, ainda, entrevistas a partir de perguntas abertas sobre suas trajetórias, cruzando-as com seus momentos, buscando construir, com isso, uma maneira mais dialética e espontânea de diálogo. Ao fazer isso, tive maior oportunidade de passar pelos espaços marcados e permeados por suas questões representativas e de identificação, até, de fato, chegar nos momentos de mudança.

2.5 ETNOGRAFIA DIGITAL

Através das perguntas mencionadas anteriormente, foram feitas uma série de conversas on-line em forma de entrevistas, através de áudio via *WhatsApp*. Pude, assim, ter um maior contato com os valores e ideias das interlocutoras, por meio de perguntas que nortearam as conversas sobre suas trajetórias. Após esse primeiro momento, foram feitas, também, de três a quatro interações presenciais (*in loco*) com cada interlocutora, em que pude, de forma mais aprofundada, acompanhar as principais atividades que compõem esse movimento de mudança de estilo de vida.

O trabalho de campo aconteceu entre os anos de 2019 e 2021. Ao longo desse período, trocamos informações sobre suas rotinas, vivências, experiências e sentimentos, tendo como gatilho as observações feitas pelas *perambulações* (LEITÃO, 2018) no *Instagram e Facebook*. É importante ressaltar que as observações (perambulações) em suas redes sociais serviam de apoio aos dispositivos encontrados em suas postagens para iniciar as conversas, chamadas de acompanhamentos digitais e que aconteciam em períodos não fixos, o que, de algum modo, reforçava minha observação de suas redes sociais e imersões que retratavam as suas identidades e capitais culturais. O processo se tornou-se tão fluido que, no decorrer da etnografia, as próprias interlocutoras enviavam espontaneamente as suas referências e outras contribuições ao estudo, lembrando-me daquilo que eu poderia agregar no contexto da pesquisa.

Entretanto, foi através das *perambulações* (LEITÃO, 2018) nas redes sociais *Instagram e Facebook* que identifiquei os signos daqueles estilos de vida que elas reivindicavam de forma mais conscientes, sendo a partir deles que eu me aprofundi na análise de seus valores, identidades e memória. Nas redes sociais, o fato etnográfico se construía diariamente, via postagens e fazia parte dos seus cotidianos e me ajudava a identificar questões e formular considerações para as entrevistas via plataforma de *WhatsApp*, chamado de *acompanhamentos* por Débora Leitão (2018).

Desses acompanhamentos, selecionei três momentos de suas vidas, pois não poderia estar imersa permanentemente na vida dessas mulheres. Partindo das histórias contadas por elas, fui mapeando os seus rituais, formas de trabalho, práticas econômicas, rede de sociabilidades e consumo, e preparei-me para os acompanhamentos presenciais, chegando, finalmente, às cenas paradigmáticas.

Nesse sentido, a interação digital contribuiu muito para a ativação de conversas sobre momentos de seu dia a dia, hábitos, convivência e círculo das “socialidades” (SIMMEL, 2006), sendo possível acessar lugares e momentos importantes de suas vidas. Esse tipo de estratégia de interação fez com que eu pudesse acompanhar, mesmo estando longe, através da observação participante – via suas redes sociais no digital – suas vidas, com o objetivo de entender esses campos de interesse e os artefatos culturais que estavam associados a esses percursos.

A utilização do recurso de áudio do *Whatsapp* também me permitiu perceber, via seus relatos, em que o tom de voz, os silêncios, os sotaques e a forma como explicavam e falavam, diziam muito sobre as interlocutoras. Nesse processo, fotos e vídeos eram enviados sempre que pedidos, dando subsídios para eu perceber seus gostos e valores, suas memórias e identidades.

Esse tipo de coleta etnográfica digital, foi inspirada em Débora Leitão (2018), na categoria *imersões*, onde a autora a destaca como uma de suas maneiras de avançar em suas representações de seus interlocutores, através das sensibilidades etnográficas digitais.

As redes sociais como *Instagram e Facebook* foram os modos frequentes de se observar suas vidas, com interações via suporte da rede *WhatsApp* durante os meses mais intensos de coleta dos anos de 2019, através dos fatos catalogados do campo. As redes sociais se tornaram mais que um lugar de observação, mas um ambiente onde pude selecionar palavras-chave de suas expressões e imagens do seu dia a dia para identificar alguns episódios marcantes, podendo trazer para a conversa nos acompanhamentos, questões mais profundas e gatilhos dessa experiência.

Nesse caso, eu me fazia presente, sempre que possível, dando *likes* em suas fotos, mas poucas vezes interagia. Pois a ideia era estar ali, mas não estar fazendo parte de modo integral em seu meio para não parecer invasiva. Houve alguns momentos nos quais eu repostei algumas fotos delas, advindas de suas redes sociais e as marquei. E esse foi um momento áureo desse nosso encontro digital, já que ficava nítido que elas se sentiam orgulhosas de terem suas vidas vistas como objetos de estudos, o que me garantia mais espaço para trocas ainda mais abertas. Porém, sempre repostava suas fotos de modo discreto, para que elas não se sentissem invadidas em suas intimidades.

A técnica de observação, via “perambulações” (LEITÃO, 2018), fez com que eu tivesse temas semanais para trabalhar, sendo as postagens gatilhos para iniciar nossas conversas. Mas, foram nos encontros presenciais, definidos a partir dessas conversas exploratórias digitais, que eu pude, realmente, dimensionar o quanto daquele engajamento virtual espelhava suas práticas cotidianas, suas identidades e seus valores.

2.6 ETNOGRAFIA DAS PERCEPÇÕES

Foi a partir da etnografia digital que selecionei três momentos e lugares como pontos de partida para que eu pudesse acompanhar os rituais e eventos, relacionados com seus novos estilos de vida, ditos por elas como mais “conscientes” e que eu pudesse confirmar minhas percepções. Os acompanhamentos *in loco* foram realizados com a inspiração na *Etnografia das Percepções* (WEBER, 2009), a partir do qual pode-se identificar as cenas sociais qualificadas pelos significados nativos. Nesse sentido, “[...] a etnografia é marcada por uma hipótese de uma percepção socializada entre quem observa e o observado.” (WEBER, 2009, p. 259).

Os acompanhamentos em campo aconteceram em turnos que duravam entre três e cinco horas, tempo em que dava oportunidade de acompanhar suas apresentações de trabalho, buscar e fazer parte de atividades da escola dos filhos, assistir a uma sessão de cinema e ir com elas a lojas do bairro para comprar produtos ecológicos e sustentáveis.

Durante o acompanhamento *in loco*, pude encontrar os amigos comerciantes em feiras locais e ir a cursos sobre novos modelos de economia. Fiz parte de jantares e cafés da manhã na floresta, leituras de cartas e aberturas de seus diários. Assisti ao filme do casamento sustentável na sala de estar de um dos casais, ajudei a cuidar das crianças e participei de uma trilha com o cachorro guardião da família que nos acompanhou envolvido pela ideia que, ao fim, teríamos o momento ímpar em uma cachoeira. Júlia foi, entretanto, uma exceção, uma vez que tive que estender os três acompanhamentos, para uma imersão de cinco dias em sua casa, no Vale das Princesas, na zona rural que fica na serra do Rio de Janeiro. Tudo isso aconteceu com a participação do seu companheiro, filha e amigos, em um intenso mergulho em campo, dentro do seu projeto chamado *Looping Rural*.

2.7 DURAÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO

O trabalho de campo durou vinte meses. Foi de maio de 2019 à janeiro 2021, tendo como suporte a *Etnografia digital* que me deu oportunidade de acompanhar lugares específicos, também de forma remota, e com a intensa observação participante nas redes sociais. Isso quer dizer que, ainda que a coleta de registros tenha sido finalizada em 2020, no ano de 2021 ainda tive contato com as interlocutoras, sempre que havia necessidade de me comunicar para confirmar algum dado.

Mesmo após o encerramento do trabalho de campo, minhas interlocutoras permitiram que eu continuasse a acompanhar os seus cotidianos de alguma maneira, já que a publicação de novas informações em suas redes sociais continuava refletindo os seus estilos de vida e, devido à pandemia de Covid-19, a expressão de aspectos relativos as suas práticas diárias, que visam maior bem-estar, boa alimentação e tempo de qualidade para realizar atividades perto da natureza, tiveram maior recorrência, demonstrando a permanência dos valores que foram evidenciados anteriormente.

Assim, o cenário pandêmico de Covid-19 colocou em evidência escolhas mais conscientes e reflexivas, a partir de um panorama que ainda estava em transformação. O que apareceu na verbalização orgulhosa de Júlia sobre a sua mudança para o Vale das Princesas:

“[...] nunca imaginei que meu modo recluso de vida, em meio a floresta, seria o modo geral das pessoas que vivem na cidade.” Essa fala me fez refletir ainda mais sobre como acontecem as transformações dos seus estilos de vida, já que eu também estava vivendo esse momento pandêmico, no ano de 2020, na fase de elaboração das cenas etnográficas relativas às demais interlocutoras, dando corpo a etnografia das percepções e as cenas sociais (WEBER, 2009).

2.8 QUESTÕES ÉTICAS

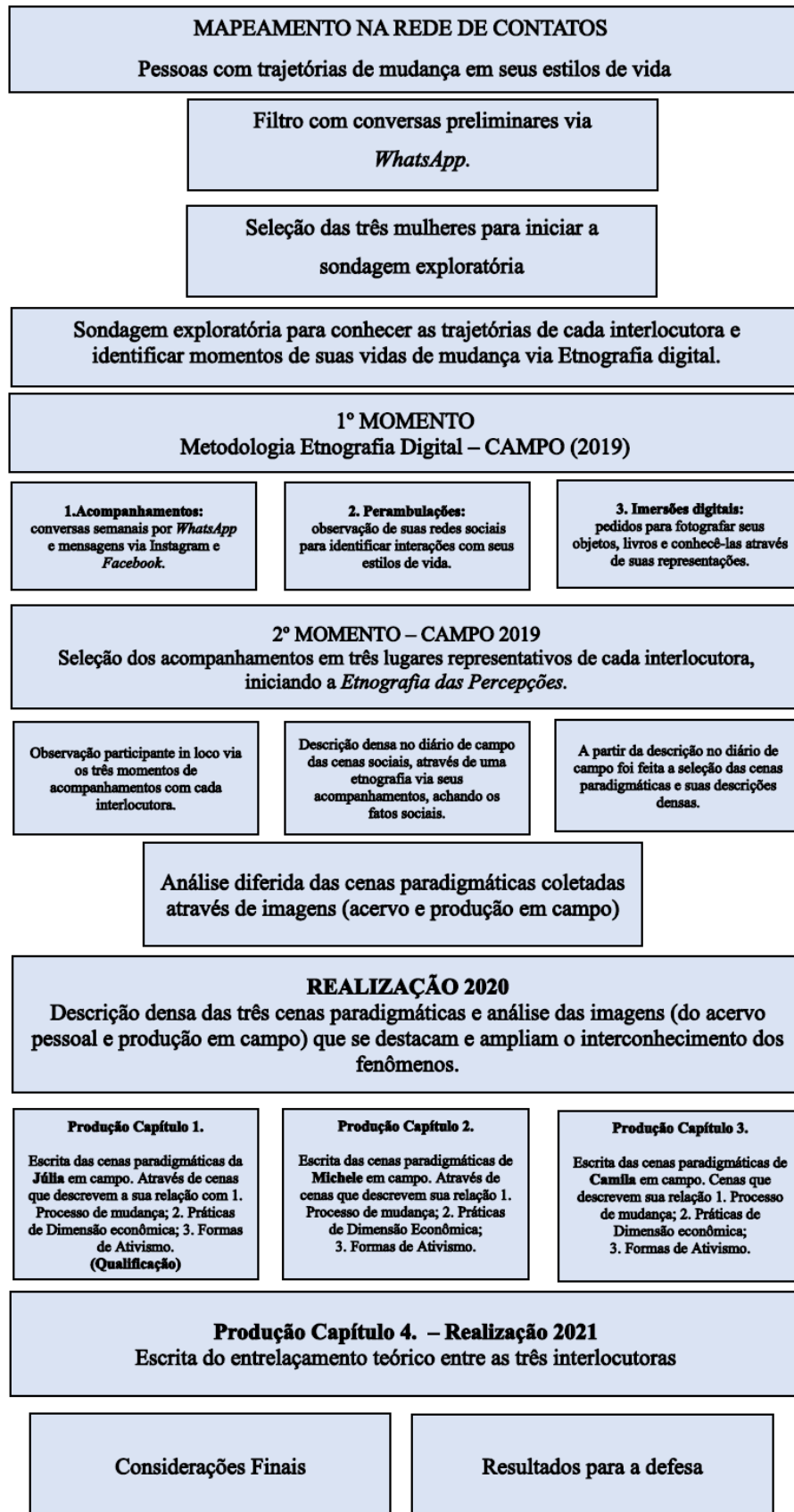
No que se refere a questões éticas, procuro esclarecer que as interlocutoras selecionadas estão, sem exceção, de acordo com as metodologias aqui utilizadas, tendo sido de antemão esclarecido e acordado como seria realizada esta pesquisa. O aceite das interlocutoras em participar da pesquisa implicou no comprometimento e na disponibilidade delas para trocas sobre seus cotidianos, via conversas pela rede social *WhatsApp*, a organização de suas agendas para as entrevistas e tempo disponível para o meu acompanhamento presencial.

Após a produção, compartilhei o texto e as imagens com minhas interlocutoras para que elas pudessem fazer parte desta etnografia, em uma antropologia compartilhada, como indicado e recomendado por Fabiene Gama (2009), na prática de suas pesquisas que utilizam imagem e foco em trajetórias. Nesse sentido, a aproximação teve o intuito de fazer com que elas se sentissem parte das análises que foram desenvolvidas, frente à narrativa de suas trajetórias de mudança.

O momento de fechamento do texto, em 2021, também visou me proteger, como pesquisadora das trajetórias de vida descritas, e as proteger de qualquer inconveniente em relação à exposição de suas intimidades. Para tanto, foi criado um modelo de autorização onde cada uma autoriza suas verbalizações, imagens produzidas em campo e acervo pessoal, dentro da dissertação, que está presente na seção “Anexos” ao final deste trabalho.

Já o percurso metodológico, designado pelo *Quadro 1*, a seguir, ilustra como se deu a elaboração da metodologia proposta para esta dissertação.

Quadro 1 - Percurso Metodológico



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

3 APRESENTAÇÃO DAS INTERLOCUTORAS

Começo a jornada para a análise das trajetórias individuais de minhas interlocutoras, buscando entender as minúcias de suas experiências e a forma como elas estão tentando construir formas de vida distintas a partir de novas percepções sobre o mundo contemporâneo. Neste capítulo, será realizada a descrição das cenas paradigmáticas que expressam as vivências e valores dessas interlocutoras analisadas a partir das seguintes dimensões: 1. Processos de Mudança; 2. Práticas Econômicas; 3. Formas de Ativismo.

A seguir, os perfis de Júlia, Michele e Camila.

Júlia é carioca, tem 38 anos, é casada com o Bernardo e tem uma filhinha de um ano e meio que se chama Teresa. É jornalista de formação e trabalhou durante dez anos em agências de publicidade. Seu último emprego formal foi na Fundação Roberto Marinho, como diretora de estratégia digital, no marketing da *Rede Globo*. Na época, Bernardo era seu namorado e trabalhava na empresa *Som Livre*. Os dois residiam em bairros da zona sul da cidade do Rio de Janeiro e detinham uma vida de classe média bem estabelecida. Há quatro anos, Júlia resolveu mudar totalmente sua vida, e com recursos próprios, foi viajar de mochila pelo mundo buscando viver as mais variadas formas de cultura. Ela viajou por diversos países, buscando entender novas formas de vida e culturas. A viagem se iniciou em 2016, e ela chama essa experiência de projeto *Looping 365 dias*, pois o objetivo era ficar 365 dias viajando.

Depois da doença avassaladora de sua mãe, uma médica e psicanalista consagrada no Rio de Janeiro, Júlia decidiu mudar de vida radicalmente. Voltar para a casa, em julho de 2017, se fazia necessário, mas não da mesma forma – longe do viver no automático, em uma vida pautada pelo trabalho intenso e o consumo desenfreado para se “autoagradar” pelo que lhe faltava, como o tempo, que dedicava a tudo, menos às atitudes e aos processos nos quais acreditava realmente. Foi em outubro de 2017 que ela e o companheiro decidiram morar em uma casa da família de Bernardo que estava abandonada. A casa fica perto de Petrópolis, na serra do Rio de Janeiro, num lugar chamado Vale das Princesas. Lá eles criaram seu projeto *Looping Rural*, que consiste na ativação da Permacultura e do voluntariado, oferecendo hospedagens rurais e “imersões agroecológicas” com o objetivo de trazer pessoas da cidade para experimentarem um novo estilo de vida na zona rural.

Michele Zgiet é de Minas Gerais, mas morou a vida toda em Porto Alegre. Tem 38 anos, uma filha de sete anos chamada Cecília e é separada do seu ex-companheiro há quatro anos. Michele é formada em Letras pela UFRGS e se denomina arte-educadora.

Sua vida passou por grandes mudanças após ela ter realizado, em 2015, um concurso para uma vaga como arte-educadora em Ilha Grande que lhe proporcionou a segurança de uma vaga como funcionária pública pelo estado do Rio de Janeiro.

Na época, essa parecia a melhor opção, sobretudo para sua mãe, que acreditava que aquela era a grande oportunidade de vida para a filha. Michele colocou todas as suas expectativas de mudança para viver em uma nova cidade, no ano de 2016, onde poderia fazer as mudanças que sempre desejara, tendo uma remuneração garantida todos os meses, já que até então, sempre trabalhara em projetos não fixos. Mas, viu seu plano de viver de forma mais segura ir por água abaixo. Em função, principalmente, do contexto político em que vivia o Brasil, no ano de 2018, quando deixou de receber o salário e ficou sem aporte para viver e trabalhar na Ilha Grande, local onde morava e trabalhava. Naquele momento de grande angústia, pediu exoneração de seu cargo, voltando, no final daquele mesmo ano, para cidade e rede que sempre lhe acolheram.

De volta à Porto Alegre, Michele buscou viver a partir de um novo estilo de vida dentro da cidade, criando sua filha de acordo com uma filosofia mais naturalizada, com “vocação e respeito a sua própria natureza”. Seu grande sonho é viver da arte-educação, a partir de trabalhos literários em que possa problematizar políticas ativas que fortaleçam a vocação e as subjetividades de mulheres. Nesse sentido, Michele realiza projetos autônomos, a partir de um legado engajado, com grande foco e pertença em sua comunidade (presencial e digital), e rede de mulheres, com atividades que abarcam desde aulas de literatura, escrita criativa e consultas de tarô.

Camila é gaúcha, têm 32 anos, é casada com o André e tem um cachorrinho que faz as vezes de filho em sua vida. É formada em Administração, com especialização em Cooperativismo e mestrado em Sistemas Criativos pela Unisinos. Sua mãe é psicóloga e atua como professora universitária. Seu pai é arquiteto e tem um grande *hobby* que influencia toda a família: colecionar carros antigos. Camila viveu grande parte de sua vida sozinha. Mesmo morando com os pais, possuía uma relação de grande autonomia e independência. Camila tem uma vida centrada no trabalho e já viveu grandes feitos em sua carreira. Agora, está empenhada em mudar a lógica tradicional das práticas econômicas fundamentalmente focadas no lucro, através da difusão das ideias relativas à sustentabilidade e do incentivo ao cooperativismo.

Depois de muita estrada na administração, mas sempre com um pé no engajamento pela sustentabilidade, Camila foi viver sua jornada de diferença no ano de 2015, dentro da Rede Cooperativista de Crédito Sicredi, onde ela cuida das questões relativas à inovação, diversidade e cultura.

Obstinada, ela acredita fazer a diferença no mundo através do impacto ético dentro das corporações das quais esteve. Incansável, em suas horas vagas ainda é voluntária do programa de economia do Sistema B no Sul do Brasil, que começou no ano de 2016. Camila enxerga a si mesma como a “ovelha verde” das empresas em que trabalhou. Sempre buscou maneiras práticas de mostrar como a proposta de sustentabilidade é uma das grandes ferramentas de mudança social. Ela acredita que tem deixado como legado nas empresas por onde passa e mudança de posicionamento que ela estimula, através da realização de dinâmicas e práticas que ajudem a identificar e entender como o negócio empresarial impacta diretamente o contexto socioambiental.

A sequência desta dissertação tem quatro capítulos. O três primeiros descrevem, a partir do cruzamento entre *etnografia digital e presencial*, as cenas paradigmáticas relativas ao percurso de cada uma das interlocutoras. No quarto capítulo desenvolvo a análise através do entrelaçamento da etnografia das três interlocutoras através da retomada das três dimensões analíticas: 1. Processos de mudança; 2. Práticas Econômicas; 3. Formas de Ativismo. Ao fim, trago considerações finais, onde destaco algumas lacunas e possibilidades para novas pesquisas.

4 CAPÍTULO 1 – JÚLIA

A partir das minhas observações sobre Júlia, descrevi em forma de cenas as vivências ao seu lado, que foram capazes de trazer à tona os fenômenos que impactam o contexto dessa interlocutora e o seu comportamento no meio rural. As cenas são descritas por meio de três dimensões analíticas: 1. Processos de Mudança; 2. Práticas Econômicas; 3. Formas de Ativismo. A discussão se estrutura a partir dos respectivos temas: (i) a energia geradora de mudanças desencadeada pela morte da mãe e pelo seu projeto de conhecer o mundo; (ii) o investimento que possibilitou um sistema de pagamento solidário e justo, ao executar uma modalidade de três escalas de pagamento para viabilizar a experiência de hospedagem e oficinas em uma casa de veraneio no meio da floresta, chamado de *Looping Rural*¹ e; (iii) o encontro com a comunidade de mulheres, a partir da maternidade, e o fortalecimento dessas redes de conhecimento local.

Júlia é carioca, têm 38 anos, é casada com Bernardo e tem uma filha de um ano e meio que se chama Teresa. Jornalista de formação, trabalhou durante dez anos em agências de publicidade. Seu último emprego formal (CLT) foi na Fundação Roberto Marinho, como diretora de estratégia digital, no Marketing da Rede Globo.

Bernardo, na época, seu namorado, trabalhava na Som Livre. Os dois residiam em bairros na zona sul, na cidade do Rio de Janeiro, e detinham uma vida de classe média tradicional. Há quatro anos, Júlia resolveu mudar totalmente sua vida, em um projeto que tinha como objetivo sair de mochila pelo mundo. Viajou por diversos países, buscando entender novas formas de vida e culturas. O projeto foi chamado *Looping 365 dias*, e buscava viver as mais variadas formas de cultura por meio do voluntariado.

Depois de uma doença que avassalara sua mãe – médica e psicanalista consagrada no Rio de Janeiro – Júlia decidiu mudar de vida radicalmente. A partir de então, voltar para casa se fazia necessário, mas não da mesma forma. Agora, nada de viver no automático, condicionada a uma vida pautada no trabalho intenso e no consumo desenfreado para recompensar a si mesma pelo tempo que era dedicado a tudo, menos às atitudes e vivências que acreditava realmente. Por isso, ela e seu companheiro decidiram morar numa casa que estava abandonada pela família de Bernardo, perto de Petrópolis, na serra do Rio de Janeiro, chamado “Vale das Princesas”.

¹ Espaço de hospedagem e cursos no rural, localizado no Vale das Princesas. Fica situado na serra do Rio de Janeiro, entre Petrópolis e Miguel Pereira.

No local, atualizaram o seu projeto *Looping 365 dias* para *Looping Rural*. Hoje vivem, em meio à floresta, uma vida mais atenta a suas demandas, interesses e tempos. Buscam conviver com pessoas do mundo todo que chegam por lá via a hospedagem oferecida pelo aplicativo *Airbnb*. Também se relacionam com pessoas e amigos de amigos que procuram os cursos que oferecem, fortalecendo as experiências de procedência ecológica, natural e equilibrada.

A maioria da rede de amigos vem do projeto *Gaia Education*². Em sua maioria, são pessoas que têm afinidade com os temas de Agrofloresta e Design em Permacultura. Esses cursos também foram realizados por Bernardo, companheiro de Júlia e seguem sendo atualizados pelos grupos de voluntariados que chegam na casa do *Looping Rural*, com o objetivo de manter a ideia de produção local e autogestão de alimentos, como alternativa de vida para o casal e seus hóspedes.

O projeto *Looping Rural* busca mostrar as experiências de como é viver uma vida pautada por elementos da Permacultura, conceito criado por David Holmgren (2013), que visa a cultura da permanência, baseada em um design agroecológico e social. A proposta foca na utilização dos princípios ecológicos, que são utilizados para projetar, criar, gerir e melhorar todos os recursos e esforços realizados por indivíduos em suas comunidades, fazendo com que os mesmos reflitam sobre o que estão fazendo para criar um futuro mais sustentável ao nosso planeta. No *Looping Rural*, essa rede de hospedagem de final de semana, através do *Airbnb*, as oficinas de experiências ecológicas e o voluntariado são movimentadas pelas pessoas que frequentam o espaço e que estão atrás de experiências de vida mais simples e em contato com a natureza.

Júlia deseja construir uma relação “muito bonita” com as mulheres da comunidade. Buscou, através do tema da maternidade, reunir gerações em um grupo de mulheres na região, que promove cafés para troca emocional, oferece aulas de línguas, oficinas de produtos ecológicos; também organiza estratégias para fomentar a economia local e estimula as famílias

² Segundo o site da organização “Gaia Education”, o Gaia aprofundou sua parceria com a UNESCO através do *Global Action Programme on Education for Sustainability* – no âmbito da prioridade 5: “acelerar mudanças a nível local.” Essa parceria desencadeou uma diversificação e expansão do trabalho de forma inusitada, gerando uma demanda de educadores qualificados em metodologias que aceleraram a implementação dos Objetivos no Desenvolvimento Sustentável (ODS) em nível local. Os interessados em participar do Gaia Education – treinamento online que forma educadores qualificados em Design Sustentável, através de até quatro dimensões do currículo do Gaia Education em Design Sustentável. Os Facilitadores e educadores capacitados pelo Instituto Gaia Education estarão preparados para facilitar o novo programa “Gaia/UNESCO – Acelerando Implementação das ODSs”. Gaia Education 2020. Disponível em: <https://www.gaiaeducation.org/face-to-face/training-of-trainers/curitiba/>. Acesso em: 23 mar. 2021.

a realizar uma feirinha com foco nos produtos artesanais e ecológicos da região do Vale das Princesas.

Nem sempre foi assim. Antes de ficar grávida, o contato com aquela comunidade foi difícil para Júlia. As pessoas não entendiam o que o casal fazia ali na região. Eram muito diferentes dos moradores locais. Não solicitavam os “serviços” e “cuidados” dos “locais” da região, porque faziam eles próprios todos os serviços domésticos. Para o seu companheiro, Bernardo, foi muito mais fácil a interação, já que a rede de conexão se dava através do círculo de socialização dos jogos de futebol e das conversas sobre a plantação. Bernardo já era conhecido no local. Quando garoto, passava o verão no Vale, na casa da família. Todavia, com Júlia havia uma estranheza recorrente, pois não a classificavam nem como patroa das casas de veraneio e muito menos como uma moradora local que prestava serviços à região. Nesse sentido, ela ficou muito tempo sem lugar, o que lhe causava muita angústia.

Mas, foi através da maternidade que sua relação com a comunidade de mulheres do Vale das Princesas mudou. Por meio das trocas de experiências maternais, Júlia pôde ser incluída na comunidade e fazer a sua primeira rede de mulheres mães da região, através de um grupo de *WhatsApp*, criado por ela mesma.

A busca por viver experiências em junção com a *natureza* e atribuindo novos significados às formas de vida, compõe uma proposta híbrida de relações sociais entre o campo e a cidade. O urbano e o rural se relacionam ao que é caracterizado, a partir desse imaginado *estilo de vida*, como necessidade de bem viver. Williams (2001, p. 409), em sua discussão sobre a divisão entre o campo e a cidade, argumenta que “só podemos vencer a divisão nos recusando a ser divididos”. Acredito que essa frase é constituinte do cerne do meu acompanhamento daquelas cenas sociais com a Júlia.

O território rural tem sido cenário de profundas transformações, não apenas na paisagem, mas nos campos sociais, culturais e econômicos (CARNEIRO, 2008). Nesse sentido, percebe-se um aumento da migração, do urbano para o rural, de famílias da classe média, com o objetivo de viver com mais segurança, ar fresco, alimento de verdade colhidos direto da horta e uma relação mais harmoniosa com o tempo e a natureza. Esse êxodo urbano, rompe com a dualidade existente entre campo e cidade – em função do trânsito recorrente dessas famílias, promovendo um diálogo entre esses novos atores com o fenômeno chamado de “Renascimento do Rural”. (KAYSER, 1990).

Segundo Carneiro (2008), o diálogo entre o campo e a cidade fez nascer o pensamento e a identidade dos “novos rurais”.

Eles são atores sociais urbanos que buscam viver considerando questões éticas e ecológicas, conferindo outros significados a suas vidas e influenciando os demais à sua volta, em um movimento de retorno às origens. Sobretudo, em grandes centros urbanos das regiões Sul e Sudeste do Brasil, no que concerne aos territórios com maior aderência ao campo de possibilidades (VELHO, 1994) da classe média, proporcionando efeitos para quem mora no rural e, também, para quem volta dele.

Foi a partir do meu acompanhamento durante cinco dias ininterruptos (de 03 a 08 de dezembro de 2019) no *Looping Rural*, que selecionei e descrevi as cenas paradigmáticas vividas ao lado de Júlia, que dialogam com os temas e discussões fomentados por esta pesquisa.

4.1 DIMENSÃO ANÁLITICA: PROCESSOS DE MUDANÇA

A seguir, apresento uma análise da trajetória de Júlia, a partir da dimensão dos seus processos de mudança.

4.1.1 Cena 1: o cálculo impreciso e o hibridismo de influências

A primeira descrição etnográfica desta dissertação se inicia pelo final, pelos meus últimos momentos de campo. Explico: eu começo pela cena que cancela minha convivência ao lado de Júlia, que aconteceu nas últimas quatro horas de estada no *Looping Rural*. Era o começo de dezembro de 2019. O calor do verão já fazia marca no ombro da blusa que eu vestia. Meu último dia com Júlia foi um domingo de sol muito quente que fez com que todos da casa fôssemos acordados pela ideia de ir a uma cachoeira, situada ali mesmo no Vale das Princesas, Chamada de “Secreta” – intitulada assim pelos moradores locais, a cachoeira fica a dez minutos de carro da casa de Júlia e, mais ou menos, a uns vinte e cinco minutos a pé, ou seja, pertinho, mas nem tanto.

Fui acordada com uma mensagem da Júlia sobre a ida à cachoeira da região. Ela me convidava em um tom de presente. De alguma forma, aquilo dava contorno à minha estada ali, afinal, era o nosso último encontro e ele foi em estilo *grand finale*. Essa cachoeira também é um local importante para Bernardo, por ser um lugar onde ele se conecta com a natureza e faz as suas caminhadas nos dias de semana, junto do seu cachorro da raça *Border Collie*, chamado Miró. Segundo ele, esse é um lugar para se ficar um tempo sozinho e pensar na vida.

Figura 1 – Janela se abrindo para a mata



Fonte: Dados da pesquisa (2019).³

Júlia e Bernardo também costumam levar os amigos do Rio de Janeiro até lá, um evento para hóspedes e visitantes – algo que marca e quebra a rotina no Vale das Princesas. Portanto, a ida é um momento importante dessa experiência de estadia. Naquela manhã, pela primeira vez, levariam a Teresa, sua filhinha de apenas um ano, ao evento da cachoeira. Júlia, mesmo não querendo se molhar, pois a água, segundo ela, ainda estava muito gelada naquele período, fez questão de enfatizar o momento. Relatou a potência do que seria a atividade, daquela minha última manhã com eles, me convidando com um sorriso largo, que anunciava a vontade de me levar e mostrar, ainda mais, a força da natureza daquele lugar.

Quando escrevo que nós todos fomos acordados por essa ideia da cachoeira, me refiro à Júlia, Bernardo, Teresa e mais um casal de amigos do Rio de Janeiro com o filhinho, da mesma idade de Teresa, que estavam na casa. Eram hóspedes amigos, de final de semana, que ficaram conosco o tempo inteiro. Foi interessante observar o quanto eles incitaram a sensação adormecida em Júlia do que é morar na cidade, trazendo lembranças de lugares, produtos feitos no bairro de Botafogo, onde moravam, e assuntos sobre trabalhos e relacionamentos que denunciavam o desejo de estar perto da natureza, mas nunca tão perto que não pudessem voltar para a cidade. A cena reflete muito sobre o interior de Júlia e seu hibridismo de influências, tecido pelo cruzamento da roça com a cidade.

³ Nota: Esse foi o meu primeiro registro em campo com o *Looping Rural*, pensão de imersões e experiências rurais – acompanhadas por reflexões sobre as novas formas de viver. Assim, junto da análise do espaço e da comunidade em que ela convive, eu abri o meu campo com a proposta de imersão de cinco dias intensos com a Júlia e sua pequena família.

O processo de metamorfose, ou de mudança que vive Júlia, se relaciona com o que propôs Velho (1994) ao relatar as transformações da classe média brasileira em um processo de fragmentação constituído por suas identidades que tem em seu cerne o *habitus* (BOURDIEU, 2007) da cidade. Um brioche com geleia de laranja e pimenta, no meio do café da manhã, em plena floresta, tem a capacidade de despertar, de imediato, o poder presente nas marcas, produtos, gostos e desejos do urbano, ainda que replicados na zona rural, onde nada daquilo é vivido com aquela intensidade. Fez lembrar daquele lugar deixado na cidade com felicidade. Nesse sentido, o inebriante estava ali pertinho de novo, ao lado direito da mesa. Segundo ela: “Adoro receber amigos, eles trazem coisas gostosas. Parece que estou tomando café da manhã num hotel. Me sinto cuidada, pois não tenho que pensar em tudo.” (JÚLIA, 2019).

A ida à cachoeira não foi diferente. Fomos de carro eu, Júlia, Bernardo e Teresa. O casal de amigos resolveu ir a pé, antes de nós, pois estavam ansiosos para chegar e viver a natureza o quanto antes, a sensação tão esperada. Estávamos em um vale, no meio de uma floresta com cachoeira, água nativa e fresca, muito verde em nossa volta, um silêncio retumbante e um cheiro latente de mato – de verde. Mas, a vontade de fazer algo, como: produzir comidas, fomentar conversas, ideias e projetos a se realizar, ainda era uma necessidade pungente do casal de amigos.

A energia do casal era espantosa, já que tinham um bebê pequeno que demandava muita atenção, o que refletia uma certa angústia em Júlia, que se sentia exausta. Mesmo dividindo o tempo da Teresa com o Bernardo de forma igualitária, estava bem exaurida pela imersão na maternidade, a respeito da qual fazia questão de dizer que não a completava totalmente e que precisava de socialização, troca e se enxergar no outro. Essa fragmentação de histórias, diferentes estilos e visão de mundo – explicada por Velho (1994) em sua descrição das sociedades complexas – possibilita Júlia ter a sua ideia de identidade de volta, através das histórias dos amigos, hóspedes e voluntários que vinham para experimentar o seu *projeto de vida Looping Rural*, ainda que essa identidade fosse eventualmente comprimida pelo momento da maternidade.

Júlia foi colocada em xeque pela animação do casal que estava eufórico com a novidade daquele momento. Júlia buscava a mesma euforia, sentia falta da disposição inicial de quando ela se mudou para o campo, mas, em sua adaptação ao próprio local, foi encontrando certa estabilidade. Percebi que viver no rural era também sobreviver aos desafios e instabilidades, sobretudo da natureza, que tem tanto a lhe ensinar em termos de harmonia, ciclos e riqueza.

Nesse sentido, os amigos que sobem para o Vale são uma das formas de resgatar tudo aquilo que se perde pelo isolamento na floresta e pela a maternidade em tempo integral: “*a maternidade é linda e maravilhosa, mas não me completa. Preciso estar em contato com as pessoas. E os eventos que viabilizamos e, juntamos amigos e pessoas da comunidade, me dão essa energia, apesar de estar muito cansada.*” (JÚLIA, 2019).

Nessa perspectiva, a comunidade do Vale das Princesas dialoga com os valores de Júlia, com o que foi um dia imaginado quando ainda estava viajando pelo mundo. Hoje está aí, sendo compartilhado, e ainda tendo uma cachoeira como evento que, por sorte de um excelente dia de sol, fez florescer a ideia do momento como um *evento* extraordinário da experiência do *Looping*, que Júlia estava animada para me mostrar.

Ao entrar no carro, Júlia pediu que eu fosse no banco da frente, para que ela ficasse na parte de trás cuidando da Teresa, lidando com aquele momento único da cachoeira acompanhada apenas de seus pensamentos. Atravessava, para mim, uma cena de um casal da cidade – que enxergava coisas pela primeira vez, mas que não conviviam com as mesmas diariamente. Por eu ter ficado no banco da frente, fiquei com a incumbência de fechar a porteira do *Looping Rural*. Ela era grande e de uma madeira de lei, muito pesada para fechar. Necessitava da minha força e, também, de uma precisão que eu não sabia calcular, já que poderia bater e talvez quebrar a madeira. Como eu era convidada, medi a minha força e me aproximei com cuidado. Foi uma experiência poderosa fechar aquele portão pintado de amarelo, que me lembrava, naquele instante, da vida, da força e da necessidade de alguma habilidade extra para estar naquele lugar.

Fechar o portão não foi tão fácil como parecia, já que não era algo que eu costumava fazer. Na cidade, a porta é mais leve. Na verdade, o peso da porta era algo sobre o qual eu não pensava. Fechar a porta era um ato automático e sem controle, tão pouco era algo que exigisse alguma habilidade para se fechar, para se estar, para ser. Essas coisas todas juntas vieram ao meu pensamento em forma de bloco. Efeitos de fechar o portão da trincheira de um *looping* no rural, uma ação simbólica e importante para aquele final de ciclo. Silenciei por todo caminho de areia que levantava poeira com a passagem da caminhonete 4x4 prata de Bernardo.

Figura 2 – O portão do *Looping Rural*



Fonte: Dados da pesquisa (2019).⁴

No retrovisor, eu via o rosto de Júlia, iluminado pelo sol, além de sua capacidade de sair voando em pensamento para outros lugares muito além do Vale. Mesmo estando amarrada por um cinto de segurança, suas mãos estavam ali, dando apoio a Teresa, numa simbiose que a transformava em uma das várias espécies que compõem a diversidade daquela floresta. O trecho a seguir ilustra isso:

O Looping tem um caráter muito pessoal, é tudo muito junto. Esta é a nossa casa, tem um bebê e um grande senso de família. A vinda de amigos para cá tem um grande valor e junto da estada deles aqui, uma grande potência do imaginário acumulado se liberta, pois existe toda uma ideia de uma casa de janelas amarelas, um casal, um cachorro e um bebê. Mas o real não é bem assim. (JÚLIA, 2019).

⁴ Nota: O portão do *Looping Rural* é pesado, de madeira nobre e faz fronteira com a posição mais importante do Vale, o boteco de seu Henrique, único comércio da região. Fica quase de esquina com a igreja de pedra, local de convivência e da feirinha da comunidade. No vale em que tem uma rua central, a casa fica em um ponto de destaque e tem como indexação do território a placa do projeto *Looping Rural* e um sol amarelo ao lado, indicando a vida que pode ser vivida ali.

Figura 3 – A casa *Looping Rural*



Fonte: Dados da pesquisa (2019).⁵

No trajeto percorrido de carro por uns cinco minutos, no meio do caminho até a cachoeira, avistamos o casal de amigos que saiu na frente. Quando passamos por eles, perguntamos se queriam uma carona. Responderam que não e sorriram. Tinham um certo ar de cansados, com sol na cabeça e o *sling* em volta da cintura do pai, que paternava também, *fulltime*. Enquanto isso, sua companheira, naquele momento, estava leve, caminhando na estrada poeirenta com o seu macacão cinza, *slow fashion*, decidida a continuar o passeio até o final. Eles estavam sedentos pela natureza, por fazer parte dela, e caminhavam com o foco no futuro, em direção ao local marcado para o encontro.

Quando Júlia, Bernardo, Teresa e eu chegamos na entrada da trilha para cachoeira, tivemos que esperar um pouco o casal para que pudéssemos seguir todos juntos e, assim, viver a esperada natureza secreta. Naquele momento, Júlia começou a se perguntar se não deveria ter ido com eles caminhando, se não estava sedentária, se estava certo ir de carro, se era sustentável ir de carro. Se não deveria estar aproveitando mais o sol, a vida, o domingo, o momento.

⁵ Nota: A pensão rural se manifesta nessa cena. É com ela que inicio a ideia de experiência e imersão rural de Júlia, essa que acomoda amigos, voluntários e hóspedes que desejam ter a experiência de viver na floresta. A casa fica de frente para uma horta de ervas comestíveis. E foi com essa cena que acordei em minha primeira manhã de estada com a Júlia. O espaço fica em um local nobre do Vale. A casa é da família de Bernardo, que tinha como tradição ser ocupada em momentos de feriado e veraneio. Agora é um dos cenários de uma tentativa pessoal de projeto com a comunidade; uma casa de pessoas moradoras e pertencentes ao local.

Ficou bem angustiada. Mas, Bernardo (2019) rapidamente lhe deu a resposta: “*Não temos muito tempo, estou cansado para levar a Teresa no colo ida e volta da cachoeira, e depois ir para a Petrópolis. E escolhemos vir, mas não temos o tempo hábil para fazer tudo, por isso viemos de carro*”. É interessante perceber como para ele era simples e, para Júlia, não.

Júlia sentiu que a resposta de Bernardo tinha lógica, mas ainda não lhe convencia por completo. Era comum esse tipo de meta-pergunta da Júlia. Eu mesma teria visto a Júlia se sentir assim nesses cinco dias de campo pelo menos umas sete vezes. Parece que ela sempre procurava entender se o caminho que estava seguindo era o mais correto e se, realmente, havia uma coerência entre seus sentimentos e suas práticas. A procura por entender a natureza das coisas era imperiosa.

Ela tinha muitas dúvidas sobre sua identidade, já que a floresta fazia com que “[...] *sua sombra sentasse à mesa e dissesse olá, diariamente.*” (JÚLIA, 2019). Então, a cada dia, era uma nova descoberta sobre si e sobre esse processo de autoconhecimento e *metamorfose* (VELHO, 1994) de seu *habitus* (BOURDIEU, 2007) citadino para uma vivência na roça, como ela costuma dizer.

O *Looping Rural* começou dentro de Júlia que, antes de mais nada, estava em processo de descoberta. Ela sentia uma sede grande por mudança. Sua energia vital vinha daí. Sua falta de energia, também. Essa fase no *Looping Rural*, associa-se à natureza, aos seus ciclos e ao seu processo de regeneração e autocuidado.

O projeto de inventar uma nova vida fora da cidade se tornou possível na medida em que a trajetória de Júlia lhe oferece uma margem relativa, por se tratar de uma mulher de classe média, que tem autonomia e escolha individual, que permite que símbolos sejam transformados e reinventados, como códigos de mudança, conforme propõe Velho (1981) ao descrever essa classe de maiores possibilidades. O projeto de Júlia se legitimou a partir do *Looping 365 dias*, em seus últimos anos de vida viajando com Bernardo, em 2015. Nesse primeiro projeto de vivência da autonomia, viveram experiências como voluntários em diversas partes do mundo, trabalhando em fazendas agroecológicas, dedicados a Permacultura, em países como Nepal, Tailândia e Índia, onde trocavam trabalho por alimentação e moradia.

Com essas experiências marcadas pela terra, Júlia, sentiu que deveria voltar para o Brasil e criar um novo jeito de viver, focado em um estilo de vida mais simples, com uma alimentação saudável e natural e, se possível, plantada e colhida em seu próprio terreno.

Essa era uma oportunidade para que outras pessoas ao redor do mundo e pessoas do seu convívio, como família, amigos, e amigos dos amigos, também pudessem conhecer o seu país a partir da sua terra. E sentissem na pele esse jeito de viver, pautado por um olhar dedicado a biodiversidade da natureza.

Uma forma que atualiza o pensamento rural (CARNEIRO, 2008), através de identidades urbanas e mostrando de que maneira essas realidades, que se constituem em contextos distintos e de realidade social, estão interligadas em uma composição rural-urbana, cujos efeitos se projetam em ambos os espaços. No caso de Júlia e Bernardo, situados no Vale das Princesas.

Ao chegar na cachoeira, agitados e cheios de energia para colocar em prática o encontro, o casal parecia ser o reflexo de Júlia. Não por acaso, essa cena foi uma das mais paradigmáticas: na trilha, os homens seguravam os bebês e as mulheres iam conversando sobre a vida. E eu ali, observando e registrando tudo com imagens feitas pelo celular, pois a trilha era muito escorregadia, de um barro vermelho e lotada de raízes. Não tinha muito no que segurar. Senti medo e percebi minha falta de habilidade com trilhas. Mais uma vez, a natureza me pediu para calcular os passos e medir a minha precisão. Foi complexo interagir, pensar cada passo e observar.

Percebi que a floresta é bem mais sofisticada do que eu imaginava, o que nos enquadra a pensar e sentir todas as nossas sobrecargas, mesmo aquelas que eu nem imaginava dispor. E, ao final, lá estava a Júlia, forte nos seus três últimos anos de Vale das Princesas, me dizendo: *pode vir, eu te ajudo, venha!* (JÚLIA, 2019).

Vislumbrar a intimidade de Júlia com o ambiente – em contraste comigo, que não estou em transição para o campo – abria espaço para afirmar ainda mais a sua identidade ao local através de uma rede de significados (GEERTZ, 1997) que falam de sua relação de proximidade/estabilidade com o meio ambiente. Ela não apresenta mais as mesmas dificuldades que têm os recém-chegados.

A chegada à cachoeira foi um alívio coletivo. Depois de 20 minutos de descida, a partir da estrada onde havíamos deixado o carro, já conseguíamos ouvir o som da água e avistar a borda do fosso. A cachoeira ficava num lugar bonito, mas sem espaço para quem não queria estar dentro da água, no caso, Júlia, eu e a amiga dela. Rapidamente, as meninas resolveram a questão, pegaram os seus bebês e foram para cima de uma pedra enorme e pontuda, tiraram os seus peitos para fora e amamentaram seus filhos.

Ali a natureza oferecia um poder mágico extra, de segurança àquelas mulheres, já que a combinação do som da cachoeira e o peito com leite materno acalmou, em minutos, aos bebês e a elas.

Os homens ficaram o tempo todo na água, tomaram muitos banhos de cachoeira, brincaram com o Miró que, nitidamente, era ao mais feliz de todos. Ficaram nas pedras após muitos mergulhos, sentados ao sol, em uma espécie de ode ao tédio.

Figura 4 – Trilha da Cachoeira



Fonte: Dados da pesquisa (2019).⁶

Foi interessante perceber como, naquela situação, os homens pareceram se permitir abrir espaço para o fazer nada e as mulheres sentiam a necessidade de estar em ação através de suas agências que, naquele caso, estava em conformidade com a força da natureza e a necessidade de seus bebês de alimentação.

Percebi que se estabelecia uma demarcação de gênero entre as partes, mas que todos estavam muito confortáveis em seus papéis, o que me fez desatar os “nós” de tudo que, até ali, eu havia concebido sobre nosso encontro como uma experiência coletiva. Preciso confessar que essa cena me pegou de surpresa.

⁶ Nota: Registro da trilha até a cachoeira, onde os pais se colocavam como colaboradores e companheiros atentos e as mulheres estavam com um tempo único de se encontrar livres em meio a natureza nativa e fechada que entraríamos, logo após essa fotografia, para ver a tão comentada cachoeira.

Figura 5 – Júlia amamentando a Teresa.



Fonte: Dados da pesquisa (2019).⁷

Não demorou muito para que todos quisessem ir embora, mas não antes do casal de amigos colocar os pés do seu bebê na água, numa espécie de batizado na natureza selvagem, um ritual que tinha o objetivo de iniciação do vínculo com a natureza, relacionada a uma experiência “nativa e local”, como são chamadas as pessoas que nasceram no Vale das Princesas, segundo Júlia. Nesse momento, Júlia fez questão de dizer que o banho na cachoeira, naquele dia, não aconteceria, pois estava indisposta e, em outro momento, voltaria. Subimos a trilha de forma mais branda. Já que subir foi mais fácil que descer naquele local.

Voltamos todos de carro para casa de Júlia. O sol já estava alto, os bebês cansados, o casal tinha que tomar banho e almoçar em outra cidade com seus parentes, afinal, era domingo. Júlia e Bernardo tinham que providenciar a nossa saída para Petrópolis, onde me levariam até a rodoviária. Eu ainda tinha que arrumar as malas para minha saída do *Looping Rural*.

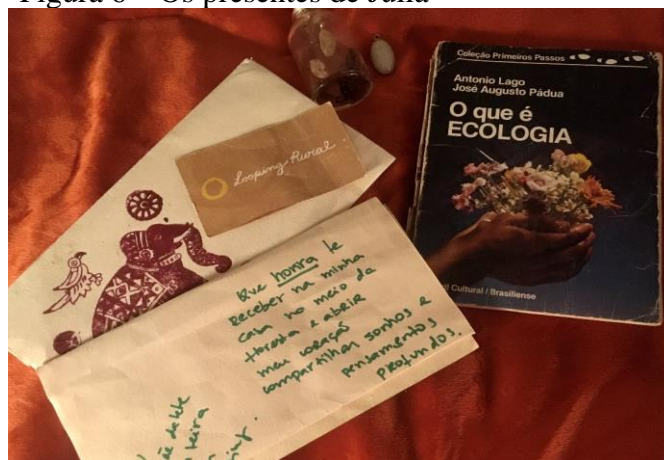
Ao final, nem consegui me despedir do casal de amigos, pois, ao sair do banho, já haviam pego a estrada. E Júlia e Bernardo, em diferença com o casal, se mostravam calmos com as suas escolhas de projeto no rural.

Naquele momento, a floresta era somente a sombra das árvores que refletiam no vidro do carro, no sol a pino do meio-dia. Estávamos voltando para Petrópolis. Júlia (2019) veio ao meu encontro, com uma sacola na mão, dizendo: “*abra somente quando chegar em casa*”.

⁷ Nota: Júlia amamentando a Teresa em meio a uma esplendorosa cachoeira à esquerda da imagem. Junto dela, sua amiga que também estava com bebê e que olhava com ternura e empatia para aquela mãe que sabia que estava exausta. Esse foi um dos momentos de cumplicidade dessas duas mulheres agenciadas pela natureza da amamentação. Uma da cidade e a outra vivendo a metamorfose para uma vida rural.

Eram presentes que havia selecionado sob medida para nosso encontro. Tinha cartão escrito à mão, pedra natural no estilo amuleto trazido da Índia, caderno botânico com desenhos feitos por uma voluntária famosa do *Looping*, uma francesa. Tinha também um *blend* de ervas num potinho e uma xilogravura lindíssima, feita pela mãe de uma amiga de Júlia – eu havia admirado essa gravura horas antes, naquele mesmo domingo, quando fomos ao sótão da casa. Júlia fez questão de cuidar para que cada objeto trouxesse uma lembrança dos dias vividos por nós no *Looping Rural*.

Figura 6 – Os presentes de Júlia



Fonte: Dados da pesquisa (2019).⁸

A troca foi tão intensa entre nós que a vontade de ficar mais um pouco era das duas. Mas, como não era possível, pois moramos em lugares diferentes, aproveitamos aquele encontro para nos corresponder através de objetos. Naquele momento, me veio a lembrança marcada na prática pelo conceito de dádiva de Mauss (2017). Já que eu sentia na pele, o conceito de *dádiva*, ao dar um presente para Júlia quando cheguei no *Looping Rural*, ela *recebeu* e quis *retribuir* ao final. Fortalecendo, assim, o ritual de *dádiva* por completo pensado por Mauss (2017), ou seja, de dar, receber e retribuir.

Dias depois, enviei uma mensagem e perguntei como ela estava. A resposta foi a seguinte: “*Estou muito feliz e agradecida. Às vezes, a gente acha que vai sumir no meio da exaustão da rotina e saio da invisibilidade cada vez que lembro que tem alguém até estudando*

⁸ Nota: Esses são os presentes que Júlia fez questão de me entregar, ao final da imersão. Representam os nossos dias juntas em campo, quando ela me hospedou com todo carinho e fazendo questão de me apresentar cada cantinho de sua casa, ao contar histórias, vivências, lembranças; bagagem de seu capital cultural. Esse composto de livros, pedras e registros de lugares que iniciaram essa sua busca, advindo de culturas muito diferentes da dela. Tem um cartão da Índia, que fez questão de escrever junto de um lembrete sobre a minha estada, nele ela contava sobre o *Looping Rural*, esse ambiente que desacomoda tanta gente. E, não foi diferente comigo.

essas escolhas por caminhos, às vezes, mais difíceis, mas também mais honestos.” (JÚLIA, 2019).

Enxerguei, no ato de *dar*, como mostra-nos Mauss (2017), não um ato totalmente desinteressado, mas um fio condutor de uma aliança planejada. Percebo, então, que a *dádiva* dessa entrega de presentes, ao final, gerou uma produção de alianças à pesquisa (MAUSS, 2017).

4.2 DIMENSÃO ANÁLITICA: PRÁTICAS ECONÔMICAS

A seguir, apresento uma análise da trajetória de Júlia, a partir das suas práticas econômicas.

4.2.1 **Cena 2: salada verde e o plano de saúde, um manifesto à vida**

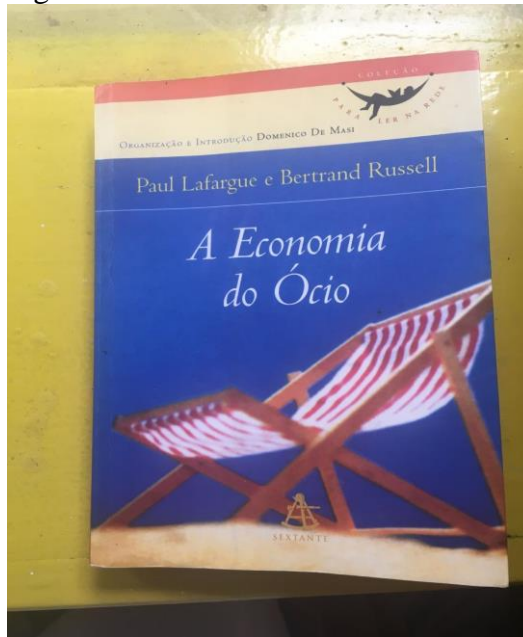
Sempre que escuto Júlia falar do pai, ouço um ensinamento, uma história corajosa, ou um ato paradigmático. Ele é seu alicerce, o que faz com que ela não leve a vida tão a sério, sendo ele próprio, também, um quebrador das regras. Júlia tem uma relação de respeito aos valores do pai. Admira-o muito. Sempre recorre às paródias e exemplos de seu pai, fala de como ele foi alguém que viveu os anos gloriosos da alta sociedade do Rio de Janeiro.

O pai de Júlia viveu sua juventude entre um grupo de amigos da zona sul, jornalistas e filósofos, intelectuais, como os irmãos Rodolfo e Leandro Konder, membros da elite carioca. Seu pai se formou em Economia, trabalhou no Ministério da Agricultura e Pesca (RJ) e no Governo de São Paulo, na gestão de Paulo Maluf. Aposentou-se pelo Serviço Geológico do Brasil (CPRM) – uma empresa pública, vinculada ao Ministério de Minas e Energia. Sempre viveu como um intelectual, em um estilo de vida *bon vivant*. Segundo Júlia (2019), “[...] *sempre foi muito contemplativo. Apesar de ser oriundo de família classe média baixa e nunca ter tido muita grana, ele sempre teve um olhar de contemplar e agradecer a vida todos os dias.*”.

De acordo com Júlia, ele aproveitou o que a vida tem de melhor. Essa energia contemplativa vem de família, já que o bisavô de Júlia, avô de seu pai, era um escritor anarquista e colunista da antiga revista “Careta”, sendo, para ela, uma grande referência de coragem. Um estilo de vida como esse aparece no livro “A economia do ócio”, de Bertrand Russel e Paul Lafargue (2001), com introdução e organização de Domenico De Masi.

Foi um dos livros que Júlia me indicou para falar sobre o seu estilo de vida em busca de qualidade do tempo, sendo Júlia, uma viciada em trabalho. “[...] sendo uma das vítimas do progresso, e que teve durante muito tempo a crença no mercado competitivo, legado que foi nos deixado de um sonho americano.”, como diria De Masi (2001, p. 43). Na capa do livro, encontramos uma cadeira de praia de tecido resistente vermelho com listras brancas que me fez refletir sobre o desejo de Júlia, por viver com mais tempo para ler e viver a vida.

Figura 7 – Livro "A economia do ócio".



Fonte: Dados da pesquisa (2019)⁹

Na obra, os autores procuram entender de que forma o conceito de trabalho foi construído ao longo da história. Eles fazem uma análise do trabalho e do ócio, procurando encontrar as origens e percepções que cada um provoca em sociedade. Segundo Júlia:

Quem é mestre na arte de viver distingue pouco entre trabalho e seu tempo livre, entre a própria mente e o próprio corpo, entre sua educação e sua recreação, entre seu amor e sua religião. Com dificuldade, sabe o que é uma coisa e outra. Busca simplesmente uma visão de excelência em tudo que faz, deixando que os outros decidam se está trabalhando ou brincando. Meu pai pensa em sempre fazer ambas as coisas ao mesmo tempo. (JÚLIA, 2019).

⁹ Nota: Registro feito em campo do livro a “A economia do ócio” que me foi apresentado como um dos livros que permearam o rito de passagem de Júlia da cidade para o campo, entregue pelo seu pai. Esse último, figura de grande importância nessa trajetória de transformação. Trata-se, portanto, de uma *referência êmica* importante da história de Júlia: sua tentativa de explorar melhor as condições do seu tempo.

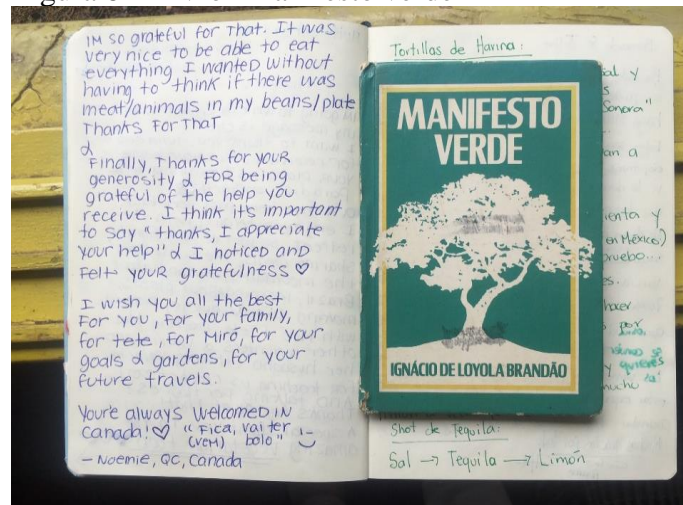
Uma das formas de se falar de Júlia, sem dúvida, passa pelas anedotas que seu pai lhe contava e, também, por seus comentários, por meio das ironias que passam por indicações de livros.

Desde meu primeiro contato com Júlia, ela conta e explica o que sente através de livros. E não é à toa que quando Júlia chegou da sua grande viagem, buscou explorar ainda mais o objetivo de ver as coisas a partir dos seus olhos, de forma direta, presente, e sem mediadores, como seus pais e, sobretudo, mãe. Segundo Júlia, foi a leitura do livro “Manifesto Verde”, de Ignácio de Loyola Brandão (1985) que deu velocidade à mudança que ela “necessitava” fazer quando chegou ao Brasil. É um dos livros sobre ecologia que seu pai guardou para dar-lhe quando ela chegasse. Durante os dois anos de viagem da filha, ele comprou livros em sebos diversos da cidade, com o objetivo de lhe entregar quando estivesse em terras brasileiras.

O tratado é um livro *pocket* da cor verde floresta e fica exposto como uma vitrine dos valores de Júlia, na estante em cima da lareira, na sala de estar, onde fica a porta da frente da casa. Júlia deixa-o sempre aberto, como se fosse uma bíblia, uma espécie de mantra diário. O livreto se apresenta como uma história-manifesto que o autor escreveu para seus filhos, contada a partir da natureza e do que ele desejava ver crescer como princípios dentro deles no futuro. O livro tem uma grande relação com a história de Júlia, que também deseja um futuro melhor para a sua filha, Teresa. Júlia está atuando ativamente sob a influência desse manifesto através de seu projeto de vida *Looping Rural*. O livro foi significativo, portanto, para entender os valores de Júlia e seu desejo por dias melhores.

Júlia fez questão que eu pudesse lê-lo naquele lugar, para poder compreender porque desejava estar ali, em um “ambiente de autonomia e liberdade”. Com o livro, tinha uma pedra ametista que foi presente do seu pai, ao lado de uma placa de madeira lapidada em amarelo, escrito *Looping Rural*, e outros objetos pessoais em madeira e sementes.

Figura 8 – Livro "Manifesto verde"



Fonte: Dados da pesquisa (2019).¹⁰

Nesse itinerário dentro da casa de Júlia, fiquei substancialmente encantada com um livro que se chamava “O que é ecologia”, da Coleção Primeiros Passos, de Antônio Lago e José Augusto Pádua. É uma introdução ao pensamento ecológico da editora Abril Cultura. Uma joia cujo texto estava todo sublinhado. Os destaques foram feitos por Júlia, uma preciosidade. O livro estava todo velhinho e usado. Júlia me deu esse livrinho, na despedida da minha estadia, e ele se tornou uma das referências bibliográficas da minha estada no *Looping Rural*.

Hoje me sinto muito diferente com o lixo, com o comprar, a relação com a natureza, com o senso de observação dos ciclos, a sazonalidade dos alimentos. Principalmente o ciclo da comida. Plantar, esperar, colher, comer, ir pra composteira e reiniciar. Agora estou indo mais fundo nisso, tentando aprofundar mais no uso integral de tudo. Do pó de café fazer tinta e por aí vai. (JÚLIA, 2019).

¹⁰Nota: O livro “Manifesto Verde” e, sob ele, o caderno de experiências com depoimentos dos hóspedes e suas transformações no ambiente da pensão rural. É uma espécie de ritual de *check-out* que Júlia alimenta, confirmando um pouco da sua dedicação às experiências vividas ali.

Funciona como uma espécie de validação de seu projeto – se valendo como uma experiência em rede. Tudo isso é artesanal, o que carrega, ainda mais, o tom do natural das práticas rústicas do lugar. O que na “cidade” funcionaria como um depoimento em rede social, aqui o social é escrito, criando registros para os próximos que se colocam à disposição da experiência que Júlia faz questão de que seja única e transformadora.

Figura 9 – Objetos da casa.



Fonte: Dados da pesquisa (2019).¹¹

A casa onde fica o *Looping Rural* é um cenário vivo. Muitas memórias da família de Bernardo que veraneavam ali. Os objetos se misturam entre as paredes de muro de pedra gelada e uma estética urbana. Mesmo tendo um bebê na casa, os adultos imperam com seus gostos, através dos símbolos de uma vida urbana de leituras, filmes e quadros que denunciam as suas escolhas intelectuais.

Tudo, de alguma forma, demarca um a exposição de um capital intelectual. Segundo Júlia, era o que havia sobrado: “[...] *aqui em casa é tudo bem simples, bem rústico. Não teve investimento nenhum. Foi um ano faxinando mesmo. E tudo veio velhinho, meio retrô, esse vintage meio esculhambado.*” (JÚLIA, 2019).

¹¹Nota: Objetos da casa que refletem o diálogo com suas escolhas por atividades que se correspondem com meios de produção da natureza. Eles são desde pedras que foram coletadas pelo pai de Júlia, até à objetos artesanais de madeira, ou mensagens deixadas pelos hóspedes.

Figura 10 – Júlia grávida.



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Júlia (2018)¹²

Júlia também teve uma vida de muitos estímulos, já que conviveu constantemente com pessoas interessantes, amigos de seus pais, que tinham grande repertório de vida. O seu pai é o grande responsável por essa sua veia literária. Ela é formada em jornalismo, contudo, sempre teve o sonho de ser escritora. Seu pai foi o responsável por dar cobertura às suas ideias.

Ele também embarcou de pronto na vontade de Júlia de viver da terra e refazer sua vida na roça – quando o plano ainda era só uma faísca. Do alto de seus 82 anos, achou a atitude de ir morar na floresta um risco necessário, já que sempre comentou que Júlia “não vivia”.

Não acredito que ele me achasse careta, mas de fato, pra ele, viver não era sinônimo de trabalhar. Sempre teve aversão a uma vida que gira em torno das horas presas dentro do escritório. Tinha orgulho das minhas conquistas profissionais, mas quando larguei o emprego ele vibrou. Seu excêntrico modo de ver a vida viu com olhos de otimismo minha escolha. (JÚLIA, 2019).

¹²Nota: Júlia grávida no quarto. Ela passou toda a sua gestação no sótão da casa onde nasceu o *Looping Rural*. Naquele momento, ainda era iniciante no assunto, então, procurou ficar o tempo de gestação estudando para entender como proporcionar essas experiências imersivas no seu projeto. Esse tempo de gestação literal, estava a mudar todo o seu modo de vida, já que era a parte fundamental para fazer esse lugar mudar de energia. Ou seja, transformar a casa de veraneio tradicional da família de Bernardo em um espaço que abrigasse e acolhesse experiências sobre novos modos de vida, através dos hóspedes, mas também da participação de voluntários oriundos de diversas partes do mundo, junto à comunidade local, sobretudo, às mulheres do Vale das Princesas.

Ter tempo e colocar a energia do prazer em primeiro lugar em sua vida se fazia necessário, já que suas capacidades e energias criativas eram tomadas pelo trabalho. O foco e a capacidade de realização de Júlia eram características célebres do seu ofício, mas foi no início dessa jornada que as novas práticas de um estilo de vida mais leve ficaram presentes. Ela trocou as métricas e resultados estratégicos digitais pelo yoga e pelo trabalho voluntariado, mediado pela plataforma digital chamada *WorkaWay* – um aplicativo que mobiliza e faz a mediação de pessoas para trabalhar com voluntariado ao redor do mundo, adquirindo novas experiências e aprendendo um novo ofício. Através de lugares e culturas que nunca havia imaginado estar, Júlia tornou tangível uma máxima do pai: “*rico é quem tem tempo*” (JÚLIA, 2019).

Eis que chegam, depois de dois anos viajando, ao Rio de Janeiro. Estão de volta e fortes o bastante para colocar em ação o plano de saída da cidade para a roça. Esse projeto pode ser identificado como uma experiência das práticas dos “novos rurais”, conforme propõe Maria José Carneiro (1998), porque atualiza os hábitos de vida da cidade combinando-os com modelos que se enquadram ao universo do campo, como acordar com as galinhas, plantar sua própria comida, trocar alimentos com os vizinhos.

A tarefa de se instalar na casa era complexa e intensa, pois envolvia limpeza, reforma e pintura. Havia muitas lembranças da família de Bernardo, cuidados com móveis assinados e relíquias afetivas. Sentinelas do ‘sinhôzinho’ e da ‘patrôa’ que não existiam mais na história da família, por parte do Bernardo e, muito menos, na intenção de viver no rural, de Júlia. É nessa época que nasce “Dona Júlia”, expressão com a qual ela se intitula na rede social Instagram.

Eu e o Be estamos numa jornada de autoconhecimento e auto-observação, estamos ainda nos estruturando psicologicamente, sabe? Estamos numa casa que não é a nossa, então é conflituoso. Às vezes, também falta o aterramento, às vezes, o senso de não pertencimento cem por cento ao local, sabe? Parece que o primeiro ano aqui foi para baixar a poeira da vida, da viagem, e nisso veio uma revoada de questões: casamento, filho, novas relações com a família/amigos depois da transição. (JÚLIA, 2019).

Figura 11 – “Novos Rurais”.



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Júlia (2018)¹³

Todo esse processo de Júlia e Bernardo nasceu da vontade de viver com “mais consciência” de suas práticas diárias e das escolhas de consumo, da preocupação em conhecer a origem dos alimentos e produtos que compram e refletir, escolhendo e multiplicando as práticas “mais positivas” que tivessem impacto em suas vidas individuais e, também, coletivas. Júlia não se enxergava mais vivendo na cidade, mas, o Vale das Princesas ainda não era um local acolhedor. O projeto rural se iniciou com a ajuda de amigos que já faziam parte do Projeto Gaia, que é uma Escola de Sustentabilidade Internacional situada no Rio de Janeiro. A mesma desenvolve a proposta de uma forte ligação com a terra e dissemina o manejo com a Permacultura. Esse grupo formado por amigos de Bernardo ajuda o casal no trato da terra, junto das práticas de Permacultura. Como disse Júlia:

A Permacultura tá no respeito ao tempo das coisas, os ciclos naturais e na observação da inteligência intrínseca da natureza. E ainda tem um universo de coisas pra se fazer concretamente por aqui. Mas, um passo de cada vez. Ainda dá pra ir realmente profundo na mudança, na forma de viver, tendo a Permacultura como norte. Estamos dando um passo de cada vez e fazendo cada detalhe, escolhendo se consolidar até virar uma chave de se efetivar uma mudança sólida. (JÚLIA, 2019).

¹³Nota: Júlia e Bernardo antes de Teresa nascer, já estavam engajados com o terreno da família de Bernardo. Dali nasceu, também, o projeto *Looping Rural*, um espaço de hospedagem e voluntariado para viver uma experiência imersiva no rural. A proposta é a de influenciar novos modelos de vida que contemplem o respeito à natureza, seus ciclos e promover modos de produção em comunidade.

Figura 12 – Plantação Agroflorestal.



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Júlia (2018) ¹⁴

A Permacultura deu início à primeira fase do projeto do *Looping Rural*, em que a comida é fruto do que se planta, sendo uma das formas de se libertar de produtos processados. Júlia começou a integrar-se à cozinha e fazer o seu próprio alimento, cozinhando para si e para os hóspedes com alimentos que colhia. Pouco a pouco, ao seu modo “autodidata”, preparava pratos de comidas naturais e vegetarianas. Uma de suas práticas foi conhecer o processo produtivo do alimento. Dando atenção especial à sua origem – e entendendo como esse processo está ligado ao bem viver. Trazendo, assim, mais autoconsciência para o que está comendo, buscando conhecer as práticas de cultivo e fazendo novas escolhas, optando por comprar dos vizinhos e dando prioridade para o cultivo local.

A possibilidade de estar em casa com sua filha é um dos efeitos das escolhas de Julia. Assim, ela buscou viver os primeiros meses da maternidade em um espaço que propiciava uma relação mais próxima com a produção dos alimentos e não estimulava a aceleração da vida como acontecia em sua vida na cidade.

¹⁴Nota: Na imagem, amigos que vieram do Rio de Janeiro, da Rede *Gaia Education*, um local que promove cursos, vivências e experimentos. O grupo de amigos presente na imagem está engajado de forma voluntária para fazer nascer o espaço de Permacultura no *Looping Rural*.

Figura 13 – Júlia na cozinha.



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Júlia (2018)¹⁵

Tudo começou com a percepção de que era necessário “comer melhor”. Segundo Júlia, seu pai dizia que *“se todo dia a pessoa comer salada verde, não precisava ter plano de saúde”*. (JÚLIA, 2019). Ao refletir sobre o pensamento de seu pai, Júlia ainda acrescentou que *“isso é a forma irônica dele de comentar sobre a vida, porque ele mesmo, sempre teve plano de saúde e fez várias cirurgias cardíacas pelo o plano.”* (JÚLIA, 2020). Segundo a própria Júlia:

A comida é como cura, fonte de prazer e inspiração. *Me* descortinou cozinhar como um ferramental para o autoconhecimento, amadurecimento e cura. E a cozinha virou uma sala de meditação e o salão de festas, se transformando no lugar mais importante da casa. *Me* ensinou e me deu uma visão lúcida sobre a neurose da hiperatividade, antes mesmo de se falar em fome. *Me* ensinou sobre culpa e tempo. (JÚLIA, 2019).

Júlia está sempre engajada em processos que ela considera de “autoconsciência”. São atitudes de vigilância em relação aos hábitos alimentares que orientavam sua vida na cidade. Considerando que cada um é aquilo que come, Júlia queria ser e viver diferente do que fazia na cidade e, por consequência, se alimentar melhor.

¹⁵Nota: Júlia, na cozinha, refletindo o seu orgulho de proporcionar sensações aos hóspedes, com alimentos e plantas comestíveis colhidos no quintal. O gosto que foi adquirido, a partir de sua consciência do alimento como fonte e energia, a fez adotar um cardápio vegetariano no *Looping Rural*. Ressalta-se que o tempo da Júlia, hoje, como mãe, é regulado pelas refeições, onde dedica grande parte de seu tempo a uma alimentação integral e vegetariana.

Percebe-se que a alimentação é um ponto central na proposta desse novo estilo de vida rural que ela considera mais alinhado com a natureza. Ela também engaja nesses processos e atitudes as pessoas que chegam para experienciar essa vida rural de perto, se hospedando no espaço construído por Júlia e desfrutando de uma alimentação que, segundo ela, beneficia não só o corpo, mas a produção local e o manejo com a natureza. É um refletir sobre e multiplicar de: (a) num primeiro momento: a escolha de quem se compra os alimentos e a avaliação de sua origem; (b) num segundo momento: a seleção dos produtos vegetarianos, mais frescos e da safra para o preparo; (c) e por fim: comer e refletir sobre seus hábitos alimentares.

Figura 14 – A Cozinha: lugar de atuação política da casa



Fonte: Dados da pesquisa (2019)¹⁶

A casa hoje abriga as imersões desse novo estilo de vida mais natural. Propõe vivências que visam atingir o lixo zero – um desafio imenso – e a realização de *workshops* de beleza natural, medicina intuitiva na floresta, bruxaria pós-parto, construção de sua própria composteira, imersão musical e musicalização para as crianças. Todos esses encontros acontecem como fonte de receita, com o objetivo de aumentar, distribuir e passar o conhecimento adquirido por Júlia nesses últimos quatro anos.

¹⁶Nota: Registro do casal apresentando texturas e novos gostos à Teresa (sua filhinha). A cozinha também é um local de iniciativas coletivas, propostas imersivas e com foco na alimentação natural e vegetariana. Sendo, portanto, um dos grandes estímulos políticos da pensão rural.

“Os encontros unem um feminino que busca explorar, junto de sua escrita forte e vivida, sua ancestralidade por meio de uma maternagem intuitiva e consciente.” (JÚLIA, 2019).

A imersão desperdício zero foi incrível. Isso me deu grande orgulho e sentimento de que eu existia após a maternidade. Expor também, de forma honesta, meus conflitos em relação ao consumo e desafios do novo formato de vida foi libertador. Vivo muito diferente aqui, tenho que bater o pé pra comprar a bucha pra não comprar uma droga de detergente pra segurar as sacolas plásticas (...) eu nunca me liguei em nada disso antes de vir pra cá. Não tinha isso na vida. Estava exausta correndo pra lá e pra cá. Não pensava em nada disso. Queria pagar as contas e me divertir um pouco, eu acho. Sempre falo que ir no mercado é um ato político em cada escolha. A gente é arraigado e copia nossos pais em casa. Compra as mesmas coisas automaticamente. Eu estou lentamente mudando os meus hábitos e vendo como é difícil. Até uma simples esponja de lavar a louça. (JÚLIA, 2019).

Figura 15 – Experiências Imersivas



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Júlia (2018)¹⁷

É sempre uma travessia se desapegar das práticas da cidade, já que sua origem e repertório de vida estão atrelados à experiência citadina. Sua rede de amigos também é toda urbana e são essas pessoas e suas identidades reforçadas pelo tempo da cidade que vão para *Looping Rural*, buscando viver novas experiências imersivas e realizando o voluntariado no espaço. Júlia enxerga o percurso do seu projeto como uma travessia, funcionando como uma mediadora que proporciona às pessoas da cidade um olhar para um novo modo de vida.

¹⁷Nota: Registro do voluntariado com imersões e amigos facilitadores. As atividades imersivas são dedicadas às novas experiências junto à natureza. Essa imagem apresenta o despertar de novos sentidos, através do contato sinestésico e o encontro com a natureza.

Júlia se considera uma curadora de experiências que cria momentos, atividades e reflexões atualizadas a cada hospedagem com seus amigos e com os amigos dos amigos. Também se dedica a pensar em atividades para mães que se encontram no período pós-*puerpério* e seus bebês.

Ela faz parte de um grupo de mães do *WhatsApp* do Rio de Janeiro. Um canal que alimenta esses encontros e faz com que Júlia possa sempre entender as necessidades dessas mães e possa promover ações e imersões mais alinhadas a realidade delas. Uma das mães que já se hospedou no *Looping Rural*, indicou para outras mulheres mães no seu *Instagram* que tirou férias durante o *puerpério* no *Looping Rural*, e muita gente fez contato para passar uns dias por lá, “*assim nasceu a vontade de me dedicar a esse recorte de mulheres*” (JÚLIA, 2019).

Existe também uma rede de expansão das práticas e atividades propostas por Júlia, construída por meio da plataforma digital de aluguel *Airbnb* e do voluntariado do App *WorkaWay*.

Hoje mesmo vieram os primeiros hóspedes oficiais pelo *Airbnb* e cozinhamos pra eles. Fiquei doida. Meio nervosa, muita coisa, bebê, casa, louça, chão, lixo, tudo ao mesmo tempo agora. Beeeem desafiador porque era um desconhecido mesmo. Não era amigo de amigo, sabe? E a infiltração tá ali, o banheiro velho tá ali, o chão que não deu tempo de varrer, a calcinha no varal, a roupa de molho, a Blusa manchada. Mas depois de um semi piti, respirei e voltei. O Bernardo ajudou: “eu sei que você é perfeccionista, mas tá sol, tem arroz, tem feijão temperado. Precisa é do sorriso no rosto e isso sim é servir bem”. O casal finalmente se atrasou – e deu tempo de fazer as coisas mais ou menos como queria e recebi eles, sim, sorrindo. Elogiaram a comida bastante, aliás. E estou me preparando também pra pessoa que vai ser crítica apenas e só vai ver a infiltração e que não está tão limpo assim, que as panelas são velhas e nem vão ligar pro afeto que foi feita a comida, pra florzinha na mesa, etc. (JÚLIA, 2019).

Figura 16 – A mesa arrumada.



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Júlia (2018)¹⁸

Muito interessante são as formas que Júlia usa para a efetuação dos pagamentos das hospedagens e das imersões. Em um quadro exposto na figura 17, em seguida, ela apresenta aos hóspedes três modalidades de pagamento: (a) a modalidade mais enxuta, que ela chama de “pagamento *solidário*”; (b) já a modalidade de pagamento “sustentável”, inclui no cálculo os gastos, mas não o lucro; (c) por fim, a modalidade “abundante”, ao incluir o lucro no cálculo, propõe a valorização da experiência completa no *Looping Rural*.

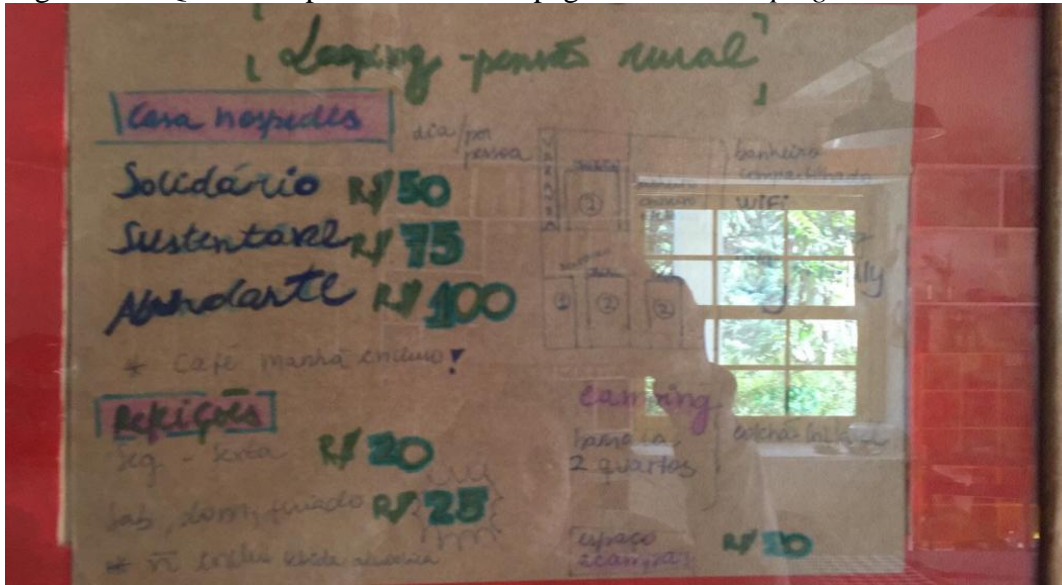
Mas, nem sempre foi assim. Júlia diz que não foi fácil aprender a estabelecer um modo de pagamento que ela considerasse justo, onde pudesse trazer pessoas com possibilidades diferentes de investimentos.

Eu sempre me arrependo quando eu cobro pouco ou nada de valor pela comida e hospedagem. Os palestrantes normalmente eu não cobro. O que viabiliza algumas propostas como a do *Baby friendly*, onde as mães podem ficar numa hospedagem justa. Mas, tem que ser favorável para todo mundo. O ganha-ganha na prática. Se não, não viabiliza. (JÚLIA, 2019).

¹⁸ Nota: A mesa arrumada, lugar de estética, influenciado pelo rural que Júlia faz questão de mostrar. Tornando-o algo possível, através do bonito e afetuoso. Acredita que ainda tenha muito a aprender, como desapegar da sua adoração pela perfeição. Mesmo estando aberta ao simples, ainda se sente vulnerável quando falta, de certa maneira, uma harmonia. A procura por beleza em tudo é uma das dinâmicas cruciais para absorção das experiências no *Looping Rural*, sendo um dos critérios para as atividades propostas na imersão rural. Para Júlia, tudo tem que ornar. É nisso que ela acredita.

Essas são as três práticas financeiras que Júlia construiu para o seu projeto como modo de ofertar possibilidades de pagamento nas atividades do *Looping Rural*.

Figura 17 – Quadro de possibilidades de pagamento do *Looping Rural*.



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Júlia (2018)¹⁹

Esse modelo já foi bastante experienciado em sua relação com os hóspedes que participam de sua rede direta de amigos e de amigos de amigos, mas seu objetivo agora é expandir essa prática também para as hospedagens reservadas via *Airbnb*, com o intuito de promover novas formas de conceber o pagamento, colocando em questão a impessoalidade das relações monetárias (SIMMEL, 2009). Mesmo acreditando que precisa expandir o seu projeto, Júlia quer desenvolver novos caminhos que aproximem as pessoas dessas experiências no meio rural e estabeleçam novas formas de lidar com o dinheiro e o pagamento.

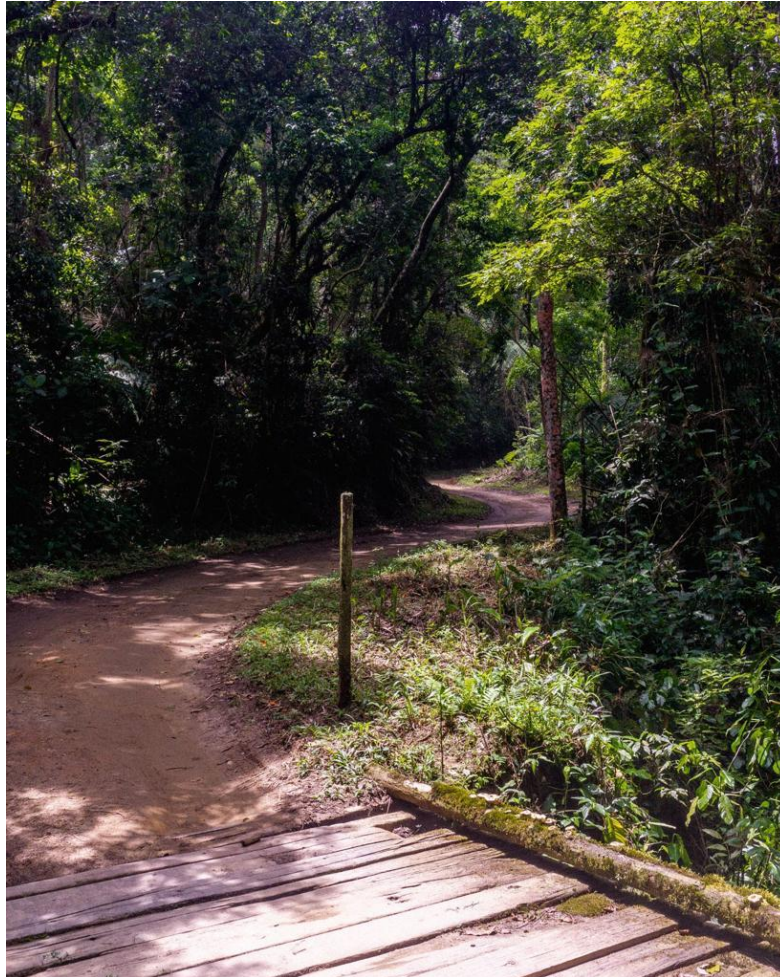
Júlia acredita que criar possibilidades de pagamentos como a *solidária*, a *sustentável* e a *abundante* democratiza a experiência do seu projeto.

Ao me acompanhar de carro para Petrópolis, Júlia começou a enumerar as coisas que lhe fizeram ficar naquele lugar. Foram quarenta minutos de estrada de chão batido e sacolejos, permeados por conversas profundas, até Petrópolis. Ela lembrou do que lhe fez chegar até ali:

¹⁹ Nota: As possibilidades de pagamento do *Looping Rural* têm o objetivo de compartilhar a proposta de comunidade engajada num modelo de “pensão rural” com hóspedes amigos e voluntários. O intuito é mostrar que dá para se viver de uma forma mais *autônoma, consciente e transparente* para ampliar as possibilidades de se comercializar de forma justa, num modelo de vida simples e rural. Eu, por exemplo, paguei a “hospedagem sustentável” pelos dias em que eu fiquei no *Looping Rural*. Entretanto, a Júlia incluiu as refeições nesse valor, o que a tornou literalmente uma hospedagem solidária.

Silêncio e a estrada de terra de chão no meio da mata. O silêncio faz você olhar pra dentro e se ouvir. Esse ir e vir pra casa transformou esses dois anos de vida aqui na própria estrada que nos leva a nossa casa: o encontro com sombras, desconfortos, surpresas, rotina, cansaço, encantamento, tudo junto e misturado. É estranho, pois é a mesma estrada e é sempre diferente. (JÚLIA, 2019).

Figura 18 – A estrada.



Fonte: Dados da pesquisa (2019)²⁰

Mesmo gostando muito do Vale das Princesas, assim que saiu de lá e pegou o asfalto que dava acesso à cidade de Petrópolis, Júlia foi acometida pela vontade de ter novos desafios, como pensar em uma nova viagem. Desejou sair da rotina e ter contato com mais pessoas, relembrando seus tempos de “civilização”.

Uma forma que ela encontrou de ter esse mundo dentro de casa, mesmo vivendo na floresta, foi recebendo pessoas de outras culturas, o que acontece tanto via *Airbnb* quanto da rede do voluntariado.

²⁰Nota: O caminho da estrada de chão batido é cercado pela mata que se apresenta com um poder avassalador muito próprio. O caminho é cheio de curvas, cores vibrantes. Há, também, muitas histórias de quando Dom Pedro II passou por ali de charrete.

Esse tipo de iniciativa, além de ser uma troca de experiências com pessoas com as quais Júlia se identifica lhe dá fôlego para atravessar o seu novo estilo de vida. É também uma possibilidade de sustento financeiro do projeto.

4.3 DIMENSÃO ANÁLITICA: FORMAS DE ATIVISMO

A seguir, apresento uma análise da trajetória de Júlia, a partir das suas formas de ativismo.

4.3.1 Cena 3: uma abordagem diferente da morte: o amarelo

Numa conversa com Júlia em sua casa, na beirada da varanda onde ficam as ervas e plantas comestíveis, ela descreveu o gatilho que a fez iniciar o projeto *Looping 365 dias* – que antecedeu o *Looping Rural*, uma experiência de viagem pelo mundo, conhecendo culturas distintas, desenvolvendo habilidade que nunca imaginou ter, sem um destino fixo e lidando de frente com suas vulnerabilidades.

Nessa conversa, Júlia narrou despretensiosamente a experiência de uma mulher que foi morar numa comunidade na Dinamarca, com seus três filhos, logo após se divorciar. Ela desejava viver com adultos e velhos em sua volta, além de suas filhas pequenas, em um modelo de comunidade. Relatava não pensar mais em viver de outra forma que não a da coabitação, pois lá todos se ajudavam. Era um lugar democrático para as mulheres e verdadeiramente comunitário, onde todos se preocupavam e ajudavam com tudo, até as crianças que, a partir de 14 anos, tinham responsabilidades e cuidavam dos afazeres da casa.

Essa referência veio à tona quando Júlia começou a falar do documentário chamado *Happy*²¹ que, para ela, simbolizava o resgate do seu momento. Lembrava do que sentiu ao ver o filme, percebendo os seus desejos e potências:

O documentário foi o que me injetou coragem para ir viajar! Foi um encontro potente, segurou minha mão e puxou, pois eu estava tão imersa na dor (fruto da perda de minha mãe) que estava míope para enxergar. Mesmo com medo, eu disse vamos para o Bernardo. (JÚLIA, 2019).

²¹*Você é feliz?* (Título Original: *Happy*). Direção de Roko Belic. Eua: Wadi Rum Productions, 2011. No filme, pessoas são entrevistadas na busca do entendimento sobre o sentido da felicidade e do bem-estar. De acordo com o documentário, a felicidade e o bem-estar vêm sendo alvo de estudos que revelaram descobertas, através de exemplos de pessoas do mundo todo que são consideradas felizes.

Nesse sentido, o filme trouxe a coragem que Júlia necessitava para realizar o que pretendia da vida, além do trabalho, já que o documentário questionava e inspirava a busca por se viver melhor.

Quando vi o filme, eu vi pessoas fora da minha bolha. Eu queria ir lá e ver o que tinha no mundo. Eu queria ir lá pra ver com os meus olhos, já que eu só conhecia e vivia no meu mundo, que era o Jardim Botânico e no máximo o bairro do Méier, na casa da minha tia no subúrbio. (JÚLIA, 2019).

O que despertou Júlia para a mudança foi uma motivação individual, junto da necessidade de pensar a comunidade em que vivia e as experiências que poderiam ser viabilizadas de forma coletiva.

A transição se deu de um olhar de suas angústias mais individuais para uma dimensão mais coletiva. Júlia conectou-se com o filme que mostra, de forma muito simples, como pessoas comuns vivem seus sentimentos de felicidade. O filme também apresenta a visão de cientistas sobre o conceito da felicidade, mostra como o conceito de felicidade mudou a forma de se fazer ciência, na década de 1980. Já que, antes disso, era comum se investigar a depressão e a tristeza.

Segundo Júlia, estudos sobre a felicidade não eram reconhecidos, acreditava-se que não se poderia medir a felicidade. Foi interessante, naquela manhã, acordar no Vale das Princesas e ver Júlia cuidando de Teresa, em cima de uma grande toalha de piquenique. Em volta de um grande terreno com uma grama bem verde, havia uma barraquinha branca com fitas coloridas. Júlia era excelente com cenários.

Figura 19 – Júlia no cenário verde de sua janela.



Fonte: Dados da pesquisa (2019)²²

²²Nota: Júlia no cenário verde de sua janela, cuidando de Teresa, logo pela manhã, apresentando a natureza diária para sua filha. Com passarinhos de muitas espécies e plantas comestíveis, ela propõe um estilo de vida a sua filha, onde se tem tempo para olhar, observar, cuidar e se relacionar com a natureza.

Foi naquele momento, muito antes do café da manhã, que pude ouvir Júlia resgatar um episódio intrigante com sua mãe. Ela contou que, ao assistir o documentário *Happy*, algo que parecia adormecido veio à tona. Lembrou de uma discussão em que afrontou a sua mãe e disse: “[...] *se eu ganhasse muito dinheiro e ficasse rica, ia vender o apartamento da família e ia dar uma volta ao mundo*” (JÚLIA, 2019). Sua mãe, preocupada, avisou que não esperava morrer tão cedo, pois, jamais deixaria a filha “*torrar*” todo o seu dinheiro.

A mãe de Júlia acreditava em uma vida tradicional, pautada no trabalho como o principal modo de se viver e conquistar as coisas. Era, sobretudo, o dinheiro que reforçava o seu lugar no mundo, afinal, ela tinha origem na periferia, em um lugar nada nobre para a cidade do Rio de Janeiro, e foi considerada invisível e sem poder na escala social. Segundo sua mãe, o prazer ficaria para o fim, lá na aposentadoria, coisa que ela nunca pôde, de fato, usufruir, mesmo tendo se aposentado. A frase dela era: “*quando eu finalmente me aposentar, eu vou curtir a vida, aí eu vou viver, pois a vida é trabalho!*” (JÚLIA, 2019).

Infelizmente, a mãe de Júlia teve que usar todo o seu dinheiro – guardado para o momento de curtir a vida e viajar – para lidar com sua doença e garantir qualidade de vida. Optou por um sistema de internação em casa com enfermeiras, no modelo *homecare*, necessário para enfrentar o câncer avassalador que a findava. Sua mãe não conseguiu fazer o que planejou com o dinheiro da aposentadoria, já que a sua vida acabou muito antes de poder viajar, mesmo estando aposentada.

Quando minha mãe morreu, eu vi que a vida é um sopro, frágil. A música ‘encontros e despedidas’, do Milton Nascimento, junto do filme *Happy*, me influenciaram bastante, pois pensei: eu não quero passar o resto de minha vida num escritório, com essa narrativa linear, num padrão, repetindo esse fardo, estressada, cansada e doente, me dedicando completamente ao trabalho, para quando eu me aposentar, eu poder curtir a vida, meu medo era esse. (JÚLIA, 2019).

O processo do *Looping*, nesse sentido, foi a forma como essa menina virou mulher através de um luto. Lutar por ela mesma, pelo significado que ela vai dar à vida, pelo desejo de se afastar e, ainda assim, carregar consigo a herança, mesmo sem querer. Júlia trazia consigo um estado de luto que, no presente, se transforma em luta por fazer diferente, por saber que poderia sim, escolher diferente de sua mãe, se apoiando na sua agência, como atual condição.

Eu tive que me libertar de todo esse DNA, essas emoções hereditárias que não me pertencem, mas que caiu em mim a vida toda: que a vida é feita para trabalhar e depois, bem depois a gente se diverte, depois que para de trabalhar, mas não é depois, no *happy hour* não, é depois, lá quando tu tens uns 60 anos. (JÚLIA, 2019).

A sua mudança de estilo de vida começou quando Júlia ficou sabendo que sua mãe estava com um câncer fulminante. Logo sua mãe, a que tinha a alma nobre, disponível para todos. Vivia contra o tempo, trabalhando dezesseis horas por dia como psicanalista. De manhã, de tarde e de noite. Das sete horas da manhã até tarde da noite, horário em que seus pacientes saíam do trabalho e iam para seu consultório.

Júlia vivia sob os cuidados de outras mulheres, já que sua mãe cuidava de outros tantos. Afinal, as pessoas precisavam dela. “*Eu tinha motorista, empregada, faxineira, passadeira, mas eu queria poder ir ver o mundo com os meus próprios olhos*”, e reflete, “*como eu estava acompanhada do Bernardo, tinha alguém para me dar a mão e dois pares de olhos para ver aquilo que tanto eu desejava, o mundo real.*” (JÚLIA, 2019).

É importante destacar que Júlia era filha única. Sua mãe veio da periferia e tinha um sonho: ser médica. É nesse percurso entre mãe e filha que se constitui o desejo de Júlia pelas pessoas e pela entrega de uma energia infinita de realização no trabalho. “*O conhecimento tradicional, e até diria ancestral, também acho que é um pilar muito forte para mim. Minha mãe está em tudo na minha vida.*” (JÚLIA, 2019).

Caminhando pelo terreno, Júlia (2019) me explicava sobre os espaços: “*o amarelo já me acompanhava antes*”, disse Júlia, ao falar das aberturas e janelas da casa que abriga o seu próprio *looping* no rural. No caso, sua própria força de realização, e porque não de criação, que a fez criar o seu próprio projeto, chamado de *looping*, em referência a esse olhar interno de autoconhecimento. O amarelo era uma espécie de signo da energia da vida que Júlia carregava com ela, sobre o legado do viver “*o presente*”. Júlia apresentava o amarelo como símbolo daquilo que a fez entender que era necessário mudar: “*usei amarelo no dia do velório da minha mãe como forma de ressignificar o luto.*” (JÚLIA, 2019).

Foi nesse contexto, sobre o que fica após a morte, que Júlia me mostrou os livros e móveis deixados por sua mãe. Ali, naquele momento, no projeto *Looping Rural*, encontrava-se a mãe, através de objetos e um bocado de dinheiro que Júlia investira para poder ter a chance de viver diferente. Ela relembra:

Os três primeiros anos aqui foram essencialmente “bancados” com o valor de rendimento investido da herança de minha mãe. Não foi exatamente pouco dinheiro, já que essa grana que bancou grande parte das contas dessa transição. Vi isso como um investimento prático e logístico na transição de vida. O que também proporcionou uma vida, mesmo que simples no rural, confortável. (JÚLIA, 2019).

A presença da mãe ainda era muito forte em Júlia. A cada reflexão sobre a falta de vida ou, sobre a necessidade de força para maternar, vinha a imagem da mãe em sua fala. Existe um

espaço da casa ao qual Júlia me levou bem emocionada. O sótão. Era um lugar onde reservava um pouco dessa sensação de memória de sua mãe, já que o espaço lhe acolhia.

Júlia passou toda a gravidez no sótão da casa, com muitas lembranças e objetos seus. Ali ela pôde ler e escrever sem pressa, entender o tempo, admirar as luzes da natureza e os seus ciclos. Compreendeu melhor sobre como a potência da floresta impacta no seu dia, no seu corpo físico, mental, emocional e espiritual, apreendendo a se conectar com o seu feminino, observado através da janela que dava para floresta.

Figura 20 – A Janela do sótão.



Fonte: Dados da pesquisa (2019)²³

Pausa para o café. Bernardo já havia colocado a mesa e nos chamou. Logo após o desjejum, resolvemos dar uma volta no Vale. Eu estava curiosa para ver de perto os lugares sobre os quais Júlia havia me falado via contato digital, como o boteco, a igreja, o espaço da feira, a Casa da Fazenda (local de socialização, com o estilo de uma praça). Júlia tem uma energia fantástica. Ela fala, descreve e interage com uma vivacidade incrível.

A impressão que eu tenho é que existe uma Júlia interna sempre acordada, viva, te descrevendo o tempo, em paralelo com o passado e seus desejos.

Para iniciarmos a nossa caminhada, Júlia foi descrevendo a comunidade e me disse que, no meio rural, a natureza era sua principal vizinha. Pedi que explicasse melhor sobre essa

²³Nota: A janela do quarto do sótão em que Júlia passou toda a gravidez olhando e imaginando um futuro melhor para sua filha; onde tudo aquilo não parecia uma pintura e, sim, a realidade para aquela família, gerada por ela em seu ventre.

afirmação e ela disse, “[...] aqui não tem praça, não tem loja, não tem café. Então, observar o chão, o céu, as árvores e os pássaros é a rotina de interação diária. Nesse sentido, as árvores e pássaros são os meus vizinhos mais próximos.” (JÚLIA, 2019).

Naquele mesmo momento, enquanto eu descia pelo caminho de chão batido olhei para baixo e avistei alguns pontos brilhando no chão, refletindo a luz do sol. Parei e não acreditava que estava caminhando em cima de um chão de rochas variadas e brilhantes. Minha primeira reação foi me agachar e abrir com as mãos a areia poeirenta para pegar algumas das pedras e investigá-las melhor. Ao pegar naquelas pedras, entendi o significado de estar próxima da natureza e manter uma unidade com o lugar, já que os meus pés estavam integrados às pedras daquele espaço. Pensar sobre isso, naquele instante, me levava a ficar atenta a cada detalhe.

Estou acostumada aos estímulos da cidade, que exigem ação e reação rápidas, sem que haja tempo para se observar e pensar. O lugar onde vive Júlia, realmente, é mágico. Ali, quase não é possível se acessar a internet. Isso permite uma outra experiência do tempo, mas também gera uma angústia por se estar em uma redoma verde, um local sem gatilhos rápidos de saída, caso se necessite. Isso faz com que tenhamos que – eu também, pois senti uma grande ansiedade – lidar com as próprias angústias de frente, sem ter uma saída para ignorá-las. Ficar sem ter para onde ir foi uma sensação transformadora. Júlia já havia me comentado sobre essa sensação, dizendo que a maioria das pessoas que chegam ali no *Looping Rural* no primeiro dia sentem uma espécie de pânico.

Como vi algumas casas na região, logo na minha chegada, perguntei sobre a quantidade de pessoas que veraneavam e ficavam ali em feriados. Talvez, pessoas que subiam do Rio de Janeiro. Afinal, existe um enorme investimento nas casas, pousadas ecoturísticas e muito apelo às trilhas de moto.

Cheio aqui não fica. Diria que tem movimento. As casas dos veranistas se ocupam. Mas, aqui é bem isolado mesmo. Não tem nenhum comércio, além do boteco e da igreja. Só. E nenhum evento. Hoje em dia só a feira e o natal das crianças. (JÚLIA, 2019).

Enxerga-se as casas a partir da beirada da rua, tudo muito simples, pessoas humildes que quase não saem dali do município. Vivem uma vida pautada no trabalho de cuidar das casas dos veranistas que vão muito pouco, ou quase nada, ao Vale das Princesas.

Naquela paisagem se enxerga casas charmosas que ficam no fundo dos terrenos, com grandes gramados e pedras na frente, muitas na cor branca com janelas na cor azul marinho,

que quase nunca estão abertas. Há uma divisão entre os espaços dos turistas (veranistas) e os espaços dos nativos (locais).

Júlia tenta cruzar as fronteiras buscando se relacionar com a comunidade. No entanto, ela ainda não conseguiu identificar o seu lugar. Para ela, não há outro a não ser o de veranista ou o de patroa. A forma de maior contato de Júlia com a comunidade foi através das mulheres da região. Foi a partir delas e com elas que Júlia conseguiu se integrar.

Figura 21 – A comunidade de mulheres.



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Júlia (2018)²⁴

Fomos, eu e Júlia, até o boteco onde ela me apresentou como sendo a “doutora” que estava fazendo um estudo sobre a região. Achei engraçado, pois não esperava essa apresentação. Seu Henrique sorriu e disse: *“bem-vinda!”*. Ele é uma espécie de celebridade local. O síndico da região, um morador muito antigo, que possui o único comércio localizado na rua central do Vale, em frente à casa de Júlia. Segundo ela, o local é privilegiado por ser um dos únicos espaços de convivência entre as pessoas do Vale. *“Nem a igreja tem padre”* (JÚLIA, 2019), ou seja, não existe missa e muito menos reuniões e encontros que permitam alguma interação social entre os moradores da região. Júlia explica:

²⁴ Nota: A comunidade de mulheres com quem buscou se manter aberta para incluir-se e pertencer àquele espaço. As mulheres, em sua maioria, são empregadas domésticas e cuidadoras das casas de veraneio.

Este é o Seu Henrique e Dona Luzia, são o casal que toca o bar do Henrique, único e mais antigo comércio da região. São o epicentro social. Ele é o síndico informal local. Todos precisam saber a opinião do Seu Henrique. Assim que cheguei com Tetê recém-nascida, parei pra mostrar pra Dona Luzia, também conhecida como Tia Luzia, foi por décadas merendeira de uma escola vizinha. Trocamos muito sobre crianças e alimentação, mesmo ela sendo da linha oposta à minha! Chega a ser engraçado. Tetê comeu seu feijão e ela ficou super orgulhosa. Sempre coloco ela ali em cima do balcão do bar pra bater um papo com eles. Teresa está grudadinha na gente e não quer saber de outros colos ainda (JÚLIA, 2019).

Figura 22 – O boteco.



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Júlia (2018)²⁵

É importante reiterar que, no Vale, só existem casas de veraneio, pousadas e os “locais”: habitantes que prestam serviço para os primeiros. Desde o início, Júlia me contou sobre sua dificuldade para estabelecer contato com os moradores do Vale das Princesas quando chegou, afinal ela não era patroa, tampouco local. Como não era compreendida pelas pessoas, se sentia sem lugar. Mesmo chamando os moradores *locais* para um café, pois Júlia queria conhecê-los, se relacionar, criar laços e entender mais sobre o Vale; ainda assim, não obteve sucesso, as pessoas não se aproximavam.

²⁵Nota: O boteco do seu Henrique, o senhor mais influente da comunidade. Ele possui o comércio, o espaço de convivência e de troca, que está localizado em frente à casa de Júlia, zona nobre do Vale. O local é central, algo como se fosse a principal avenida da localidade.

Foi difícil entender que, naquele lugar, a demarcação social não enquadrava Júlia em nenhum dos dois aparentes únicos lugares possíveis que existia. Sentiu-se sozinha por muito tempo em função disso. Seu estado “estrangeiro” permaneceu assim até o nascimento de Teresa, sua filha. Ela contextualiza:

O pessoal nunca saiu nem do município, a maioria não conhece nem o Rio de Janeiro. É complicado lerem no meu Facebook por exemplo que eu viajei o mundo todo. Dá um nó na cabeça deles. E trabalhando lá na roça do outro lado do mundo, aí confunde mais ainda. Pois bem, mas ser mãe me faz ser como elas (as mulheres da região). Cansada como mãe. Simples. É a minha intersecção com elas. Uma mãe cansada que cuida da casa e de filho (JÚLIA, 2019).

Somente quando ela virou mãe é que a relação com as mulheres da comunidade se iniciou. Foi aí que nasceu um novo lugar para Júlia. Pouco a pouco, ela começou a estabelecer laços com as pessoas da região. O primeiro foi dentro de casa, já que ela precisava de uma pessoa para lhe ajudar pois estava com a Teresa recém-nascida e sem sua mãe. Embora fosse na posição de “patroa”, foi com essa relação de prestação de serviços que Júlia iniciou a sua corrente de aproximação com as mulheres da comunidade.

Depois disso, Júlia criou um grupo de mulheres na rede social *WhatsApp*, que tinha como o objetivo marcar encontros em sua casa. Depois de anos que, segundo Júlia, nada acontecia no Vale das Princesas. Iniciou oferecendo aulas de inglês para as mulheres da região. Também ofereceu cursos sobre produtos de limpeza artesanais e naturais e, organizou a primeira feirinha de produtos da região. Júlia conta:

Organizei reuniões e encontros com a comunidade para fazer placas para a feirinha do Vale. Antes da primeira, estávamos todos unidos e animados para fazer acontecer. Eu centralizei aqui em casa para fazer as placas e o desejo da feira foi ficando real. Tinha o time do ‘não vai dar certo, não vai ninguém, aqui nada dá certo’ e quem queria fazer vinha e o pessoal se reuniu aqui em casa. (JÚLIA, 2019).

Júlia estava animada. Mesmo no puerpério, ela se dedicou muito à construção dessa relação com essas mulheres de uma forma mais dignas, buscando a horizontalidade entre elas, independente de serem “patroas” ou “locais”. Esse foi um dos seus grandes propósitos: estabelecer uma rede de união e apoio entre as mulheres do Vale, o que buscou fazer do seu jeito, ágil e cheio de agência (ORTNER, 2007). Mas, com o tempo, ela sentiu que deveria ir mais devagar, pois, naquele lugar, as coisas aconteciam aos poucos. Então, foi quando Júlia refez o caminho, entendendo que tinha que ser tudo mais lento. Entendeu que só serem escutadas, muitas vezes, já tinha um grande efeito para essas mulheres. Ela conta sobre esse processo:

Eu criei o grupo de WhatsApp pra falar sobre a feira, mas não tinha só mulheres, daí criei o grupo “mulheres do Vale”. Porque depois que tive filho eu consegui me inserir com os locais. E percebi que toda reunião pra falar sobre a feira, 80 por cento do tempo eram só as mulheres desabafando. Eu, como filha de psicanalista, acho que tenho o dom da escuta (apesar de falar muito também). E que elas precisam de um espaço pra falar, se ouvir. Mas estou engatinhando com esse grupo ainda, formatando e indo no ritmo delas. Bem lento. Mas sinto a força dessa união e quão profundamente elas estão sozinhas, com pouca esperança, às vezes. Aqui é muito isolado mesmo. Está ficando forte e está sendo tecida bem lentamente essa rede. Todas são muito desconfiadas, mas devagar estão se abrindo. *Se* sentindo à vontade comigo. Esse ser híbrido nem patroa, nem local. Igual, mas diferente. (JÚLIA, 2019).

Enquanto ela me apresentava o local, caminhamos mais alguns metros, e chegamos no espaço onde acontecem as feirinhas, o espaço da Casa da Fazenda, que hoje está sob coordenação local dos próprios moradores. Ela também me mostrou onde ficou sua barraquinha na feira e contou como foi a experiência de organização na época:

Sou ótima produtora e péssima vendedora. Fico girando fazendo meu RP rural – relações públicas informal da feira – empresto móveis e mesas pra todo mundo. Minha barraca é mais simbólica quase. Já coloquei pra vender e acabei dando costela de Adão, manjerição e outros temperos da horta. (JÚLIA, 2019).

Ela só conseguiu agenciar a produção da feira em função do seu capital cultural e simbólico (BOURDIEU, 2007) adquirido na vida urbana, fruto de suas práticas profissionais. Júlia percebeu que a participação efetiva e autônoma da comunidade é fundamental, para que possam desenvolver soluções as dificuldades do próprio local, como meio e ativação entre vizinhos, fortalecendo com isso o comércio local.

Partindo das relações e não mais ocupando espaço de organizadora, Júlia saiu do papel adquirido e se estabeleceu como uma consumidora incentivadora. Faz questão de ir a todas as feirinhas e comprar alguma coisa, pois acredita que é muito importante reconhecer e valorizar o trabalho das pessoas. “*Isso dá mais ânimo para continuar*” (JÚLIA, 2019), uma vez que o desenvolvimento só pode ser chamado de local se houver a descoberta das potencialidades locais relacionadas ao processo de desenvolvimento, adotados pela própria comunidade e localidade como atores protagonistas (ÁVILA, 2001). Foi nessa perspectiva que Júlia atuou, buscando ser mediadora das potencialidades, sobretudo, das mulheres e de suas habilidades, ativando a feirinha como polo multiplicador das práticas locais e relações sociais em comunidade.

Figura 23 – Júlia na feirinha.



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Júlia (2018)²⁶

Saindo do espaço Casa da Fazenda, Júlia teve a ideia de chamar o grupo “*Mulheres do Vale*” para um café em sua casa. Achou que seria um momento caloroso, no qual eu poderia conhecer de perto àquelas mulheres e trocar diretamente sobre as percepções do lugar. Júlia marcou o encontro de um dia para o outro, comprou quitutes e esperou pelas mulheres. Disse que enviava as mensagens e que muitas viam, outras não, mas que sempre as convidava e também fazia questão de ir aos encontros e festinhas quando a convidavam. Era sempre uma incógnita, nunca sabia ao certo quantas e quais delas vinham. Essa indefinição sobre a quantidade de pessoas que viriam ou não me gerou ansiedade: como não saber quem vem?

Contudo, decidimos deixar para ver o que seria e como seria, já que algumas sempre vinham e outras, não, pois não existia essa coisa de marcar presença. As mulheres participavam se quisessem. Muitas resolviam de pronto, na hora mesmo. Outras perdiam os encontros, pois não tinham o hábito de olhar o *WhatsApp*. Perto da hora das mulheres chegarem, Júlia preparou a sala de trás da casa. Disse que era mais informal e que sempre fazia os encontros ali, pois era um lugar que não carregava toda a alegoria da casa de veraneio que existe no interior e que muitas daquelas pessoas já haviam trabalhado ou estado numa época em que família do Bernardo estava usufruindo como veranistas.

²⁶Nota: Júlia na feirinha que idealizou e ajudou a promover, em parceria com as mulheres da comunidade. Nesse dia, estava com sua barrquinha mais para marcar presença e incentivar as outras mulheres, segundo ela. Apresentou livros, algumas bebidinhas, arte de amigos e o seu projeto no Vale, *Looping Rural* – pensão rural, que promove a experiência de se viver no rural por meio das influências contemplativas do lugar, da comida, da Permacultura e em um estilo de vida focado na comunidade e produção local.

O interessante é que, horas antes da reunião, Júlia achava que não vinha ninguém, pois elas não responderam ao convite no *WhatsApp*. Deixou, então, para fritar os bolinhos quando alguém chegasse. Ela estava tranquila. Eu estava angustiada com a expectativa dela. Depois de uns 30 minutos passados do horário combinado, chegou uma das mulheres que ajudava na casa, a Eliane, que hoje tem 50 anos, mas que trabalhou desde os seus 15 anos na casa de veraneio da família de Bernardo. Ela conhece cada peça daquela casa como a palma da mão. Chegou esbaforida, com dois sucos de uva de caixinha numa sacola, achando que estava atrasada. Júlia disse que todo mundo que ela convidava trazia alguma coisa. E assim se formava o ritual do café.

Eliane contou os causos da região, falou do convite que recebeu para passar uma temporada no Rio com a patroa da casa de veraneio que ela cuida no Vale. Anunciou, por diversas vezes as várias responsabilidades que têm com as casas da região e a confiança que as patroas têm nela, sendo uma relação de muitos anos. Contou que gosta do tempo calmo do Vale e demonstra uma grande empatia com a ideia do encontro de Júlia. Mas, a chamou atenção: “*Júlia, tu inventou o café de um dia para o outro. Se marcasse com tempo, o povo vinha.*” (ELIANE, 2019). Nesse processo, mais um ensinamento para Júlia: a comunidade tem regras próprias, o tempo ali é outro e, mesmo tendo se passado dois anos, Júlia ainda se aproximava da comunidade na temporalidade da cidade.

Júlia acredita que a casa do Vale é um local transitório, de passagem. A ideia é ir para Miguel Pereira, município ao lado do Vale das Princesas, que já é mais bem localizado, com muitas famílias que vieram da cidade no mesmo ritmo deles, em busca de mudança. Assim, podem ficar perto do estilo de vida mais conectado com a natureza, mas não tão isolados. Júlia também deseja, para essa próxima etapa do *Looping Rural*, ter um lugar só seu, que não seja a casa da família de Bernardo, com objetivo de ter mais autonomia na realização das suas imersões e hospedagens com experiência, fazendo as coisas do seu jeito e com mais liberdade.

Júlia e Bernardo já estão se organizando para isso, com algumas possibilidades de terrenos em vista. A proposta é, de fato, fazer um *coliving* de famílias e suas casas em um grande terreno. Bernardo já está rascunhando o projeto. Alguns terrenos já foram vistos em Miguel Pereira, mas ainda estão na fase de seleção dos amigos para embarcar nessa jornada de mudança. O propósito é convidar somente amigos e amigos dos amigos para comprar em conjunto o terreno que abrigará casas com áreas integradas, como cozinha, plantação e áreas para crianças. Essa proposta de estilo de vida em comunidade – com áreas individuais e áreas integradas – é algo muito parecido com a vida de coabitação em que todos se ajudavam, do filme *Happy* destacado por Júlia.

Talvez essa proposta com os amigos seja o Projeto de um “*Looping*” mais completo, de uma mudança maior em seu estilo de vida, já que o que identificamos a partir das três cenas paradigmáticas descritas até aqui é um desdobramento de uma vida ainda em transição, transpassada por um desejo de mudar, mas que, até o momento, tem o *ethos* da cidade – herança da atividade intelectual do pai e da intensa produção da mãe –, mesmo com a necessidade de transformação. Júlia deseja algo mais completo e que seja só seu. O *Looping* é o projeto que objetiva os novos valores de Júlia e Bernardo, influenciando também aos outros, a partir de suas buscas por um encontro com a sua própria natureza. É nesse lugar que ela incentiva amigos, hóspedes e voluntários a refletirem sobre suas experiências e sobre novas possibilidades de viver, um movimento que só conseguiu realizar a partir de sua viagem em busca de novas culturas, *Looping 365 dias*.

Esse propósito de promover novos olhares sobre os estilos de vida faz com que as pessoas subam até o Vale das Princesas para conhecer esse projeto. É nessa experiência de encontro com a floresta que Júlia busca desacomodar as pessoas do seu *habitus* urbano, mostrando que é possível viver de novas formas e mais perto da natureza, viver em comunidade, se alimentando melhor e em uma temporalidade mais alinhada com os processos de produzir, colher e descartar. Júlia tenta, ao seu modo e respeitando as experiências que herdou da relação com seu pai e sua mãe, construir uma forma singular de viver a própria vida, mas sem deixar de dialogar com todos que estão a sua volta.

5 CAPÍTULO 2 - MICHELE

As cenas descritivas de Michele, apresentadas a seguir, fazem parte da minha observação participante. Com os acompanhamentos, tentei trazer à tona os fenômenos que impactam o contexto dessa interlocutora e o seu comportamento nas suas relações sociais. Como no capítulo anterior, também descrevo as cenas por meio de três dimensões analíticas: 1. Processos de Mudança; 2. Práticas Econômicas; 3. Formas de Ativismo.

Em minha análise, três temas se revelaram e desencadeiam a discussão proposta. Eles são: (i) a necessidade de segurança colocada em xeque com a experiência frustrante no serviço público; (ii) a construção de um novo estilo de vida a partir do voluntariado, do sistema de trocas e do incentivo às mulheres, através da economia do cuidado; (iii) a participação em grupos de estudo fora do sistema tradicional e as relações com movimentos sociais.

Michele é de Minas Gerais, mas morou a vida toda em Porto Alegre. Tem 39 anos, é separada de seu ex-companheiro há quatro e tem uma filha de oito anos que se chama Cecília. É licenciada em Letras pela UFRGS e atua como professora de literatura e redação desde 2000, desenvolvendo também projetos de formação de professores e mobilização de comunidades de aprendizagem. Durante muito tempo, se entendeu como arte-educadora, foi a artista proponente do “Projeto Casa Grande” (Prêmio Funarte de Arte Negra 2013). Desenvolve, desde 2015, ações artísticas e educativas voltadas para a promoção dos Direitos Humanos. Sua relação com o trabalho está diretamente ligada à essência de desenvolvedora de projetos. Mesmo sendo professora de literatura em escolas, nunca se reconheceu no lugar do emprego formal.

Atuou como funcionária pública pela UERJ no Ecomuseu de Ilha Grande, no Estado do Rio de Janeiro, durante dois anos e meio. Passou em primeiro lugar para essa vaga, acreditando que teria a segurança de um emprego público: tinha todas as características necessárias para viver naquele local e trabalhar como arte-educadora. Foi estimulada pela própria família, sobretudo por sua mãe, para viver em outra cidade. O ex-companheiro também era um servidor público e vivia muito bem. Para Michele, ele era uma de suas referências de segurança.

Como arte-educadora, foi responsável pelo setor pedagógico do Ecomuseu de Ilha Grande, promovendo um diálogo entre a universidade e a população local, especialmente, através do projeto Construção de Autorias, Identidades e Saberes (CAIS). Mas, o seu sonho de viver de forma “segura” foi por água abaixo, em função do contexto político. A gota d’água da insegurança foi ter ficado sem receber o salário do governo por até três meses, trabalhando como voluntária e esperando receber sua remuneração.

Nesse meio tempo, foi perseguida pelo seu comportamento ativista e por sua religião, a Umbanda. A comunidade de pescadores era praticamente toda evangélica, o que a colocava em um lugar de oposição dogmática à comunidade. Desde então, a ilha que parecia ser um paraíso se tornou o cenário do seu pior pesadelo. Ilha Grande se mostrou um lugar hostil e machista. Para se deslocar ao trabalho, sem dinheiro, precisava caminhar por áreas agrestes com sua filha. Não havia estrutura alguma para desenvolver o seu trabalho de educar crianças.

Percebendo os rumos que a vida estava tomando naquele lugar, sem segurança nenhuma, com diversas ameaças de cortes na universidade e com as incertezas sobre quem seria o novo governador do Rio de Janeiro (em 2018), Michele não viu mais sentido em ficar na ilha e pediu exoneração do Ecomuseu. Optou por voltar para Porto Alegre, cidade que sempre lhe acolheu.

Hoje, está perto de sua mãe e do pai de sua filha, o que permite compartilhar todas as atividades da criação parental. Vive, exclusivamente, das relações estabelecidas com a sua rede de amigos, realizando trocas e trabalhos informais de tutoria em escrita criativa para adolescentes e consultas em terapias alternativas. Como uma articuladora social por vocação, propõe viver a partir de um destoante estilo de vida dentro da cidade, de modo mais natural e engajado, morando em um dos bairros mais especiais de Porto Alegre, chamado de Bom Fim. Mora em apartamento com a filha, onde paga um aluguel mais barato para cuidar do lugar. Afinal, um dos quartos ainda está com os móveis da dona do apartamento que mora fora do Brasil.

Vive a partir de uma grande rede de amigos que a ajuda neste processo de vida, além de atuar como voluntária na escola de sua filha. Tem um grande espírito de bruxa e se reconhece como tal. Aproveita o momento para avançar nas atividades focadas na espiritualidade, lugar de muita naturalidade para ela. Legitima o seu sincretismo cultural, tendo fé em mais de uma religião, sobretudo na Umbanda, somada à crença em algo maior, como ela gosta de dizer. Acredita que sempre dará tudo certo ao final, e nisso se sente muito boa, pois, faz acontecer!

5.1 DIMENSÃO ANÁLITICA: PROCESSOS DE MUDANÇA

A seguir, apresento uma análise da trajetória de Michele, a partir da dimensão dos seus processos de mudança.

5.1.1 Cena 1: feminismo prático e a sessão das cartas de tarô

Eu certamente sou feminista. Rrsrs. E sou muito conectada com as questões sociais e de comunidade, mas dentro da busca por justiça social. Então, não me encaixo em feminismo branco, nem em feminismo negro, porque na real, não sou de teoria. Sou de um feminismo prático. (MICHELE, 2019).

Michele foi escolhida para ser uma das interlocutoras desta pesquisa pelo seu sentimento de “desencaixe”, o que, segundo Anthony Giddens (1991, p. 29), “desloca as relações sociais de contextos locais de interação e as reestrutura por meio de extensões indefinidas de tempo-espço”. Esse é um elemento de sua identidade, considerando que se intitula parda e diz que esse lugar mestiço a fez investigar questões sociais e individuais muito potentes. “*É uma experiência muito louca essa de minha identidade. Pra mim, a discussão que interessa é o mestiço. Acho relevantíssimo*” (MICHELE, 2019). De acordo com J. M. Norvell (2002), a mestiçagem é um ponto chave dos discursos na identidade brasileira, tendo em vista as misturas do índio, do africano e do europeu. O mestiço é uma pessoa branca ou não miscigenada o suficiente.

Figura 24 – Família de Michele.



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Michele (2019)²⁷

Michele não se considerada branca e, também, em muitos momentos, não se sente acolhida pela comunidade negra, apesar de ter grande envolvimento com os conceitos raciais. Vive em busca de sua identidade para reafirmar o seu lugar no mundo. Dentro disso, começo pela cena que possibilita esse arranjo entre as partes de Michele mais sutis ou, por que não, mais seguras.

²⁷Nota: Michele está à direita, de blusa vermelha. À esquerda, está a sua mãe, de quem vive comentando sobre a estranheza de ter saído de uma mulher branca e loura. No meio, está a prima de sua mãe, a escritora Adriana Stein, que estava lançando o livro “Aigualina e Pureza Oceânica”.

O meu primeiro contato com Michele foi em um sarau de literatura sobre as obras do Caio Fernando Abreu, em uma livraria alternativa chamada “A Baleia”, localizada no bairro Farroupilha, em Porto Alegre. Esse evento era gratuito e atraía um público extremamente atualizado e sensível à diversidade. Todos com grande correspondência com as artes, sobretudo, a literatura. O lugar ficava em uma casa antiga, na Rua Santana, espaço que promovia saraus e cursos e onde circulavam professores, escritores e profissionais consagrados, permitindo que todos interagissem livremente e sem grandes pretensões.

Na chegada, a sensação era de encontro. O espaço de eventos ficava nos fundos da livraria, onde eram dispostas cadeiras brancas de plástico em uma cenografia com formato de meia lua para um melhor aproveitamento do ambiente. O local era pequeno, o que facilitava a proximidade entre as pessoas, garantindo uma certa troca e o convite ao debate.

A proposta era que os convidados falassem por uns trinta minutos, e ao final de cada sessão, as pessoas poderiam fazer perguntas e discutir mais sobre suas experiências, a partir da obra de Caio Fernando Abreu. Foi nesse momento de debate, praticamente no final do sarau, que vi uma mulher alta e com cabelos crespos pegar o microfone: era Michele. Desde o primeiro instante, ela se mostrava articulada e com forte “capital cultural” (BOURDIEU, 2011), conseguindo ganhar a atenção de todos com sua experiência acadêmica aplicada ao ensino da rede pública, usando os livros de Caio F. Abreu, como um acelerador de suas propostas para a criação e o desenvolvimento de histórias na prática de redação.

A sua fala trazia muita energia e vontade de compartilhar. Tinha uma postura de segurança e ao mesmo tempo de cuidado. Enquanto falava, passava as mãos nos cabelos da sua pequena Cecília que, na época, tinha uns seis anos. Algo que demonstrava toda sua inclinação para essa rede de significados artísticos (GEERTZ, 1997) tecidas entre educação, autonomia e gênero.

A primeira percepção que tive sobre a imagem de Michele foi a de uma mulher que vai a um sarau de literatura com sua filha pequena para compartilhar os sentidos de sua experimentação em educação, através das obras de Caio F. Abreu. Certamente, parecia uma mulher que carregava a coragem em sua proposta de viver e uma doçura no compartilhar.

Não titubeou ao pegar o microfone, em meio a várias pessoas, anunciando a sua experiência prática de transformação com a literatura.

Mesmo entendendo que a arte tem um discurso próprio que a ação nem sempre alcança, quis mostrar o que era possível, ou melhor, o que conseguiu fazer, colocando a sua agência – sujeito de ação (ORTNER, 2007) – como proposta de realização em tudo que faz.

Figura 25 – Personalidade de Michele.



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Michele (2019)²⁸

Algumas semanas após o sarau de Caio F. Abreu, encontrei Michele na rede social *Facebook* e a adicionei. Nesse momento, percebi que já nos conhecíamos de outro lugar. O projeto “Casa Grande” (Prêmio Funarte de Arte Negra 2013), do qual Michele era proponente, funcionava em um espaço coletivo onde convivíamos, mas pouco tínhamos nos falado de verdade. A partir desse meu contato via plataforma digital, começou o meu acompanhamento mais atento a Michele, iniciando trocas através de comentários e *likes* via postagens na rede social.

Nas redes, ela se destacava por textos longos, que anunciavam suas experiências como mulher, educadora e mãe. Estava em muitos grupos sobre feminismo e sempre trazia uma reflexão sobre seus projetos e atividades. Sobretudo, afiliada à sua experiência em Vila Dois Rios, espaço do Ecomuseu em Ilha Grande, local onde morou durante seus últimos três anos. Michele me chamava atenção por seu engajamento, agrupando fatos políticos, econômicos e de gênero, contando suas experiências no meio de um debate para contextualizar. Michele acredita na educação e na arte como propulsores da mudança. “*Afinal, é pra isso que serve o museu,*

²⁸Nota: Imagem de Michele. Momento após o nascimento de sua filha Cecília, em que foi a um salão de cabeleireiro, na cidade de Porto Alegre, e cortou os cabelos. Antes disso, tinha cabelo comprido. Essa era uma prática do próprio salão, que tirava fotos para demonstrar a personalidade de cada pessoa após o corte. Michele não poderia sair diferente, já que tem alma de artista e sua vibração aumenta ao estar em pares.

pra dar vontade.” (MICHELE, 2019). Nessa fala, Michele (2019) apresentou o Ecomuseu em que trabalhava como um lugar do saber ativo e participativo.

Figura 26 – Relações com a comunidade Ilha Grande



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Michele (2019)²⁹

Michele e eu iniciamos uma aproximação maior, quando ela estava fazendo uma pesquisa (contratada como *freelancer*) sobre o mercado de inovação em Porto Alegre, através da Rede Criativa *POA Inquieta*³⁰. Michele estava trabalhando como pesquisadora contratada, mas bastante envolvida com essa rede.

Foi dessa forma orgânica que Michele me convidou para fazer parte de uma série de entrevistas sobre a Rede Criativa de Porto Alegre. Nesse encontro virtual (ocorrido no final de 2018), espaço em que ocorriam as entrevistas, estreitamos os laços e, pela primeira vez, conversamos de fato. Nessa ocasião, aproveitei o tom da conversa mais íntima, para entender sobre sua história. Foi nesse momento que ela me contou melhor sobre sua temporada fora de Porto Alegre, em Ilha Grande. Que havia voltado para ficar perto dos seus, já que estava longe de sua família, da sua rede de amigos e do pai da Cecília, que não conseguia ver a filha e muito menos compartilhar a sua criação. Isso deixava a sua vida muito pesada, já que fazia tudo sozinha.

²⁹Nota: A senhora que está com Michele na foto é Dona Marilda, artesã que trabalha com garrafas PET e tem seu espaço de ateliê dentro do Ecomuseu. Michele dividia o espaço de trabalho com Dona Marilda e elas tinham um grande apreço uma pela outra. Mesmo concursada pela UERJ, e sendo a arte-educadora responsável pelas atividades do Museu, quem era responsável pela chave do local era dona Marilda, que vivia uma relação de muitos anos com o local.

³⁰Rede que conecta aproximadamente 800 pessoas em formato de coletivo, sem hierarquia, através dos temas que dão início a grupos, chamados de “*spinoffs*”. Um sistema de autogestão e ajuda mútua nos temas: gastronomia, ecocriativo, inovação social, design, turismo, entre outros. Tudo isso em um formato sistêmico e orgânico, através de articuladores em cada grupo.

Na ilha, Michele viveu momentos de muitos conflitos. Sentiu na pele o machismo da comunidade que habitava a região ao propor atividades que extrapolavam o seu nível técnico. Foi uma afronta ao controle das atividades que escapavam ao senso comum do Ecomuseu. As propostas criativas para o espaço foram uma afronta ao controle das atividades porque escapavam do senso comum do Ecomuseu. Articulava metodologias da pedagogia da autonomia, de Paulo Freire (2011), uma de suas referências na pedagogia engajada que alia ao seu trabalho prático em educação.

Mesmo estando pela primeira vez na segurança de um emprego público, que parecia ser um cenário ideal em termos de segurança para ela e sua filha, toda aquela tentativa exaustiva de se relacionar com a comunidade, a partir de processo que reorganizava outros modos e modelos de educação, fazia com que se colocasse em condições precárias de saúde. Tudo isso, aliado a uma força religiosa evangélica que questionava o seu trabalho e dominava o espaço da ilha, fez com que o paraíso se mostrasse o revés do que realmente acreditava e desejava para a sua vida. Sobretudo, para criar sua filha.

Após a entrevista que Michele me chamou para participar, ficamos um tempo sem nos falar diretamente, somente trocas virtuais, a partir do meu acompanhamento de seus *posts* – que expressavam sempre de forma dilatada a sua indignação sobre a dinâmica da política do nosso país. Isso me fazia lembrar da sua condição na ilha, sem receber salário, fortalecendo a crise sobre seu lugar ideal no mundo, já que renegou a um emprego aparentemente estável, se exonerando de um cargo público. A situação passada era um peso que ainda carregava, pois não havia se encontrado e precisava criar condições de viver com sua filha. Ter essa responsabilidade lhe deixava muito angustiada.

Figura 27 – Ilha Grande e a vida com Cecília.



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Michele (2017)³¹

No final de 2018, ao iniciar o meu processo de memorial para a seleção de mestrado, estava selecionando o meu tema de pesquisa e logo pensei na Michele e na sua condição de “agência” (ORTNER, 2007), com seu espírito de mudança e realização, desejando fazer diferente e criando formas e propostas de trabalho, investindo na sua comunidade de amigos para criar maneiras de sobrevivência.

A proposta era que ela fosse uma das interlocutoras da pesquisa. Eu queria tratar sobre a mudança de estilo de vida de mulheres da classe média que tivessem efeito com alguma causa social. O critério para a escolha das interlocutoras era estar vivendo um processo de “metamorfose” (VELHO, 1997) que buscasse novos meios de viver. Como Michele estava no alto dessa mudança, acreditei que ela seria perfeita para esse lugar de interlocutora.

Fiz contato com ela que topou na hora. Eu já sabia que essa nossa aproximação daria em alguma coisa, já que Michele nunca passou despercebida; muito menos o seu estilo de vida em “desencaixe” (GIDDENS, 1991) com o sistema econômico tradicional, lutando de forma alternativa por atividades que a completassem. Investigá-la, com certeza, daria uma bela análise antropológica.

³¹Nota: Imagem documentada de Michele e sua filha, pela amiga Clarissa, no Centrinho de Ilha Grande. Essa amiga, foi passar um final de semana na Ilha para fazer uma oficina de Constelação familiar. Michele ajudou a promover a atividade, o que a tirou da cama. Michele estava tão angustiada, que somatizou as dores na coluna, em função de sua instabilidade emocional e insegurança.

Figura 28 – Apresentação de Seminário na UERJ



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Michele (2019)³²

Logo que iniciamos as nossas conversas sobre a suposta pesquisa, avisei que estabeleceria inicialmente uma rotina semanal com algumas perguntas via a rede social *WhatsApp* e a observação de suas redes sociais. Após um período de maturação, iríamos selecionar alguns lugares de sua rotina para eu poder acompanhar. Assim, dando sequência à seleção de atividades que iríamos percorrer juntas, comecei a coletar os primeiros dados práticos para o fichamento das nossas conversas, como nome completo, idade, formação e área de ocupação e profissão.

Foi nesse momento que Michele trouxe a sua primeira angústia de “desencaixe” ao ter que responder a sua ocupação, já que atuava em uma série de atividades, mas nenhuma fixa. Foi a partir de sua resposta bastante peculiar que iniciamos uma série de perguntas sobre suas atividades. De pronto, ela falou que sua ocupação era: “[...] *criação e resolução de problemas complexos envolvendo relações.*” (MICHELE, 2019).

Mas, disse que essa não valia e que estava pensando que poderia melhorar e me respondeu como: “*Educação e artes em multi e transdisciplinaridade.*” (MICHELE, 2019). Logo em seguida, pensou mais um pouco e me indicou o *link* de um *blog* que havia feito na plataforma *Wordpress*, que estava abandonado, mas que carregava uma “minibio” que poderia

³² Nota: Mesmo passando por muitas dificuldades na Ilha, em maio de 2018, ao final da sua estada como arte-educadora do Ecomuseu, ainda teve forças para participar de um seminário da UERJ que aconteceu no Maracanã. Michele, no evento, apresentou o Cais, projeto em que trabalhava com um grupo de meninos com dificuldade de assimilação na escola. Michele utilizava a pedagogia da autonomia para compor experiências criativas.

ser atualizada como recurso do que fazia. Esse processo foi muito curioso, já que aquela “minibio” continha a força de informação sobre Michele, abrindo espaço para as próximas coletas. Ela se descrevia como:

Michele Zgiet de (Carvalho) é professora, artista, arte-educadora e o que mais se apresentar. Trabalha com manifestações da linguagem e curas. É mãe. É pessoa que dança. É pessoa que ouve e conta histórias. Pesquisa teorias do imaginário, artes invisíveis e educação. (MICHELE, 2019).

Contudo, percebi que precisava avançar nessa multipercepção de Michele sobre si, e comecei a investigar elementos que pudessem captar esse não fixo, sem precisar recorrer a ela de forma direta. Percebi que precisava de um tempo para repousar no capital simbólico (BORDIEU, 2011) que ela havia tentado me dizer. Foi, então, que cheguei ao capítulo cinco do livro “O Saber Local”, de Clifford Geertz (1997), onde ele narra a sua percepção sobre arte, a partir de “um sistema cultural próprio” que é impossível de ser narrado, mesmo quando composto por palavras. Correlacionei isso com o modo de sentir da Michele, que pensa e atua na literatura como proposta ativa, trazendo autonomia às pessoas e fazendo-as escrever a partir do seu imaginário criativo.

Foi nessa fase de busca que avançamos dentro da pesquisa para as áreas não-literárias, ou seja, para além das palavras da Michele, onde ela traduz o seu autoconhecimento como cura para as pessoas, através das cartas do tarô mitológico.

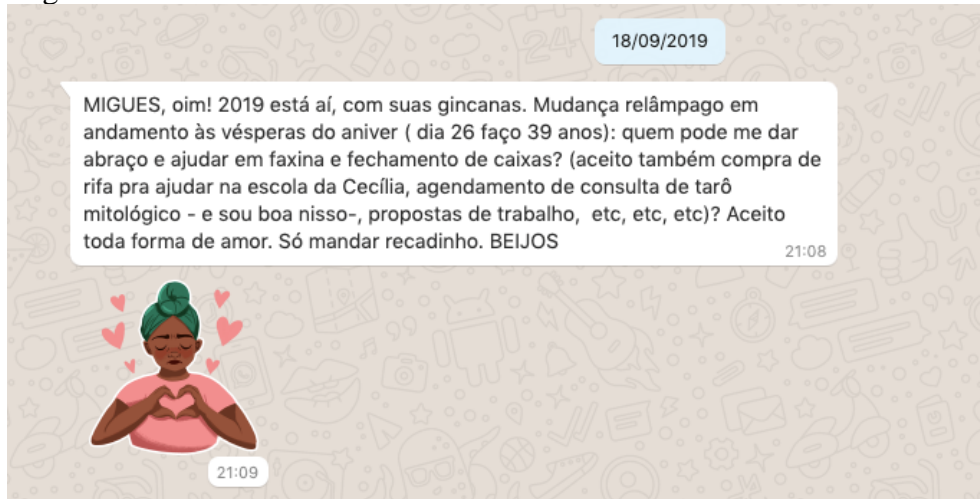
Passados alguns dias, recebi, perto do meio dia, uma mensagem da Michele via plataforma *WhatsApp*. Ela me colocou dentro da sua rede de pessoas (amigos com recursos) que fazem parte do circuito de trocas onde ela associa a sua rede de cuidado. Quando vi a sua mensagem, senti uma sensação estranha, já que eu não imaginava participar ativamente da sua rede de acolhimento. Porém, como sentir o campo sem estar em observação participante de fato?

Foi ali que entendi que estaria, de comum acordo, para fazer parte de sua rede de amigos “colaboradores” e que ajudaria com R\$ 200. Afinal, estávamos fazendo uma troca: ela me cedia seu tempo para eu poder fazer a pesquisa, eu também entraria dentro do circuito de valores despendidos de trabalhos informais dela em forma de troca.

Entenderia, na prática, o conceito de troca. Na mensagem que ela me enviou, havia algumas possibilidades de trocas, entre elas, escolhi a leitura do tarô mitológico.

Parecia uma experiência única estar com ela, nesse momento ativo de subjetividade, em que poderia conversar através do campo da arte e da mitologia, lugares dos quais ela realmente acreditava.

Figura 29 – Convite de Michele: trocas de trabalho e dádiva



Fonte: Dados da pesquisa (2019).³³

Depois de muitas conversas *online*, pude então iniciar o contato presencial com Michele, partindo do reconhecimento de sua casa com o intuito de fazermos uma sessão de tarô mitológico, indicada por ela como uma das possibilidades de troca. Tentei algumas possibilidades de encontro no sábado, no final do mês de setembro de 2019, onde acreditava que a casa estaria mais tranquila, porém, Michele disse que receberia amigos, o namorado e sua filha após o almoço, e que dia de semana seria mais tranquilo.

Marcamos, então, para o começo do mês de outubro de 2019, numa quinta-feira pela manhã, horário em que a sua filha estaria na escola. Cheguei por volta das dez horas em seu apartamento e Michele já me esperava com um sorriso largo, na porta do seu prédio azul clarinho rodeado de muitas árvores. Logo na entrada, percebi que o chão do corredor era todo de ladrilhos hidráulicos muito antigos, com setas na cor marrom que apontavam para o sentido do seu apartamento que ficava no térreo, localizado no final do corredor. O que me parecia um sinal sobre aquela primeira conversa com Michele.

Na chegada, ela me mostrou o espaço com orgulho e me indicou olhar o jardim que circundava o apartamento que, mesmo alugado e tendo caixas da proprietária em um dos

³³Nota: Captura de tela da mensagem que recebi da Michele, naquela manhã de outubro de 2019. Ela me inseriu na rede de pessoas que ela confiava, criando meios de troca de trabalho. A partir desse dia, amadurecemos as possibilidades de encontros presenciais em campo e estabeleci uma data e horário como possibilidades para realizar o tarô mitológico.

quartos fechados, carregava muitos símbolos da Michele. O que era absolutamente fantástico para o que eu precisava coletar sobre seu estilo de vida. O apartamento havia uma espécie de terraço horizontal – estilo *Garden* – com muitas plantas e um espaço para descanso. Batia sol e era muito iluminado.

Enquanto Michele fazia um café para nós, contou que não era muito boa nessa tarefa, que deixava a água ferver muito (já que sua atenção estava quase sempre dedicada a outras tarefas) e que acabava queimando o café. Essa frase nunca mais saiu da minha cabeça: como alguém pode queimar o café? Na cozinha, enquanto tomávamos o café (que não havia nenhum indício de gosto de queimado), Michele serviu umas bolachinhas da feira em uma mesa comprida de madeira de lei. Fez questão que eu comesse geleias caseiras e molhos de *tahine* que ela tinha feito na noite anterior, indicando o seu gosto particular por produtos naturais.

Achei uma ótima oportunidade para conhecer mais sobre ela sentindo esses gostos. Sobre a mesa, havia flores frescas e, em cima da geladeira, uma imagem da Umbanda, o que fez ela me contar um pouco mais sobre sua ancestralidade afrodescendente. Falou, com certa indignação, que tinha mãe branca e loura. Dualidades entre ser preta ou branca que sempre acompanharam as histórias de Michele, fazendo com que ela se questionasse e refletisse profundamente sobre sua identidade racial.

Sente-se carregada de um senso biológico (i) de ancestralidade negra, ao mesmo tempo da contaminação pela forma como é vista no senso cultural (ii) que a legitima, com certa desconfiança, como parda. Ela alimenta a sua condição social de mestiça (NORVELL, 2002), refletindo e criando debates como proposta pedagógica a partir da sua própria pele. Esse questionamento ocupa por completo o corpo e a identidade de Michele. Mostra-se fragmentada pela diferença e não pelo senso de unidade (VELHO, 1994). Para ela, a vida não é nada óbvia.

Os desenhos de Cecília, feitos de lápis de cor, contam as aventuras da mãe e da filha, através de histórias de família. Eles apresentam a Michele por toda parte, evidenciando seu lado lúdico e deixando explícita as suas fronteiras com o mundo concreto fora do seu apartamento. Os desenhos criam um campo afetivo no espaço e reforçam quem ela é e o que motiva a relação de unidade em sua vida: “*a maternidade é uma das minhas prioridades e o resto são efeitos colaterais dela*” (MICHELE, 2019).

Figura 30 – Relação de parceria e cumplicidade Michele e Cecília



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Michele (2019)³⁴

Após o café, sentei no sofá e Michele me trouxe o seu diário escrito à mão. Colocou em meu colo e disse: “*aqui está o que deseja saber sobre mim*” (MICHELE, 2019). Concedeu-me, sem amarras, seu lugar de intimidade e confiança. Foi uma surpresa como ela se entregou para esse encontro e o processo de contar sobre sua vida. Fiquei até sem jeito de olhar o que estava escrito no diário. Fui pega de surpresa. Mas, chamou a atenção que cada página tinha uma textura e cor de papel diferentes. O diário é o local onde escreve sobre seus valores, encontros e livros que fazem parte da sua vida. Ali estava toda a sua riqueza aberta sobre o meu colo. Pensei sobre o quanto é raro alguém investir seu tempo para escrever à mão em um caderno costurado por si mesma, considerando que a noção de tempo e o controle dele são algumas das características do sujeito moderno na cidade (SIMMEL, 1967).

Embora Michele seja manual, e tenha grande dificuldade de se relacionar com a tecnologia, ela usa as redes sociais para ativar a conversa, sobretudo, com mulheres nos grupos do *Facebook*, onde procura colocar em prática o sentido de educação e feminismo, transgredindo espaços (HOOKS, 2007). Ou seja, ensinando como prática de sua liberdade, em uma dinâmica aprendida pela prática da vida, simbolizando seu cuidado com outras tantas mulheres, muitas vezes desconhecidas, em uma atitude típica da economia do cuidado (ZELIZER, 1973). Nesse momento, iniciamos a sessão de tarô. Michele acendeu uma vela vermelha, a qual já estava devidamente pronta em cima da mesa.

³⁴Nota: Michele e Cecília têm muita cumplicidade. Nessa imagem, estão em uma das praças de Porto Alegre. Michele sempre tira um tempo para estar completamente com sua filha. Cecília tinha, em torno de 7 anos, na foto. Era a “sua filha branca”, como ela diz.

Disse que a vela fazia parte do ritual, fazendo com que ela se localizasse no tempo. Quando a vela apagava, a sessão de tarô era encerrada.

O processo de mudança de Michele se deu de forma gradativa. Primeiro, o choque com uma vida que parecia lhe oferecer estabilidade, trabalhando como servidora pública, mas que demonstrou seus limites. Nesse momento, ela percebeu o seu desencaxe com o sistema tradicional, o que desencadeou o seu processo de deslocamento. O retorno à Porto Alegre fez Michele entender que a força da sua rede de contatos podia dar sustentação a uma nova forma de viver, e que, a partir de trocas e investimentos em práticas, possibilitavam novos modelos de vida. Entre elas, o voluntariado e a economia do cuidado. Ambos permitiram que Michele construísse uma vida baseada nas suas próprias escolhas integradas a um sistema colaborativo que tem no centro as trocas entre mulheres, dimensões econômicas de sua busca por transformação.

5.2 DIMENSÃO ANÁLITICA: PRÁTICAS ECONÔMICAS

A seguir, apresento uma análise da trajetória de Michele, a partir das suas práticas econômicas.

5.2.1 Cena 2: Escola Candeia e a Arqueologia do Caminho

Michele vive em correspondência direta com seu processo afetivo. Ela diz ter uma intuição aguçada e que se percebe dentro do caminho que está percorrendo. O seu modo literal, de estar de pé no chão, é o seu jeito de estar presente no trajeto. Em suas caminhadas, procura se fazer perguntas, olhar os pequenos detalhes, aquilo que constitui o seu caminho e aquilo que é forte o bastante para investir sua energia. Michele conhece os seus limites e entende o quanto é valioso perceber essa jornada. Estar atenta permite aproveitar a sua dinâmica transeunte e entender aquilo que Gaston Bachelard (2008) fala em “Poética do espaço”, ao fortalecer, também, o estado *flâneur* de Walter Benjamin (1989). Ambos habitando dentro de si.

Michele explora esse processo pessoal de atenção plena no livro “Arqueologia do caminho” – que faz uma discussão sobre o conceito de *flâneur*. Nos textos de sua autoria, Michele atualiza o que é esquecido ou, muitas vezes, invisível aos olhos de quem vive na cidade. Ela não se abandona e procura ver o milagre no cotidiano. São nos fragmentos desse percurso que procura a catarse.

O processo ritualístico, onde Michele se coloca “em catar-se” para achar as “respostas arqueológicas”, como ela diz, está descrito no segundo capítulo do livro de Leandro Machado, “Arqueologia do caminho” (2015), financiado pelo Fumproarte. Michele é uma das colaboradoras desse livro. Anuncia, em forma de descrição, todo o seu processo de habitar colaborativo no mundo, através de uma análise do percurso criativo do artista Leandro Machado, na cidade de Porto Alegre.

No livro, ao narrar o percurso de Leandro, Michele dilata a sua ideia central sobre colaboração: estranha que as pessoas, de modo geral, não vivam para “[...] *caminhar com intenção de conhecer.*” (MICHELE, 2019). Todavia, como é que isso poderia ser visto fora do cotidiano e do habitual? Para ela, seria ampliando o conceito de colaboração para criar, em sintonia com o cotidiano, com aquilo que é pequeno e contínuo em sua vida. Portanto, não apostaria em grandes eventos, mas viveria de corpo presente e tendo pequenas atitudes cotidianas.

Nessa descrição, Michele nos lembra dos artefatos culturais constitutivos dessa lógica, carregados pelo seu repertório anos 1980, através das lembranças que coleciona na memória até hoje como “[...] *cartas escritas a mão, fichas telefônicas, moedas que valem dinheiro, clips coloridos que usava nas agendas e diários, coquinhos de butiás e folhas duras e verdes que destruíam as calçadas.*” (MICHELE, 2019).

A sua ideia de colaboração se orienta por fragmentos incorporados nesse caminho, provocados pela lembrança de viver a sua infância na zona norte de Porto Alegre. Michele faz descobertas e entrega o que é mais valioso nessa descrição: reafirma a sua lógica de valor, consagrada através das partes, a fim de constituir um todo. Ou seja, ao cuidar das pessoas, estaríamos cuidando do coletivo e incorporaríamos o bem-estar social. Sobretudo, nas mulheres. Seu lugar mais sensível nessa luta.

Figura 31 – Colaboração do livro “Arqueologia do Caminho”.



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Michele (2019)³⁵

Foi naquele trabalho de descoberta sobre as minúcias do que realmente valoriza que Michele introduziu a sua relação com a Escola Candeia. O espaço educativo é de integração entre pais e filhos, que nasceu de um modelo associativo, sem fins lucrativos, inspirado pela Pedagogia Waldorf³⁶. Naquele momento, a escola estava em expansão de bolsas raciais e sociais. A filha de Michele, Cecília, foi uma das selecionadas com a cota social. No entanto, para recompensar, Michele entrega todo o seu apoio e envolvimento como voluntária (dois turnos por semana). Ajuda na limpeza dos banheiros e preparo das merendas. Sendo uma das mães mais ativas da escola. Esse processo acontece em nome de tudo que a Michele faz, cocriando um alicerce permanente de trocas entre pessoas (MAUSS, 1974).

Michele procura estar em conjunto com os pais, amigos e vizinhos do bairro, sobretudo, os que têm uma trajetória parecida com a sua de movimento social. Agrega a dinâmica integrativa e os cuidados da educação das suas crianças (mesmo não sendo as suas), pois na visão dela, isso não poderia ser diferente.

³⁵Nota: Post que Michele fez na rede social *Facebook*, em 2015. Ela me marcou na postagem, em novembro de 2019, para entender um pouco mais sobre o seu processo de colaboração do livro “Arqueologia do Caminho” (2015).

³⁶Segundo o Instituto Rudolf Steiner, “A Pedagogia Waldorf é uma abordagem pedagógica baseada na filosofia da educação do filósofo austríaco Rudolf Steiner, fundador da Antroposofia. A pedagogia procura integrar de maneira holística o desenvolvimento físico, espiritual, intelectual e artístico dos alunos. O objetivo é desenvolver indivíduos livres, integrados, socialmente competentes e moralmente responsáveis. As escolas e professores possuem grande autonomia para determinar o currículo, metodologia e governança”. STEINER, Instituto Rudolf. Pedagogia Waldorf. 2021. Disponível em: <http://institutorudolfsteiner.org.br/antroposofia/pedagogia-waldorf/>. Acesso em: 23 mar. 2021.

Michele é ativa na rede da escola e faz questão de estar presente e oferecer à rede de pais da Pedagogia Waldorf uma outra visão sobre comunidades sociais. A sua interação engajada proporciona novas perspectivas ao espaço, redesenhando sistemas de mediação de grupos de apoio em reuniões, e oferecendo a sua experiência em educação participativa. Todo seu envolvimento, fez com que no ano de 2020, fosse escolhida para ocupar o cargo de diretora da escola. Ficou por um tempo, mas entendeu, mais uma vez, que a condição institucional não é a sua proposta de vida.

Figura 32 – Bandeira da Escola Candeia



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Michele (2019)³⁷

Devido à Escola Candeia se tratar de um dos espaços institucionalizados de troca na vida da Michele, combinamos uma ida até lá para buscar sua filha. Esse foi o meu segundo acompanhamento em campo presencial com ela. Estar na escola fazia parte de seu repertório oficial de atividades diárias que buscavam interagir com aquilo que mais acreditava: a integralidade das partes e o cuidado com as pessoas.

Combinei de passar em sua casa para irmos juntas pegar Cecília, no fim da manhã de uma terça-feira de novembro de 2019. Passei na casa de Michele. Ela estava em frente me esperando. Sua casa fica em uma subida que, aqui no Sul, chamamos de lomba. Peguei-a rapidinho e fomos em direção a uma zona mais residencial da cidade, com grandes casas, ambiente arborizado e espaço de cabine de guardinha nas esquinas. A escola Candeia fica em uma casa grande no bairro Higienópolis.

³⁷Nota: Imagem documentada pela própria Michele e enviada para o meu *WhatsApp*, em dezembro de 2019, com o objetivo de contextualizar a realização de eventos ao ar livre pelos pais da Escola Candeia, como a festa de fim de ano.

No caminho, conversamos sobre dinheiro. Michele estava preocupada. Naquele mês, estava um pouco complicado de pagar o aluguel. Mas, como sua vida financeira, após o período em Ilha Grande, carregava esse estado de impermanência, disse que já estava acostumada. Senti a sua angústia e achei que, naquele momento, ela precisava desabafar, então, fiquei em silêncio. Mesmo Michele não tendo uma vida estável financeiramente, ela mantinha sólidos princípios, sentindo-se convicta em suas ideologias, carregando consigo um senso de reflexão e empatia que impacta outros a sua volta. Mesmo com o pouco que tem, ela se compadece com a dor do outro de forma legítima, e está sempre pronta para ajudar.

Figura 33 – Escola Candeia



Fonte: Dados da pesquisa (2019)³⁸

Depois de vinte minutos de carro, chegamos à escola. Do lado de fora, já se via muitas plantas e ervas sendo deixadas para secar. Segundo Michele, aquele era um dos trabalhos de fim de ano das crianças. Já que o contato com a natureza é um dos pilares dessa integração holística da Pedagogia Waldorf, que visa criar seres humanos moralmente responsáveis por suas ações.

³⁸Nota: Imagem registrada por mim em campo. Meu objetivo era contextualizar o momento de chegada à Escola. As ervas colocadas para secar simbolizam as crenças de Michele na fé e na bruxaria. Chamou a minha atenção que uma escola alternativa pudesse ensinar esse tipo de ritual (de secagem de ervas) às crianças. Uma espécie de volta às origens.

Figura 34 – Valores, Missão e Visão da Escola Candeia



Fonte: Dados da pesquisa (2019)³⁹

Ao entrar na escola, esperei Michele que, naquele momento, localizava as pessoas no interior do espaço, com o intuito de me apresentar como a escola funcionava. Aguardo em uma antessala de estar, com um sofá verde escuro floresta muito confortável. Parecia uma casa e a sensação de estar ali era muito agradável. O que me fez pensar: como seria estudar em um lugar com cara de casa?

Em frente ao sofá, reparei que havia um quadro que anunciava a proposta da escola através de valores organizacionais, como: missão, visão e valores. O formato do quadro era bem formal, talvez até antiquado, para uma escola associativa. Entretanto, o que estava escrito acompanhava Michele em sua trajetória, como: (i) respeito à diversidade; (ii) compromisso social; (iii) educação com liberdade; (iv) humanização profunda e integral. O que me fez ter a certeza que ali era um lugar ímpar para execução da pesquisa.

Era como se eu estivesse no centro das ideias de Michele e isso me ajudaria a interpretar os projetos dela para um futuro.

³⁹Nota: Imagem registrada por mim, em campo. Meu objetivo foi documentar os valores da Escola Candeia, escrito em papel com pintura de aquarela, evidenciando a arte como propulsora do saber. No lado esquerdo do quadro, havia um bilhete que dizia: “pulsando no ar, estrelas brilhantes em nós”. Em uma interpretação livre, é possível aludir que a frase se refere à energia de cada um ali, sendo essa necessária para fazer a escola acontecer.

Certamente, esse projeto tem crianças que estudavam em espaços acolhedores, onde pais se envolvem afetivamente no convívio com seus filhos, estando muito além de buscá-los e levá-los à escola. Estava evidente que se tratava de um ponto de encontro de valores, desejos e missão.

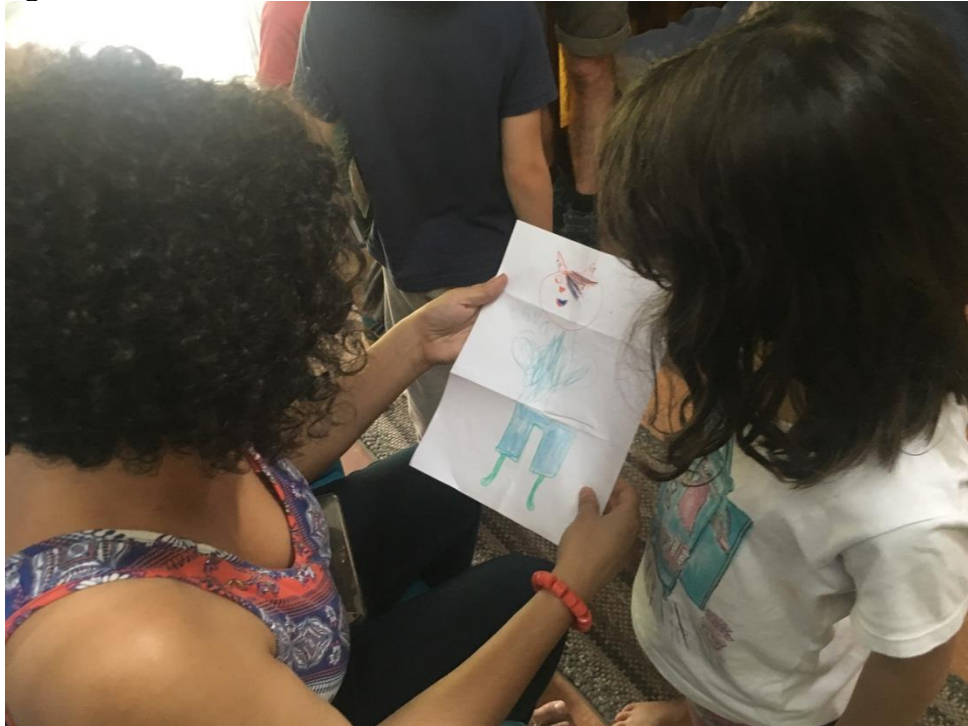
Michele me chamou para acompanhá-la até a cozinha. Lá, estava a professora da Cecília fazendo a comida. Ela estava mexendo um panelão com verduras. Estranhei, pois não havia nenhuma criança no local, imaginei que aquela era uma aula de culinária, mas não, era o almoço do dia que ela estava preparando. Naquela escola associativa, todos se revezavam nas tarefas. E todos também almoçavam na escola, eram crianças, professores e, às vezes, até os pais das crianças. Uma espécie de família, onde todos estavam juntos por uma causa: educar crianças moralmente responsáveis sobre suas atitudes.

Quando Michele me apresentou à professora, ela abriu um sorriso e, sem pestanejar, perguntou se eu era uma investidora financeira, e se estava ali para investir na escola, já que era comum esta prática entre frequentadores do espaço. Michele sorriu e disse que eu era uma amiga. Logo saímos, fomos ver o restante dos cômodos que estavam com as crianças ainda em aula. Partimos para a secretaria, onde fui apresentada à principal investidora da Escola, uma mulher de seus quarenta e poucos anos, com dois filhos pequenos no espaço.

Em seguida, os pais começaram a chegar para pegar as crianças. O que me chamou a atenção é que todos estavam presentes, saíam dos seus carros e iam pegar seus filhos e conversar com os amigos. Não havia, como de costume, uma fila de carros perto do meio dia, encostando e levando crianças – como uma espécie de *drive-thru* da vida cotidiana na cidade.

Ao contrário, tinha algo diferente acontecendo ali naquele ambiente. Havia pessoas adultas reunidas, encontros com trocas afetivas entre crianças e seus pais em pleno dia de semana. Eu vi leveza, tempo e olho no olho. Professores de inglês ajudando na saída, professores de português se revezando para fazer o almoço. E a principal investidora do espaço recebendo os pais em uma horizontalidade que dava contorno aos valores propostos naquele mesmo singelo quadrinho pendurado na parede.

Figura 35 – Desenho de Cecília na Escola Candeia



Fonte: Dados da pesquisa (2019).⁴⁰

Pude presenciar o encontro de Michele e Cecília. A menina havia feito um desenho para a mãe e Michele, logo que a viu, se abaixou, ficou do mesmo tamanho da filha e começou a conversar sobre o desenho com atenção e paciência. Interessava-se pelo mundo lúdico de Cecília e lhe fazia perguntas com respeito e horizontalidade. Ir à escola Candeia fez com que eu pudesse sentir, por alguns instantes, a esperança que transforma Michele. Lá, eu entendi o seu pensamento sobre micropolítica atuando na sua realidade. Michele disse: *“Até na escola da Cecília tem que ser algo colaborativo, né?”* (MICHELE, 2019). De certo modo, estranhando a si mesma.

⁴⁰Nota: Imagem registrada em campo. Michele juntinho de sua filha, olhando com atenção para o desenho que a Cecília havia feito naquele dia em sala de aula. Ela tinha atenção dedicada, Michele fazia perguntas à menina. Ela estava realmente interessada em seu dia, em sua história. Uma cena rara entre pais e filhos na cidade.

Figura 36 – Michele e Cecília em frente à Escola Candeia



Fonte: Dados da pesquisa (2019)⁴¹

Após o encontro na escola, fomos levar a amiguinha de Cecília em casa. Aquele era o dia de Michele buscar as crianças na escola. As mães amigas e vizinhas se revezam nessa logística de buscar e levar as crianças. Tudo é cocriado, participativo e afetivo na vida de Michele. A forma de viver coletivamente é levada a sério por ela em todas as atividades que se coloca.

Na volta, eu perguntei como tudo aquilo funcionava e ela me disse: *“Não é sobre o dinheiro deixar de ser a moeda, mas é sobre a gente parar de pensar que a gente individualmente vai dar conta de alguma coisa que é muito maior.”* (MICHELE, 2019). Ela me contou que dez por cento do que ganha destina a outras pessoas que precisam. É como se isso se referisse a como ela se intitula em seu perfil na rede social *Facebook*: “em movimento”.

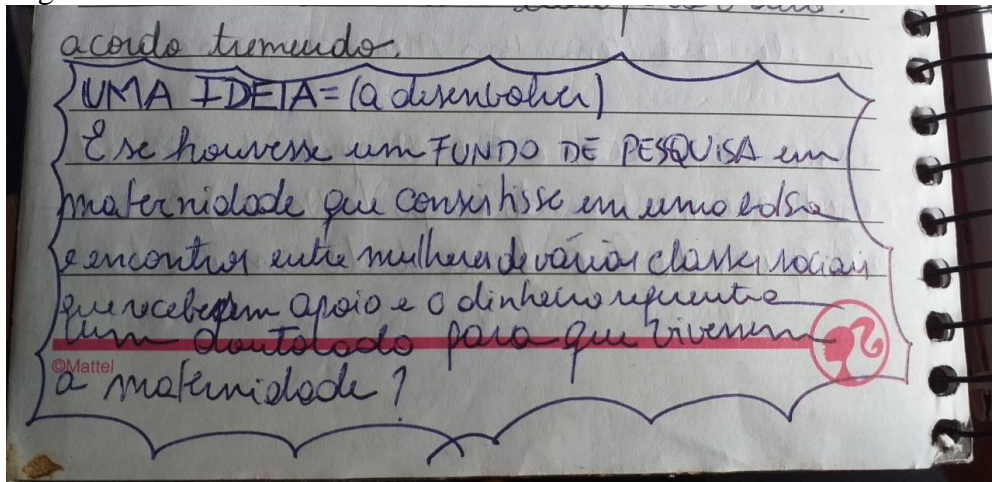
A sua vida está sempre em movimento e, por consequência, o dinheiro também se movimenta com ela. Essa é a vida vivida em movimento de Michele. Explica que tem amigas de vários lugares do mundo que lhe enviam dinheiro continuamente. Ela chama isso de “caderninho infinito”. Esse meio de doação de dinheiro acontece em forma de circuito de cuidado entre mulheres (ZELIZER, 1973).

⁴¹Nota: Imagem registrada em campo. Saída da escola. Pequena Cecília cansada da manhã de atividades com colegas. Michele compreendia os limites de sua filha, respeitando o seu tempo e o seu espaço.

Seja porque algumas estão ganhando muito bem; seja porque Michele já lhe deu em nível físico ou em espécie, algum dia; ou havia devolvido a nível emocional, em forma de apoio; ou através de uma consulta oracular à distância, seja por meio do tarô mitológico, das pedras alquímicas, das Cartas Lenormand, das indicações de leitura ou *thetahealing*. Enfim, algum processo de consulta oferecido por Michele que é bruxa, como diz, e abre caminhos, fortalece a psique, orientando e acolhendo cada pessoa de forma singular em sua jornada.

Essa é uma rede que Michele sabe que pode apoiar e ser apoiada. Já que quando está precisando, envia uma mensagem para a sua rede de forma pública, explicando o que está acontecendo, via rede social aberta, ou privada pelo *WhatsApp*, direto para as pessoas que ela sabe que podem ajudá-la. A proposta é trabalhar pelo cuidado pessoal e coletivo.

Figura 37 – Diário da Michele: ideia



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Michele (2019)⁴²

Nessa dinâmica de vida, Michele se comove e vibra com outras pessoas. Vivenciando a questão social de forma coletiva, ativa e surpreendentemente real, fazendo com que o conceito de dádiva de Mauss (2017), se estabeleça na prática e de forma contínua em sua vida. “*Tem gente sendo obrigada a olhar para a questão social, mesmo quando elas nunca olharam. Já eu só estou no fluxo do que eu acredito, tenho uma certeza interna, quase infantil, de que tudo dará certo.*” (MICHELE, 2020).

O grande desafio dela é a sua inconstância na vida econômica. Porém, ela acredita – em suas palavras, até de uma forma meio ingênua – no potencial dos seus circuitos de cuidados com investimentos, e em um modelo de vida que tem a dádiva como recompensa.

⁴² Nota: Imagem registrada, pelo celular, por Michele, direto do seu diário. A intenção era mostrar a sua ideia sobre uma bolsa que possa ajudar outras mulheres a viver a maternidade, e ainda, poderem estudar.

O objetivo principal da mudança de Michele é a relação com a coletividade, por isso, a rede de contatos e o trabalho voluntário reafirmam a ideia de troca como um valor do novo estilo de vida adotado.

5.3 DIMENSÃO ANÁLITICA: FORMAS DE ATIVISMO

A seguir, apresento uma análise da trajetória de Michele, a partir das suas formas de ativismo.

5.3.1 Cena 3: sexta-feira, sessão das 13h, o Filme *Bacurau*

Vivemos um imperativo do tempo. Eu preciso parar pra pensar, eu preciso de uns dias. Eu preciso parar e olhar na minha agenda. Ver se cabe aquele compromisso. Não parece, mas preciso de tempo. Mesmo estando em movimento, meu cérebro tem limite. Eu preciso de tempo para processar as emoções. (MICHELE, 2019).

É com essa verbalização de Michele que começo a descrever o meu último encontro presencial com ela, no intuito de capturar a sua forma de viver e se expressar na sua narrativa biográfica de mudança. Logo que começamos a conversar, via mediação digital na plataforma *WhatsApp*, ela me falava que eu tinha que conhecer o curso de Antropologia do Imaginário que ela fazia. Disse que, além de ser importante para ela, traria para a pesquisa algumas referências sensoriais de seu processo. Naquele momento, mesmo sendo objeto de estudo, não se continha e queria me ajudar a capturar todos processos de importância de sua vida.

Achei interessante o seu modo de absorver e construir o saber por várias vias, se movimentando através das práticas ativas, grupos de trocas e debates acadêmicos. Pedi para ela que me contasse um pouco mais sobre esse lugar de conhecimento. A primeira informação que Michele, logo de cara, me relatou é que o curso não se passava dentro da universidade. Mesmo sendo formada pela UFRGS, não esperava mais voltar para academia, muito menos para um espaço formal acadêmico. Estranhei. Perguntei se o curso era de alguma instituição renomada e ela me respondeu calmamente que não. Tratava-se de um curso independente, realizado na contracorrente da academia, desenvolvido por estudantes de mestrado, doutorado e pesquisadores renomados do mercado, que se juntaram e fizeram uma espécie de coletivo, chamado *Associação de Pesquisas e Práticas de Humanidades (PPH)*.

As aulas acontecem na sede do espaço, em um prédio muito antigo, na Borges de Medeiros. Daqueles prédios do Centro que a gente fica olhando para cada detalhe da solene arquitetura.

As aulas aconteciam uma vez por mês, à tarde, em dias de semana, normalmente às sextas-feiras. O mais excepcional era ser gratuito, pois é custeado mensalmente com apoio recorrente da plataforma de financiamento coletivo “Apoie-se”, que levanta recursos por meio de *crowdfunding* para projetos colaborativos de impacto social.

Com campanhas sem prazo para terminar, o PPH consegue ser financiado de forma contínua mensalmente. A plataforma funciona em um sistema de assinaturas para apoiadores de causas. Podendo escolher o valor do apoio. Do mais simbólico ao valor máximo. Tudo isso para explicar como funciona a manutenção de uma associação como a PPH que não tem cursos pagos e favorece o incentivo de conhecimento profundo a todas as pessoas dispostas a estudar clássicos e contemporâneos da imagem.

É importante ressaltar que, não por acaso, Michele é amiga de todo grupo da PPH e que seu ex-namorado é o fundador da plataforma “Apoie-se”. Michele é uma das entusiastas do projeto desde o seu início, testando a versão beta que se desdobrou na célebre plataforma *Catarse* que também nasceu em Porto Alegre.

“*Como eu me meto nesses enroscos de comunidade.*” (MICHELE, 2019). Esse é *modus operandi* que mobiliza Michele: estar em grupo, estar entre as coisas que estão acontecendo. Fazendo uma analogia com o formato de plantar do *Looping Rural*, da nossa primeira interlocutora, a Júlia, seu modo de ver as coisas acontece através da variedade de espécies, é assim que uma ajuda a outra, é assim que uma protege e fortalece a outra, como funciona no plantio da Permacultura.

É nesse perfil variado em temas, autores e teorias, que acontece os formatos das aulas em *Pesquisa de Pensamento por Imagem – Gppimgl*. Bem parecido com a dinâmica acadêmica, são indicados artigos e capítulos de livros para o debate no dia e horário das aulas, com a monitoria da professora e mediadora Ane Eliza De Carli, pesquisadora e filósofa, cofundadora da Associação de Pesquisas e Práticas em Humanidades.

Quando Michele descreveu o seu momento de estudo de forma independente, permitindo-se ler atentamente um texto durante um mês inteiro, com o intuito de debatê-lo com outras pessoas que têm o mesmo comprometimento, interesse e desafio, algo me intrigou profundamente. Como existem pessoas com tempo e dedicação para realizar um curso que não oficializa nenhum certificado formal acadêmico? Foi naquele momento de estranhamento – processo recorrente na prática antropológica – que entendi que a PPH seria um dos meus acompanhamentos presenciais ao lado de Michele e que esse espaço teria que ser investigado mais a fundo.

Michele era uma das grandes ativistas do curso e uma voz ativa e independente nesse cenário intelectual e pensante. A partir desse dia, percebi que precisava achar espaço no dia e hora da aula de Michele para acompanhá-la. Aliás, não se tratava somente de uma aula, era uma ida a um lugar que parecia ser um tempo qualificado na vida de Michele. Ela ficou de me avisar quando seria a próxima aula, pois ainda não estava marcada naquele mês. Definidos o dia e a hora, eu iria acompanhá-la.

Assim que Michele ficou sabendo sobre a data, me avisou com alegria, mas disse que a aula seria diferente, que não ocorreria no espaço habitual do PPH e que seria uma sessão comentada do filme *Bacurau*. Perguntou se havia algum problema por ser um evento, algo diferente de sua rotina no PPH. Eu disse que não teria problema, que iríamos lidar com as atividades conforme fossem definidas e que não mudaríamos ou controlaríamos como faríamos. O evento abarcava uma sessão exclusiva, às 13h de uma sexta-feira, no espaço da Cinemateca Capitólio.

Mesmo não sendo o hábito de Michele, achei que poderia ser muito produtivo estar em observação participante com toda a turma, em um espaço que dialogava com todos aqueles sentidos sobre imagem, dentro de um cinema. É importante salientar que a Cinemateca Capitólio não é qualquer espaço de cinema. É um lugar prosaico, cheio de histórias sobre o cinema de Porto Alegre. O cinema fica na rua Demétrio Ribeiro, esquina com a Borges de Medeiros, localizado no coração do centro da cidade, pertinho da PPH. Conta com uma biblioteca de filmes e uma sala de cinema com uma estética das décadas de 1950-1960 preservada. O ambiente foi todo reformado, mas não perdeu as suas características marcantes de cinema de época, com cadeiras vermelhas de couro, tapete vermelho e luminárias amarelas encaixadas em paredes forradas por papéis beges com desenhos dourados. Um espaço que transborda estímulos e inspiração sobre imagem, história e filmografia.

Era uma sexta-feira de novembro de 2019, quando passei na casa de Michele, por volta de 12h30, para pegá-la. Fomos para o Cinema Capitólio no meu carro. Achei importante esse meu deslocamento, mais do que nunca, pois sabia que Michele estava sem dinheiro. Dias antes, havia comentado sobre estar passando por um momento delicado. Então, fui pegá-la em sua casa e também paguei o cinema para nós duas, como modo de agradecer por seu tempo despendido, paciência fora de série em nossas conversas e respostas às minhas perguntas.

O evento era algo que mexia comigo em diferentes sentidos. Não imaginei estar em uma sala de cinema naquele horário. Michele estava muito confortável em se mover em seu tempo e espaço para um evento de sua prioridade. O filme que iríamos assistir e debater, após a sessão, era *Bacurau* que havia sido recém-lançado no Brasil.

Dirigido pelo renomado cineasta Kleber Mendonça Filho, mesmo diretor e roteirista do filme *Aquarius*, que esteve em Cannes no ano de 2016, oportunidade em que o elenco protestou, com cartazes em pleno tapete vermelho, contra o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, com uma das frases mais calorosas daquele ano: *Fora Temer!*

Michele fez parte desse cenário de forma fervorosa e todo esse ciclo de atividades dos últimos anos culminou em uma sessão vespertina, que trazia o nordeste brasileiro como pano de fundo, estimulando os gêneros da fantasia e ficção científica, articulando politicamente Michele em sua própria trajetória. Michele trouxe à tona o seu passado imaginado, idealizado, debatido e sentido através da sua experiência em Ilha Grande, em perspectiva com o seu presente, praticando atividades de mudança no seu dia a dia.

Logo na chegada, subindo as escadas, Michele me apresentou a sua professora, Ane Eliza De Carli, além de seus amigos do curso, tudo com grande alegria e vontade de expressar a força de sua história em um lampejo: *“Esta é a minha pesquisadora! Ela pesquisa sobre mim”* (MICHELE, 2019). Esse momento é sempre engraçado, pois essa é a verdade. Meu objeto de estudo é uma pessoa e sigo com ela, em campo, até o fim do acompanhamento. Mas, não tinha jeito, acabava ficando sem graça.

Ao chegar no Cinema Capitólio, é impossível não se transportar a um outro mundo. Todo aquele barulho e lotação do centro da cidade fica para trás. O espaço é estonteante. Uma arquitetura que contempla piso de mármore branco, vitrais coloridos, janelas com três folhas de madeira e vidro que abraçam o Centro, junto de corrimões dourados, fazendo daquele cenário um espaço separado daquele mundo agitado.

Apesar de estar ao lado de corredor de ônibus, pessoas passando com pressa, poluição sonora e visual, o Cinema Capitólio nos retirava daquela realidade e nos transportava para um lugar imaginário através da sua atmosfera e acústica. Eu me sentia dentro de uma bolha. Retirada das ruas de Porto Alegre e ampliada em discussões sobre Brasil, sobre Nordeste, sobre disparidade social, sobre a fortaleza do coletivo, a partir de uma tela enorme. Todas refletindo os valores de Michele.

Afinal, o filme retratava a luta coletiva de um povoado chamado *Bacurau*, no sertão brasileiro, que percebe que está sendo atacado. Para identificar o inimigo, a comunidade se une criativamente para se defender. A impressão de ver o filme ao lado de Michele é que a narrativa fílmica não era meramente ilustrativa, mas expunha as suas lutas diárias coletivas por sobrevivência. Nessas lutas, sempre há uma receita caseira, familiar, uma mulher bruxa, a união de pessoas para abrir espaço e articular novos modos de fazer e acolher, considerando o seu processo de práxis (BOURDIEU, 2011) e agência (ORTNER, 2007).

Contudo, chegar naquele espaço, às 13h de uma sexta-feira, trazia ao meu corpo a sensação de privilégio em todos os níveis: social, cultural, emocional. Afinal, quem poderia ter tempo para ir ao cinema, sobretudo, naquele horário, em plena sexta-feira? Essa pergunta ficou ecoando desde a nossa chegada no Cinema Capitólio. O evento tinha um tom democrático, já que o valor era relativamente amigável, dez reais por pessoa. O Capitólio estava aberto e o debate era gratuito. A princípio, a possibilidade de participação dava espaço para que pessoas de classes sociais e níveis culturais distintos pudessem estar ali. Mas a questão era: a quem o evento acessava, cabia e conectava? Quem teria aquele espaço na vida para poder encaixar um dia de cinema com debate sobre a teoria do imaginário, às 13h de uma sexta-feira ordinária?

Michele, ao cumprimentar um casal de amigos com filhinho pequeno, que ela havia convidado na noite anterior, iluminou a questão. É importante salientar que um deles era negro, o único do espaço, fora a senhora da recepção do cinema. Michele, ao sentar-se na cadeira vermelha de época para ver o filme, não se conteve e veio me comentar ao pé do ouvido sobre esse recorte racial no curso e sobre a sua angústia no que diz respeito à necessidade de atingir outras classes sociais e a periferia. Mas, como atrair mais pessoas nesse horário que, por si, exclui e limita? Pessoas comuns, que seguem a condição de um horário comercial, dificilmente estariam incluídas dentro desse universo – refleti com ela.

Quando eu me refiro à ideia do comum, busco o conceito de usual, cotidiano, habitual. Mas, quando eu entro na seara do hábito ou, melhor dizendo, do *habitus*, que é aquilo que alguém carrega consigo, me concentro na ideia de capital cultural de Bourdieu (2001). E, naquele dia, logo me detenho ao recorte de pessoas que estavam inseridas naquele evento. Sobretudo, pensando o recorte de mulheres, em uma dinâmica de trabalho diário em horário comercial, com filhos, que era o caso de Michele. Naquele arranjo e momento de vida, estava em situação de privilégio. Um privilégio cultural e social, onde sua rede de amigos fazia com que ela tivesse a possibilidade de escolha, de alternativa, de possibilidade.

Nesse momento, as luzes do cinema acenderam, em meio a energia visceral proporcionada por *Bacurau*. Um filme forte, com cenas de pessoas morrendo à sangue frio e muitas patologias do sistema sendo exposta para os debates internos. Tinha gente que ria, outros se emocionam ou ficavam tristes, perplexos. Olhei para Michele feliz por estar ali, por poder estar naquela sessão e discutir com seus pares sobre o significado daquele dia. Após a sessão, fomos para a sala multimídia, onde acontecem os debates mais exclusivos.

Chegando à sala, a organização estava toda pronta, cadeiras em círculo, pessoas entrando e a professora Ane Eliza De Carli a postos para a mediação.

Figura 38 – Debate Filme *Bacurau*

Fonte: Facebook PPH (2019).⁴³

A dinâmica da conversa aconteceu no formato livre, onde alunos do curso e pessoas da comunidade foram se apresentando e contando suas percepções e sentimentos sobre o filme. Michele, com toda a sua agência, muito própria e engajada com a turma, iniciou a conversa falando sobre suas percepções, passando por mim, que já estava ao seu lado. Conte um pouco sobre a minha surpresa ao ver o filme, que elucida o Brasil como alimento para o restante do mundo. Afinal, no filme, o ataque veio de um planejamento de pessoas de fora do país. Achei importante fazer parte do grupo, contando um pouco sobre minhas percepções para prestigiar o evento, mas foi só essa a minha participação, pois o meu intuito era cumprir o papel de observadora.

⁴³Nota: Imagem registrada pelo próprio grupo do PPH com o objetivo de documentar o evento extra – espaço de cursos. A foto foi adicionada à rede social *Facebook* do grupo.

Figura 39 – Debate Filme *Bacurau* na Cinemateca Capitólio



Fonte: Facebook PPH (2019).⁴⁴

A imagem elucida o recorte de quem pode participar de um encontro desses: jovens universitários, que estão ainda na graduação e pós-graduação, intelectuais aposentados, pessoas que andam de bicicleta pela cidade e vivem um estilo de vida mais alternativo. Profissionais liberais, como psicólogos que fazem seu próprio horário. O casal de amigos de Michele, convidados por ela, com o objetivo de diversificar o grupo, estão à esquerda, fora do círculo, anunciando um não pertencimento ao espaço. Michele luta por união e vive nessa mobilização corporificada, onde se coloca vulnerável, mas ao mesmo tempo, aberta para transgredir, movimentar e causar reflexão.

“Minha família é uma grande ficção, ou melhor, se não fosse real, seria ficcional”, diz Michele (2019). E é com essa verbalização que finalizo sua etnografia. Destaco essa em especial, por acreditar que ela reverbera a síntese do conceito de Gilberto Velho (1994) de “campo de possibilidades”, situada na sua condição simbólica de classe-média, a partir de um estilo de vida que produz alternativas e escolhas de ser e estar em seu campo de conhecimento e lugar. Mesmo Michele estando em uma condição de luta por sobrevivência, vive com e dentro de uma rede capaz de levá-la a muitos lugares, dando-lhe condições de escolher e fazer a diferença para sua vida e dos demais à sua volta.

⁴⁴Nota: Imagem registrada pelo próprio grupo do PPH. Estou ao lado de Michele, de frente para o grupo inteiro. Ela, em um papel ativo, e eu, ao lado dela. Michele é uma das principais alunas do curso sobre o imaginário e estava trazendo sua percepção sobre o filme.

Esse recorte reflete não só a sua condição de alto grau de escolaridade, com grande capital cultural e social, mas também agencia suas maneiras de ir e vir.

É, portanto, também considerando o conceito de transgressão de Bell Hooks (2017), estabelecido dentro de relações coletivas, em que Michele enxerga o ativismo como um modo de transgredir com as regras do sistema hegemônico. Ela incorpora modos de resistência não individualizados, elaborando possibilidades, a partir de sua rede ativista, de classe média, na sua maioria branca e com grande capital cultural.

Michele é uma mulher ímpar, que busca reconstruir a sua vida a partir de inovadoras lógicas, foge ao óbvio e se reconstrói na prática todo dia. Michele é um emblema de um desencaixe do que se é concebido como normatividade. Ela é uma encarnação da sua própria proposta destoante de viver.

6 CAPÍTULO 3 – CAMILA

Apresento, a seguir, as cenas descritivas de Camila, construídas a partir da minha observação participante, trazendo à tona os fenômenos que impactam o contexto dessa interlocutora e o seu comportamento de mobilização no ambiente corporativo. Assim como nos capítulos anteriores, as cenas são descritas por meio de três dimensões analíticas: 1. Processos de Mudança; 2. Práticas Econômicas; e 3. Formas de Ativismo.

Dessa vez, desencadeio a discussão considerando os seguintes temas: (i) o trabalho de mobilização de práticas de sustentabilidade no meio corporativo e o desejo de fazer as pessoas refletirem sobre suas atitudes, como ocorreu no seu evento de casamento sustentável; (ii) através do voluntariado, quando multiplica as ideias do Sistema B que gera certificação para empresas que buscam propósitos além do lucro; e (iii) a mobilização dentro do cooperativismo, multiplicando conceitos socioambientais, e a reflexão sobre diversidade no meio corporativo.

Camila tem 32 anos. É gaúcha, formada em Administração com Ênfase em Gestão de Inovação e Liderança. Também é Mestre em Gestão e Negócios pela Unisinos e Master em Gestão pela *Université de Poitiers* (França). É especialista sênior do núcleo de sustentabilidade da Rede Cooperativista Sicredi, localizada em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, mas atua nacionalmente, viajando a trabalho para dar palestras e estudar sobre a área de cooperativismo e novas economias, sobretudo, as compartilhadas.

Está casada há 11 anos com o seu segundo namorado, se conheceram ainda no segundo ano do ensino médio. Eles têm um ao outro como fortaleza, espaço de incentivo, parceria e de foco no futuro. Não têm filhos, mas consideram a cachorrinha, chamada Emília, uma vira-latas, como uma filha. “*Afinal existe muito cachorrinho no mundo, por isso optamos por adotar*” (CAMILA, 2019). A Emília é como filha, tendo toda uma agenda de cuidados para acompanhar o casal em todos os lugares sociais. Nos fins de semana, Emília é disputada entre os pais de Camila que, mesmo separados, consideram a cachorrinha como um ente querido que aproxima a todos.

Seus pais têm uma formação consistente e sempre estimularam Camila a estudar. Seu pai é arquiteto e colecionador de carros antigos. A mãe é psicóloga e professora universitária na Unisinos. Tiveram uma vida centrada no trabalho, sobretudo a sua mãe, que sempre foi um espelho para Camila como mulher, tanto na carreira acadêmica como em seu foco profissional. Camila viveu grande parte de sua adolescência sozinha em casa, o que deu a ela um grande senso de responsabilidade, fazendo-a entender, desde muito nova, que seu êxito está amparado por sua autonomia e independência.

O divisor de águas de sua vida, segundo ela, foi quando, aos 15 anos, foi morar com a família na Espanha. Seus pais venderam tudo e foram passar uma temporada de quatro anos na capital espanhola, com o objetivo de dar suporte à carreira da mãe, em seu doutoramento. Ela conta:

Às vezes analiso minha vida e me sinto com 80 anos, por tantos cursos que fiz e estudos que me dediquei. Desde línguas, que sempre fui apaixonada, a especializações, mestrado com dupla certificação à *Schumacher College*, em 2018, com Peter Webb na Inglaterra, onde vivi minha grande experiência no formato agrofloresta, onde tudo era feito em contato com a natureza, desde chás na horta à relação direta com as árvores frutíferas do local. (CAMILA, 2019).

Obstinada, hoje Camila busca fazer a diferença no mundo através do impacto ético e sustentável dentro de grandes corporações. Além de trabalhar de forma fixa no Cooperativa Sicredi, também é uma das voluntárias que representa o Sistema B no Sul do Brasil.

Camila se entende como uma ovelha verde das empresas das quais trabalhou e trabalha. Busca influenciar pessoas por meio das práticas sustentáveis. Acredita que esse é o seu legado nas corporações: *levar ferramenta de mudança social*. É muito disciplinada em toda a sua lógica de atuação e é reconhecida dentro da Cooperativa Sicredi por trabalhar com estudos que integram a sustentabilidade, o cooperativismo e a cultura organizacional. Fez também o *Gaia Education*, em 2011, em um município próximo a Porto Alegre, chamado Viamão, numa proposta de atuação local, a partir do Design de Sustentabilidade para EcoVilas.

Camila modela as suas práticas concentrando todos os seus esforços para orientar e mostrar como o negócio pode ter impactos positivos nos resultados quando a empresa altera o olhar de gestão sobre os conceitos socioambientais. Investe toda a sua potência para fazer diferente. Busca se relacionar com inovações e práticas compartilhadas digitais, bem como, com o mercado financeiro e econômico, através de novas frentes de economia, pautadas pelo viés cooperativista. Camila é uma das especialistas da área no Brasil, o que a tornou uma das professoras da especialização do curso de Cooperativismo da Unisinos, no Rio Grande do Sul.

Considera-se romântica no que se refere a essa transformação, mas acredita firmemente que esse é o seu propósito. Desde de muito nova, deseja fazer mudanças na sociedade com ética e coerência. Iniciou com um trabalho interno com colaboradores em grandes empresas multinacionais e, hoje, mantém um desejo de gerar impacto em milhões. “*Essa seria a vantagem de trabalhar em uma grande empresa*” – diz ela, pois gera grandes impactos para muitos (CAMILA, 2019).

Camila fortalece sua identidade através das cores vibrantes da cartela “outono forte” – ferramenta de visagismo que utiliza para desenvolver o seu valor pessoal e profissional, com o objetivo de criar uma boa imagem, sobretudo no trabalho. Busca estar sempre impecável, referência de elegância que diz ter herdado da sua mãe. Percebe-se que esse é um dos critérios adotados para quem vive o desafio de trabalhar numa organização com maioria de homens: estar impecável. Trabalha num espaço de tecnologia da cooperativa que é considerado inovador. No local, se experimentam e se testam novas lógicas para operacionalizá-las. Propositalmente, escolheu o seu apartamento num bairro muito próximo ao trabalho, para que pudesse organizar melhor toda a sua rotina. Afinal, é disciplinada com a qualidade de vida, mas nem sempre foi assim.

Em 2018, foi diagnosticada com uma doença inflamatória autoimune, chamada Lúpus, que precisa de cuidados atentos para não afetar órgãos e tecidos, como pele, articulações, rins e cérebro. Em seu caso, a doença afetou os rins, impedindo que o corpo filtrasse todas as impurezas do seu organismo. A doença não tem cura, necessitando de cuidados diários e exames mensais. Tudo isso fez com que Camila tivesse que rever a sua rotina, organizando um monitoramento de atividades, o que representou uma mudança completa na sua alimentação, descanso e qualidade de vida.

Desde então, seu estilo de vida é conduzido pelas práticas da saúde e bem-estar. Esse processo de mudança foi uma virada de chave para ela. Começou uma dieta anti-inflamatória, restringindo o consumo de glúten e derivados de leite. Ficou cerca de dois anos sem ingerir uns trinta tipos de alimentos para poder ativar a sua energia base. Para conseguir dar conta desse estilo de vida mais saudável, acorda às 5h da manhã, faz yoga e é adepta das mais variadas terapias, desde as alternativas até as mais tradicionais.

Alimenta-se somente com não-industrializados e procura não comer carne. Sua vida é organizada por prioridades diárias para garantir sua estrutura emocional, física e biológica. Promove o necessário para manter a máxima da qualidade de vida e cumprir uma lista de compromissos pessoais e todas as reuniões do trabalho.

Camila é muito organizada e o seu dia-a-dia é planejado, hora a hora, na agenda digital do Google acessada de seu iPhone. Tanto que nossa entrevista foi marcada em uma janela do seu último horário, numa segunda-feira, às 20h15. Era o único horário disponível na agenda intensa da Camila, no mês de outubro de 2019. Só naquele mês, Camila iria para o Peru, Chile, São Paulo e Nova York. A última viagem seria dedicada às férias tão desejadas com a sua mãe, mas que aproveitaria para fazer uma palestra no Congresso Internacional Cooperativista.

6.1 DIMENSÃO ANÁLITICA: PROCESSOS DE MUDANÇA

A seguir, apresento uma análise da trajetória de Camila, a partir da dimensão dos seus processos de mudança.

6.1.1 Cena 1: o vestido de noiva: a coerência entre a vida pessoal e profissional

Cheguei por volta das 20h no prédio de Camila e o porteiro logo me passou sem perguntar onde eu iria. Parece que havia me reconhecido, já que era minha segunda vez no local em um curto espaço de tempo. Quando ele abriu, me garantiu acesso a duas portas de ferro. Naquele momento, refleti internamente: como o medo e a violência assombram pessoas nesse nosso país? E como, de alguma forma, essa insegurança impessoaliza os ritos através de portas que trazem a sensação de segurança.

Após essa curtíssima reflexão, eu pergunto ao porteiro: é perigoso deixar o carro aqui em frente? Ele, solenemente, disse que eu poderia ir tranquila, pois ficaria olhando. Mesmo reconhecendo o local, confesso que absorvi parte daquela sensação de insegurança percebida por àqueles moradores. A rua estava escura, não havia comércio algum ou pessoas passando, o que fazia com que minha atenção estivesse ainda mais calculada e precisa. É bem frequente eu me sentir assim em espaços públicos e, ali, não era diferente. Mas, as fronteiras entre aquelas duas portas de ferro anunciavam a sensação que àqueles moradores prezavam por segurança.

Passei as portas e olhei para cima. Vi grandes janelas que percorriam toda a sala de estar e luzes que destacavam a personalidade de cada morador e seus estilos de vida, através das grandes janelas. Dependendo da cor percebida, dava para imaginar as histórias e os formatos das famílias, num limiar entre o público e o privado. As luzes acesas e os muitos andares fizeram-me lembrar que, àquela hora, era um momento de estar em casa, confortável, junto à família. Não era, exatamente, um horário ideal para fazer uma entrevista. Logo pensei que Camila poderia estar cansada. Mas, como foi ela quem sugeriu o horário, e por saber que não haveria outra opção na sua agenda naquele mês, apenas tentaria deixar que o momento fosse o mais agradável possível, e que conseguíssemos realizar esse encontro da forma mais natural. Eu estava preocupada em não incomodar, pois chegar em um lar sem intimidade, naquele horário, não era o mais aconselhado.

Ao entrar no *hall* do prédio, aproveitei para descrever alguns elementos do espaço. Comecei o meu processo de coleta dos símbolos do ambiente que cheirava a novo e que se destacava por poltronas de couro marrom caramelo em um espaço muito confortável de espera,

que transmitia uma sensação de sofisticação ao ambiente. Enquanto eu esperava o elevador, chegou uma mulher dos seus 42 anos, toda arrumada e com sua maquiagem desfeita, o que demonstrava o seu cansaço excessivo. Deu-me boa noite e suspirou, “*que bom chegar em casa, né?*” Ela estava com um ar de exausta. Naquele momento, me veio uma sensação associada àquela mulher, alguém que não aguentava mais a vida no escritório, muitos problemas para resolver, negócios, papéis, tudo isso em segundos, entre o térreo e o terceiro andar. Fez-me lembrar que estava entrando em um prédio de camadas médias, onde os dilemas entre tempo e trabalho é algo cotidiano, como já analisado por Gilberto Velho (1986) em seu livro “Subjetividades e Sociedade – uma experiência de geração”, no capítulo: *A busca por coerência: coexistência e contradições*.

Associei aquele momento à Camila, lembrei de sua vida lotada e de seu legado no trabalho, alimentando àquela estrutura e me fazendo recordar do seu maior objetivo que é estar amparada sempre pelo conceito de *ética* e *coerência* em tudo o que faz. Seu propósito é despertar reflexões às pessoas das quais convive, a partir de sua busca por sustentabilidade em tudo. Naquele mesmo instante, a frase que Camila me falou na primeira entrevista emergiu à minha lembrança, trazendo luz ao espaço onde eu habitava - entre o elevador e a porta do seu apartamento a sua verbalização: “[...] *eu, pessoalmente, não sou assim uma pessoa tão consciente, anticonsumo, eu ainda compro bastante, nesse sentido ainda tenho muito a aprender na minha vida pessoal. Eu tento, mas o meu impacto mesmo é no meu trabalho, na minha profissão.*” (CAMILA, 2019). Naquela primeira entrevista, não havia entendido muito bem essa verbalização da Camila, mas aos poucos ficou mais nítido o que ela estava tentando me indicar.

Nesse momento, a porta do apartamento se abriu e quem me recebeu foi André, marido de Camila. Ele me convidou para entrar e disse que Camila estava fazendo terapia *on-line* no quarto, mas que eu não me preocupasse, logo ela terminaria. Perguntou se eu desejava uma água, um café, um chimarrão. Eu agradei e pedi uma água, já que, da última vez, tomei chimarrão naquele mesmo horário com a Camila, e passei bem mal, pois não costumo tomar nada estimulante à noite, ainda mais, em uma segunda-feira.

Comentei que cheguei mais cedo pelo receio de pegar trânsito, afinal, sabia que Camila tinha os seus horários todos programados e não queria atrapalhar. Sabia que ela estava fazendo esse novo modelo de *terapia on-line junguiana*, e que estava fazendo muito bem a ela. Pois, fazer terapia sem se preocupar em se deslocar era a possibilidade de aproveitar o momento com a sua cachorrinha no colo, no aconchego de sua casa.

Enquanto falava com André, ele limpava a casa, me servia água e tomava conta de tudo. Via um homem fora dos padrões tradicionais, dedicado ao bem-estar da casa, que limpava a mesa de vidro com um tampo na cor bordô até ele ficar reluzente – ele passou três vezes o pano com produtos diferentes para limpeza. Eu me desculpei por ter chego na hora do seu lanche da noite, e ele me disse que estava tranquilo, pois ele já tinha acabado e que Camila ainda não tinha comido. Ele havia falado de modo natural, como se fosse um hábito da vida do casal aqueles momentos assimétricos dia de semana, pois Camila normalmente faz cursos, reuniões e atividades *on-line* à noite, semanalmente.

Fiquei preocupada com a nossa entrevista, pois se ela ainda não havia comido, como conseguiríamos conversar com calma? Pensei: que vida puxada! Nossa! Isso me fez sentir no corpo a sensação de um espremedor de frutas, batendo tudo, tentando espremer cada último minutinho da gota do dia. E mesmo Camila sendo alguém cordial, e querendo ajudar com o estudo, eu era uma pessoa que não fazia parte da intimidade da casa. Nesse sentido, estava preocupada em estar incomodando o casal à noite, no seu momento de privacidade.

Enquanto André organizava a louça na cozinha, eu fiquei ali sozinha, naquela sala cheia de objetos coloridos, muito bem decorada, com predominância das cores violeta, preto e dourado, muitas plantas, muitas texturas, almofadas, cortinas, uma bela varanda aberta que virou a extensão da sala. André comentou que resolveram transformar a varanda para aproveitar mais o espaço como sala. Ao fundo, TV ligada em algum canal fechado que não conseguia identificar o programa, mas que não evidenciava nada importante. Era só um ruído que ajudava abafar o som do quarto, já que Camila estava fazendo terapia e necessitava de privacidade.

Depois de quinze minutos esperando, Camila chegou com sua roupa ainda de trabalho no corpo, pantufas cor de vinho nos pés e com os olhos de quem tinha se emocionado na terapia, um olhar cansado e a maquiagem borrada. Ela me recebeu com um sorriso, e disse que estava preocupada de eu ter ficado muito tempo ali esperando – e eu preocupada com ela. Ainda sem entender como, mesmo sem tempo, Camila havia aberto um tempinho na sua agenda, me recebendo em sua casa, em um dia difícil da semana.

A sensação do primeiro instante de conversa é que Camila estava um pouco desconcertada ao me ver após a terapia. O que fez com que ela partisse para ação, me pegando pela mão e me levando para o segundo quarto do apartamento, local onde ficava o escritório provisório dela e o *home office* do André. Ali eles guardavam as caixas de fotos do casamento. Marcamos, naquela noite, para conhecer a história sobre esse dia especial em sua vida, mas ela não conseguiu achar a caixa, fazendo com que gritasse para o André, anunciando sua dificuldade em achar as coisas no apartamento.

Logo em seguida, se virou para mim e disse ao pé do ouvido: “*ele é quem sabe de tudo aqui em casa, ele é a pessoa que organiza, faz comida, cuida de mim*” (CAMILA, 2019). André saiu da sala prontamente, foi ao quarto e abriu uma caixa com todo o cuidado e entregou uma caixinha pequena nas mãos da Camila.

Aquele gesto de cuidado e paciência estampava a relação verdadeira e afetiva que existia entre os dois. Refletia uma relação muito além de um casal, dando lugar também a um espaço protetor, do qual Camila já havia me dito, de forma categórica e amorosa existir em sua vida. Não à toa, quando começamos a conversar sobre suas atitudes sustentáveis, logo nos primeiros encontros, contou sobre o seu casamento como um dos seus maiores projetos pessoais, onde havia levado a todos os seus familiares e amigos o conceito de sustentabilidade.

É importante salientar que a ideia do casamento, que tinha o objetivo de mudar o *status* de namoro para oficialização da união, foi de Camila, André estava muito tranquilo em ficar namorando, mesmo já morando juntos há alguns anos. Como Camila sempre quis constituir família, acreditava que essa mudança de estágio do relacionamento, marcado pelo ritual tradicionalmente benzido pelos laços da fé, seria necessário em forma de cerimônia, o que fecharia um ciclo de dez anos juntos do casal.

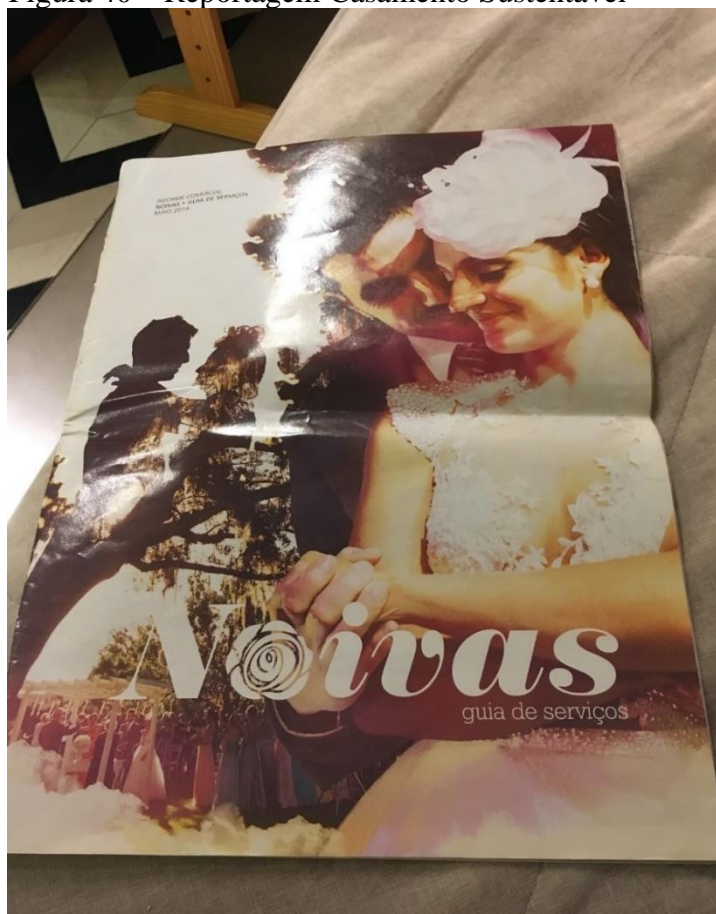
Segundo Camila, ela realmente acreditava que o rito mudaria o *status*, fazendo toda a diferença para a união já estabelecida. E essa sensação, segundo ela, foi a que realmente aconteceu. “*Parece que quando chegamos em casa, após o casamento, às 6h da manhã, algo tinha acontecido e mudado.*” (CAMILA, 2019). Não se tratava apenas das alianças e dos símbolos materializados daquele rito, mas também das palavras e dos votos de dedicação e reciprocidade, que fizeram com que se legitimasse, de fato, a força do casal. Segundo eles, aquele momento reintegrou os vínculos do relacionamento, que passou para um outro nível, confirmando o marco para os dois.

E foi para saber mais sobre aquele rito que eu estava ali, naquela noite de segunda-feira, abrindo as caixas, vendo fotos e assistindo ao vídeo de casamento, na presença do próprio casal, que aproveitava para comentar as partes importantes do ritual.

Após ver as fotos com Camila no quarto, fomos para a sala e percebemos que André já havia colocado o vídeo do casamento para assistirmos. Orgulhoso, ele disse que estava tudo pronto para mostrar aquele momento. O filme do casamento foi feito por um *videomaker* que, segundo Camila, hoje está famoso e fazendo casamentos para os artistas globais, mas que na época, era uma pessoa desconhecida.

A festa do casal foi um *case* para ele – pois não existia esse conceito de casamento sustentável, em 2013, e Camila foi a primeira noiva a fazer um casamento totalmente sustentável no Brasil. Seu projeto apareceu em várias capas de revistas e fez com que mais pessoas pudessem refletir sobre a responsabilidade de se realizar um casamento com beleza e impacto positivo ao planeta. Esse sempre foi o cuidado de Camila: identificar a melhor condição e pensar sobre qual era o impacto positivo que ela gostaria de causar no mundo com suas ações. Camila carrega o espírito de transformação socioambiental em todos os projetos que realiza.

Figura 40 – Reportagem Casamento Sustentável



Fonte: Dados da pesquisa (2019).⁴⁵

Camila tinha o objetivo de fazer uma festa que tivesse o menor impacto ambiental. Pensou em uma proposta que acolhesse a sustentabilidade antes, durante e após o casamento. O evento pensado minimamente, com o intuito de comprar os produtos necessários para essa produção, direto com produtores locais, com menos lixo em todos os procedimentos.

⁴⁵Nota: Capa de uma das revistas que mostram o casal contando sobre o casamento sustentável. Essa da foto, em específico, é uma revista do segmento de casamentos, de 2014.

A festa aconteceu no espaço Alameda da Figueira, em Cachoeirinha, próximo à cidade de Porto Alegre.

Figura 41 – Casamento embaixo da figueira.



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Camila (2013)⁴⁶

Nesse momento, Camila e eu sentamos no sofá. André sentou no chão. Estávamos reunidos na sala do apartamento para assistirmos juntos o vídeo *case* do casamento. Foi emocionante vê-los falando sobre a celebração, com o vídeo ilustrando os seus comentários. Foi uma experiência muito interessante do ponto de vista metodológico, assistir ao vídeo com a possibilidade dos comentários do casal. Acelerávamos as cenas e eles traziam pontos chave daquela noite e seus detalhes. Já no início do vídeo, André começou a chorar e Camila estava séria, olhava absorta, parecia ter sido transportada para aquele instante.

Eram muitos os papéis que se diluíam com aquela intimidade aberta. Um caminho sem volta para a abertura que percorríamos juntos, através daquelas cenas. Lembro-me que essa foi uma das únicas coisas que deixavam Camila um pouco insegura quanto à participação na pesquisa, onde iria mostrar a sua exposição como pessoa, não como profissional. Mas, prometi ser discreta e ela encarou esse processo de forma muito gentil e carinhosa. Mesmo percebendo que ela estava mais contida que André em suas emoções, via em seus olhos o orgulho de ter realizado todo aquele “*projeto*” do casamento, como ela diz (CAMILA, 2019).

Como uma administradora, percebeu que o evento foi também um grande processo de reconhecimento da área de orgânicos na região, promovendo um planejamento alinhado com seus princípios na gestão de fornecedores. Ela comenta:

⁴⁶Nota: Imagem registrada do casamento de Camila e André que aconteceu embaixo de uma figueira, ao ar livre, em um grande espaço de eventos em Cachoeirinha – município que fica na região metropolitana de Porto Alegre.

Só de doce, tínhamos seis fornecedores que fiz questão de ir atrás um a um, pois no ano de 2013, essa denominação de procedência orgânica, num menu de casamento, era algo muito novo e quase impossível. Ninguém tinha acesso facilmente a essas pessoas, então tive que desbravar e encontrá-las no seu lugar de origem, longe da cidade. (CAMILA, 2019).

Esse detalhamento fez com que Camila tivesse que ir até a zona rural, no interior, procurar essas pessoas que poderiam ser os seus fornecedores.

Figura 42 – Lembrancinhas do casamento: geleias orgânicas.



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Camila (2013)⁴⁷

Camila teve o cuidado de fazer um intenso levantamento dos possíveis fornecedores com procedência orgânica e rural para festa e, mesmo sabendo que seria muito delicado encontrá-los, e que daria muito mais trabalho, não abriu mão da proposta. Esse foi um dos seus critérios para o planejamento da cerimônia: ter um menu com o máximo de produtores locais, onde colocaria suas histórias em cartões para que todos pudessem descobrir a procedência dos alimentos.

⁴⁷Nota: Imagem registrada pelos fotógrafos do casamento de Camila e André, onde as lembrancinhas entregues aos convidados eram geleias *chutney* de manga orgânica. Essas delicadezas vinham com as histórias das famílias rurais que as produziram.

Figura 43 – Menu do casamento



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Camila (2013)⁴⁸

O objetivo de Camila era destacar o legado de toda aquela atitude – lembrando aos convidados de onde vinham àquelas matérias-primas e quem eram as pessoas que estavam por trás daquelas comidas. Esse era o espírito: levar reflexão sobre sustentabilidade para todos os seus amigos e familiares que estavam na cerimônia. Camila faz parte de uma geração que deseja levar sentido ao que faz, e percebe que isso deve ser iniciado através dos pequenos feitos, por meio de microatitudes em seu entorno.

Ou seja, levar a lógica do pensamento *ético* e *socioambiental* para quem convive com ela – como amigos e familiares –, da forma mais natural possível, mostrando como agir de maneira sustentável nas atitudes cotidianas.

Figura 44 – Madrinhas e padrinhos



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Camila (2013)⁴⁹

⁴⁸Nota: Imagem registrada do menu da cerimônia, feito de papel *craft*, indicando as etapas das refeições proporcionadas no casamento. Cada prato foi pensado a partir dos elementos de procedência local.

⁴⁹ Nota: Imagem registrada pelos fotógrafos da cerimônia que mostra a alegria dos seus amigos que foram madrinhas e padrinhos dessa celebração. Essa turma são os possíveis multiplicadores da atitude de Camila.

O conceito de sustentabilidade estava em tudo. Uma tentativa de mostrar a ética e a coerência em todas as suas atitudes. Percebe-se que essa é uma das maneiras de Camila iluminar, na prática, todo o seu capital cultural e simbólico sobre o tema sustentabilidade. Já que em seu casamento, tudo foi pensado com o menor impacto, produzindo formas de anunciar essa sua lógica de pensamento.

Desde a van que levava os convidados para que não precisassem ir cada um com um carro, fazendo o transporte de forma coletiva, para o grande dia. Até o sorteio de um fusca, que Camila havia ganhado de seus pais quando nova, foi feito durante a cerimônia com o objetivo de reciclar um presente que não estava mais em uso por ela. A ideia era que a festa produzisse nas pessoas a reflexão de que pequenas atitudes podem criar novas perspectivas de vida e valorização. E fazer tudo isso em uma festa de casamento com a menor quantidade de lixo possível, era uma delas.

Figura 45 – Sorteio do Fusca



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Camila (2013)⁵⁰

Para Camila, tudo aquilo que planejou fazia muito sentido, pois sempre achou importante ter coerência no que faz. Esse foi mais um dos seus projetos alinhados pela ética, palavra que é comentada por ela sempre que falamos em sustentabilidade e responsabilidade socioambiental. No processo de fazer o casamento realmente sustentável, Camila teve ajuda da família para a realização. Uma das ações práticas sustentáveis pensadas por ela, foi a criação de bilhetinhos em papel *craft*, pedindo para que os convidados adotassem somente um copo

⁵⁰Nota: Registrada pelos fotógrafos da cerimônia, a imagem exibe o Fusca sorteado aos convidados do casamento. Uma forma de reciclar o presente dado pelo pai de Camila (que é colecionador de carros antigos) e que, no momento, ela não estava usando.

naquela noite, fazendo com que não houvesse tanto desperdício de água e aluguel desnecessário de mais copos para a festa.

Figura 46 – Ação Adote um copo

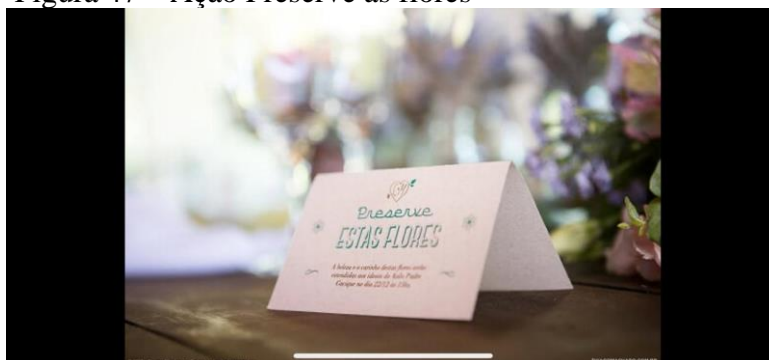


Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Camila (2013)⁵¹

Não foi só a ideia de realizar a cerimônia ao ar livre, embaixo de uma figueira e com preparativos dedicados ao conceito de sustentabilidade, que fez Camila ver seu feito como um dos seus projetos de vida. Mas, o que se destacou em sua fala, em nossos encontros, foi a possibilidade de unir toda a sua família para pensar sobre os detalhes daquela cerimônia sustentável. Considero que esse era um compromisso muito sensível de Camila, onde cada um teve uma responsabilidade manual e sistêmica dentro desse processo que era entendido pouco a pouco e de forma ordenada. Uma produção que lembrava a gestão de uma empresa, onde todos estavam dedicados por um objetivo: fazer o sonho da Camila acontecer. Além de ter sido um momento mágico, onde pôde ver toda a sua família sonhando junto e acreditando na lógica socioambiental como um caminho viável para a vida.

⁵¹Nota: Imagem registrada pelos fotógrafos da cerimônia do cartãozinho produzido manualmente por Camila e sua família, onde pedia para que cada convidado adotasse um copo. Destaque para a palavra compromisso.

Figura 47 – Ação Preserve as flores



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Camila (2013)⁵²

No dia seguinte à cerimônia, ainda muito cansada, estava pronta para fechar o ciclo do evento planejado por ela antecipadamente. Reciclou uma a uma das flores que decoraram o evento, transformando-as em pequenos buquês, fazendo com que os convidados se envolvessem em todo o processo. A ideia de Camila de doar as flores do casamento para uma instituição de caridade estimulou, desde a dona da floricultura que doou o seu tempo e fez o trabalho de graça – organizando no outro dia os buquês após a cerimônia – até as madrinhas e padrinhos que, na manhã seguinte, foram com Camila e André praticar a boa ação, levando um carinho em forma de buquê para os idosos que residem no Asilo Padre Cacique de Porto Alegre. Nesse dia, o voluntariado aconteceu em forma de corrente ativista do cuidado, fazendo com que todos os convidados do casamento participassem.

Figura 48 – Ação Asilo Padre Cacique



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Camila (2013)⁵³

⁵²Nota: Imagem do cartãozinho produzido manualmente por Camila e sua família, registrada pelos fotógrafos da cerimônia, que pedia para preservar as flores do casamento. No dia seguinte, as mesmas iriam ser doadas em forma de buquês para o Asilo Padre Cacique, em Porto Alegre.

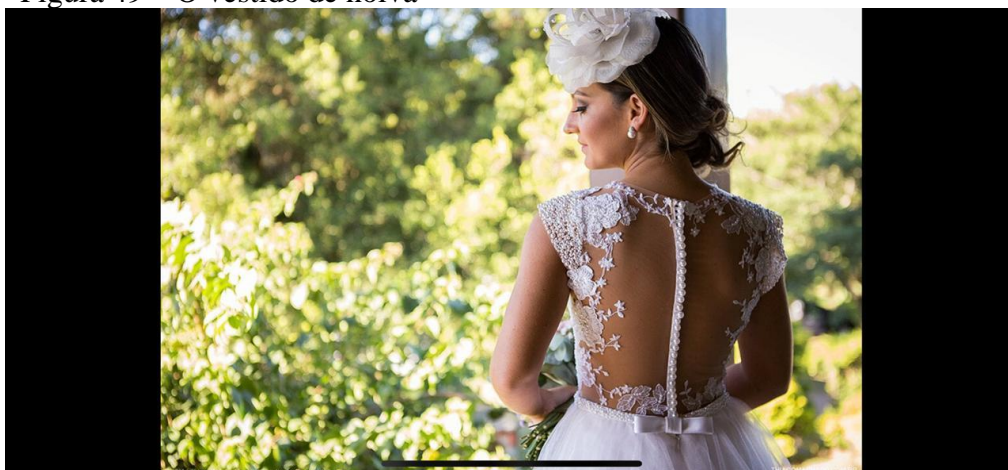
⁵³Nota: Imagem registrada pelos fotógrafos. Eles clicaram todas as atividades sustentáveis da cerimônia de Camila e André. Essa foi no dia seguinte ao casamento, quando levaram buquês reciclados pela floricultura parceira, com seus amigos, em uma doação em massa de carinho ao Asilo Padre Cacique, em Porto Alegre.

Percebo que esse tipo de ação influencia, comove e organiza um movimento coletivo do bem. E Camila provou isso, com sua dedicação em juntar produtores locais, familiares, amigos por meio de práticas sustentáveis que fizeram do seu casamento inesquecível. Isso fez com que o ritual fosse pauta de muitas revistas do *segmento de noivas* como o primeiro casamento estruturado, do começo ao fim, de forma sustentável. Tornando-se o casamento inspiração para o nicho, a partir de 2014.

Camila queria casar-se de branco, de modo tradicional. Mas, a ideia de usar uma única vez e depois guardar o seu vestido, todo bordado em pérolas, feito à mão, era algo totalmente insensato para ela. Seria incompatível com o seu modo de ver a vida em busca de coerência, onde a amarração entre o social e o ambiental é uma prioridade. Para criar um modo de atualizar essa dinâmica, Camila pesquisou processos e foi atrás de uma designer de noivas que pudesse desenhar o seu vestido de forma personalizada, do jeito que ela havia imaginado. Mas que pudesse criar, ao final, um fim mais inteligente para ele do que uma mera gaveta. O objetivo era redimensionar todo o seu uso, para além do seu casamento, colocando com isso, após a cerimônia o vestido para alugar. Assim, o vestido teria uma vida útil muito maior, podendo ser usado por mais de uma noiva.

Essa intenção de Camila está alinhada ao seu mal-estar diante de como são feitas as peças para esse tipo de ocasião. Ela acredita que, se repensarmos a cadeia, pode haver mudanças cruciais. Nessa prática, o vestido que simboliza o purismo e tom único de uma noiva, tem a possibilidade de circular entre mais mulheres que poderão ter a oportunidade de vesti-lo. Situou novas possibilidades de recursos e matéria-prima envolvidas, por meio de um vestido que se tornou o símbolo do seu manifesto para mais mulheres que desejam se casar. Fechando, assim, o ciclo de atividades sustentáveis para a cerimônia, como prática vivida no corpo, através do seu próprio vestido de noiva.

Figura 49 – O vestido de noiva



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Camila (2013)⁵⁴

É importante destacar que o processo de pensamento construído e elaborado por Camila, a partir do seu vestido de noiva, ganha a possibilidade de alterar o destino convencional da peça, que foi criada durante meses, para ser usada em uma só comemoração.

A persistência de Camila, nesse sentido, proporcionou novas possibilidades para o uso de um vestido de noiva, valorizando, com isso, a sua cadeia produtiva. Considerando novas dinâmicas para o seu uso, ampliando a sua visão sobre a ideia do sustentável, Camila atualiza, para si, o ato de compartilhar, tornando-o um processo que ajuda a expandir o não estímulo ao consumo desenfreado, fazendo com que mais pessoas possam garantir o seu uso. Mesmo num momento de cerimônia, considerado algo exclusivo da vida de muitas mulheres.

Nesses meses de idealização e produção, Camila foi testada o tempo todo por sua “coerência” na elaboração concreta do que era sustentável. Já que produziu novos atravessamentos ao criar práticas não-convencionais para um evento de casamento, ao abordar novos processos, sobretudo, da economia compartilhada. Primando com isso, pela procedência, e mostrando o reuso como proposta para os momentos significativos e especiais. Destoando de seus usos habituais, onde o ciclo de vida do descarte, acontece já na idealização da peça. Ela propôs, portanto, trazer novas possibilidades para o seu uso. Toda essa imersão fez de Camila a noiva do ano de 2014, inspirando outras tantas mulheres no Brasil a fazer um casamento diferente. Ela reflete:

⁵⁴Nota: Imagem registrada pelos fotógrafos, onde Camila está em dos momentos mais sublimes da cerimônia. Ela se preparava para sua chegada embaixo da figueira, o local de recepção da festa, e tornar realidade o seu desejo por uma cerimônia toda sustentável.

Faça um casamento com a sua cara e com significado para você. Contrate pessoas competentes e boas de coração. Pense na sustentabilidade dos recursos e invista nas coreografias ensaiadas e roupas não tradicionais dos noivos. Tudo isso era muito a nossa cara e as pessoas perceberam e curtiram a festa como se não houvesse amanhã. Foi a celebração dos nossos 10 anos juntos e foi perfeita! (CAMILA, 2019).

Logo após a doação das flores, naquela mesma manhã, Camila e André foram viajar para *Cancún*. Comemoraram, por cinco dias, o investimento daquele projeto de vida, em forma de evento. No entanto, o seu legado de fazer o bem continuou vivo na memória de todos que estiveram na cerimônia, comentada até hoje por sua autenticidade.

Após a apresentação do vídeo de casamento, naquela noite de segunda-feira, me despedi de Camila, com a certeza de que, estar ao lado dela, assistindo os seus comentários, me deu uma visão muito mais participante daquele momento, tão sofisticado em termos de agência de sua trajetória (ORTNER, 2007).

Camila, com aquela conversa, remontava o processo de sua jornada de casamento que, para mim, espelha de forma prática a sua lógica de sustentabilidade a partir de seus feitos pessoais. O que acabava por se relacionar com o conceito de “Ética da Autenticidade”, de Charles Taylor (2009), incorporando a essa cena a noção de ética do autor. Portanto, a proposta de “ética” que Camila traz, de alguma forma, relação como que Taylor (2009) diz ser a base da necessidade do indivíduo de pertencer e ser reconhecido como membro da comunidade, enquadrado pelos moldes modernos como fenômeno atual. “Já que a autenticidade é uma faceta do individualismo moderno” (TAYLOR, 2009, p. 56) e o enraizamento do indivíduo em sociedade se dá através das suas práticas em comunidade, que confere, realça e se fortalece, a partir do reconhecimento com os outros.

Estabeleceu-se com isso, diversas pertenças que influem, fazendo com que os indivíduos se preocupem com a sociedade, através da sua identidade individual e por meio de suas práticas de atuação. Já que a identidade se forma através do contato com outros, mesmo que traga a necessidade de reconhecimento junto. E, de algum modo, com Camila não era diferente.

6.2 DIMENSÃO ANÁLITICA: PRÁTICAS ECONÔMICAS

A seguir, apresento uma análise da trajetória de Camila, a partir das suas práticas econômicas.

6.2.1 Cena 2: o voluntariado, o Sistema B e o fazer o bem

Camila tem uma personalidade centrada na vida profissional. Dedicou-se muito ao estudo. “*Acredito que passei 75% da minha vida estudando*” (CAMILA, 2019). Camila faz uma analogia aos estudos como se esses fossem uma caixa de ferramentas. O seu objetivo sempre foi estudar, a partir dos desafios que se apresentavam em sua carreira, fazendo com que pudesse buscar uma ferramenta sempre que precisasse alterar a sua lente para lidar com as mudanças que lhe condicionavam a atravessar. Começou a estudar sustentabilidade, propósito e impacto social em 2014, momento em que esses temas ainda eram considerados territórios de ONGs.

A partir dessa ideia de ganha-ganha, como ela diz, embarcou para o mestrado profissional, realizado na Unisinos. Quis abordar o objeto da *sustentabilidade*, a partir do olhar da gestão. Foi um momento bem delicado, onde ninguém sabia muito para onde apontar o radar da sustentabilidade. No mestrado, teve somente uma disciplina abordando o conceito, com um professor do Canadá.

O restante dos professores, e seu próprio orientador, não tinham proximidade com o tema, mas embarcaram juntos com Camila, desbravando o terreno, ainda pouco discutido pelas empresas, onde o recorte de pesquisa era estudar corporações que tinham o propósito muito além do lucro.

Destemida, foi buscar bibliografia, sobretudo internacional, para ter certeza que estava no caminho certo. Na sua dissertação, construiu um panorama de instituições financeiras sustentáveis e, o que mais lhe surpreendeu, foi perceber que as respostas que procurava estavam pertinho, anunciando a sua relação com o cooperativismo.

Após o mestrado, em 2015, foi contratada pela Instituição Financeira Cooperativa Sicredi, e mergulhou no tema através da especialização em Cooperativismo, também feita pela Unisinos, sendo a pós-graduação mais antiga da Instituição. Começou a cursar disciplinas sobre impacto social, se apaixonou completamente pelo cooperativismo e virou uma “*CooperAtivista*”, como ela mesmo diz. Dentro dos desafios que se iniciaram na Cooperativa Sicredi, um deles era implementar o pilar social na plataforma digital da Cooperativa. Oportunidade que fez com que Camila fosse entender a fundo as raízes do Cooperativismo para poder contribuir com o projeto digital, a partir do DNA social, sendo esse o seu grande legado e propósito. Em 2016, Camila conheceu o Sistema B e foi convidada por uma amiga para preparar a atuação e trazer o conceito para o Rio Grande do Sul.

O meu Networking sempre foi oriundo da educação, a grande mochila de aprendizados de minha vida. Sendo o meio que eu conheço parceiros e o modo em que eu vou atuando na cadeia produtiva da sustentabilidade. O diferencial de trabalhar com pessoas que tu conheces dos estudos, é poder identificar o seu potencial de compromisso, sobretudo, com o filtro do engajamento com a causa. Isso pra mim é fundamental. Muito de minha rede vem deles. (CAMILA, 2019).

Camila (2019) tem como marca social “*o fazer o bem*”, e é chamada constantemente para atuar em frentes de educação nas áreas do cooperativismo e sistemas de economia com valor socioambiental. Realiza palestras, coordena grupos e dá aulas na pós-graduação da Unisinos. Atua como voluntária do *Sistema B* onde se tornou uma das lideranças de multiplicação regional no sul do Brasil. Acredita na possibilidade de atuação voluntária como proposta de operar em rede, a partir do seu capital social, oferecendo oportunidades de colocar em prática tudo aquilo que acredita, como força motriz de redefinição de sucesso, fomentando negócios com propósito e impacto socioambiental positivo.

O Sistema B entrou em sua vida, fazendo Camila assumir, pouco a pouco, a gestão no Rio Grande do Sul, a partir da lógica da multiplicação em rede. Quando sua parceira foi para o Canadá, deixando Camila sozinha na gestão do Rio Grande do Sul, chegou a ser a única representante do Sistema B no Sul do Brasil. Em 2019, ganhou uma cogerente e pode parrear novamente essa missão, de forma voluntária, ao representar e expandir a prática do selo que propõem um “Sistema B” - que certifica a atuação socioambiental de marcas na América do Sul - com empresas que desejam ser percebidas pelo atributo de impacto social positivo. O selo do Sistema B é uma chancela do impacto promovido por empresas, reconhecido globalmente, e que possui uma lista de critérios avançados para o pertencimento de atuação B, ou seja, uma atuação alternativa ao senso comum, tradicional, adotado pelo *modus operandi* de empresas que visam ser reconhecidas por seus valores socioambientais, acima do lucro.

Nesse sentido, o Sistema B é criterioso como a personalidade de Camila, que se diz *ética e coerente* em tudo que faz. “*Esse é um ‘estilo de vida’, não é algo que carrega a minha rotina, pelo contrário, esse tipo de atitude me fortalece*” (CAMILA, 2019). Camila é percebida como aquela que agencia e conduz uma liderança para realizar esse tipo de projeto voluntário, trabalhando numa rede para *fazer o bem*, onde influencia a muitos com sua grande paixão: fazer mudanças sociais.

É importante explicar que Camila trabalha de forma fixa dentro da Cooperativa Sicredi, mas que após o trabalho, entre os anos de 2018 a 2019, atuou como multiplicadora do Sistema B. Os encontros aconteciam *online*, uma vez por mês ou a cada quinze dias, com os gestores de

áreas distintas de todo Brasil, com o objetivo de multiplicar os compromissos do Sistema B no sul do país.

Figura 50 – O manu brasileiro do Sistema B



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Camila (2021).

A atuação da Camila visa propagar os conceitos referentes a propósitos além do lucro para empresas que buscam, ou ainda não conhecem, o *certificado do Sistema B*, que chancela essa atuação no mercado. Permitindo com isso, um outro tipo de sucesso, onde o negócio passa a ser qualificado como uma empresa de propósito, muito além do lucro.

O Sistema B se propõe a ajudar empresas a se destacarem em um mercado tradicionalmente saturado, aumentando o nível de confiança e lealdade do consumidor, oferecendo um maior entusiasmo de existir. Ou seja, maior relevância no seu enquadramento e grau de engajamento, fortalecendo a sua relação de propósito vinculada a causas socioambientais. Faz com que a empresa seja percebida, através do seu selo social, vinculando-a ao critério de qualidade socioambiental do Sistema B global.

O enquadramento das empresas, a partir do Sistema B, é regulamentado por atitudes e práticas sociais, reconhecendo assim uma corporação de impacto positivo. Afinal, não é possível, do ponto de vista da linguagem, que as empresas se autodefinam sozinhas. Uma vez que a formação de sentido, segundo (TAYLOR, 2009, p. 47), não obedece a lógica “monológica” e sim “dialógica” de conversa com outro. Nesse sentido, as empresas dialogam

com a sua posição de identidade, através do outro. No caso, o Sistema B é o agente que as certifica, pois a partir de si próprias, não conseguiriam se autodefinir como empresas de relevância e impacto.

Conversando com Camila em uma de nossas entrevistas digitais, identifiquei que esse momento de sua vida precisava ser investigado, analisando a sua vinculação à expansão do conceito do Sistema B no sul do Brasil. Camila me informou que iria acontecer um evento, no mês seguinte, em outubro de 2019. Era uma oportunidade de produzir e ministrar o curso do Sistema B, em Porto Alegre, na universidade parceira, Unisinos. Esse curso tinha o objetivo de apresentar os conceitos que dão base ao Sistema B, com o objetivo de fortalecer multiplicadores para a rede do Rio Grande do Sul.

Fiquei muito interessada em observar, de modo participante, aquele curso em que Camila era a principal ativadora em Porto Alegre. Para não atrapalhar a sua dinâmica, sugeri participar do curso como convidada, no segundo dia à tarde, onde os alunos já estariam integrados e o grau de qualidade das informações coletadas estaria tangenciado pela conexão das pessoas. Camila apoiou o meu interesse e me deixou à vontade para aparecer no curso no horário em que melhor fosse para o processo.

Sábado, dia 15 de outubro de 2019, enviei mensagem para Camila, perto do horário do meio dia, acreditando que ela estaria mais tranquila e que poderia me atender rapidamente para marcarmos a minha chegada ao curso. Ela prontamente me respondeu com o endereço, a sala e a sua sugestão do melhor horário para a minha chegada: após o almoço. O endereço que Camila me passou era afetivo para mim, já que estudei no Colégio Anchieta, que fica em frente à Unisinos, em Porto Alegre, fazendo com que àquele encontro se tornasse absolutamente memorável para ambas.

A chegada no espaço, por volta das 15h, me fez lembrar das memórias que eu tinha do colégio, de alguma forma elitista e sem muito espaço para diversidade. Entrando no prédio, adentrei pelo estacionamento da universidade, desci dois lances de escadas – que utilizavam materiais em aço inox, anunciando a escolha pela modernidade. Passei por catracas, peguei um elevador panorâmico e cheguei em uma sala de aula toda branca. Em todos os espaços que passei, residia uma sensação de alto investimento na estrutura, misturado com o aporte da tecnologia e um silêncio higienista.

Como o espaço era todo branco, pude analisar todos os detalhes com mais cuidado, já que era sábado e, praticamente, só nós estávamos no prédio. Todo aquele caminho percorrido para chegar à sala de aula, onde estava Camila, já me trazia uma ideia sobre aquela parceria e quem seriam os beneficiários desse engajamento entre Unisinos e o Sistema B. Mesmo que essa

parceria fosse um contato da própria Camila, devido à proximidade de sua jornada acadêmica, o espaço, de alguma maneira, já selecionava a rede que iria ser multiplicada pelo sistema.

Bati na porta que tinha uma janela de vidro e olhei para dentro. Camila veio me receber. Disse para eu ficar bem à vontade, que os grupos de alunos já tinham sido formados após o almoço e que dentro de uma hora iriam apresentar as propostas que estavam criando, com o objetivo de problematizar os critérios do Sistema B para qualificar a certificação. A dinâmica era coletiva e o pessoal estava animado. Tinha música, sucos naturais e comidinhas com procedência artesanal.

Nesse momento, achei um espaço para ficar e comecei a analisar o material da Camila que ficava do meu lado, junto de papeis e livros sobre o Sistema B. Enquanto os grupos conversavam entre si, conversei um pouco com Camila que estava meio tensa. Afinal, tinha a responsabilidade de multiplicar os conceitos para àquelas pessoas, somente naquele final de semana. Nesse meio tempo, ela aproveitou para me apresentar às suas duas cogestoras. Uma delas era Rose, que estava chegando e sendo promovida para atuar no sistema. A outra era Marina, que estava fazendo a sua transição, pois estava indo morar no Canadá.

Aproveitando o ensejo, Camila me apresentou para a gestora nacional do Sistema B, que é alocada em São Paulo, e que veio somente para o curso em Porto Alegre. As coordenadoras eram somente mulheres e estavam bem agitadas, sobretudo a paulista, que era bem atualizada, dinâmica e falava rápido. Fiz algumas perguntas a ela, mas sem perder o radar na Camila, que caminhava entre os grupos, com o seu macacão elegante, de linho cinza chumbo, anunciando a sua escolha por manter a sua identidade atualizada na procedência socioambiental. A peça era da *BrisaSlow*, uma marca de moda feminina, bem conhecida no cenário gaúcho de moda sustentável. A marca atua numa rede que valoriza a procedência de uma produção justa e sustentável, a partir do tingimento natural com cascas de vegetais e sementes. O macacão faz com que a Camila possa projetar, em sua identidade, uma experiência atualizada de seu contato com a sustentabilidade, através das formas amplas e materiais de procedência natural, representando os sentidos inscritos na linguagem e memória, através de histórias contadas pelos símbolos escolhidos (LIMA, 2010).

Enquanto Camila perguntava aos grupos se estava tudo bem e se alguém tinha alguma dúvida, aproveitei e dei uma olhada nos grupos, andando ao seu lado, com o objetivo de entender um pouco mais de perto o processo que estavam realizando. Pude observar que cada aluno, em seu grupo, anotava o seu pensamento individual em um *post-it* colorido com a ajuda de uma canetinha colorida e colava em uma cartolina no centro do grupo, para depois decidirem

quais ideias qualificadas iriam ficar. Ao final, eles mesmos integravam os esquemas para poder se apropriar da linha de raciocínio que o grupo estava produzindo.

Tudo era sistêmico e acontecia de forma colaborativa. Esse é um dos princípios dos métodos ágeis, organizados pelo conceito do *Design Thinking*⁵⁵. Fiz algumas anotações no meu diário de campo enquanto caminhava por aquela sala de aula enorme, com vidros que transpareciam muita luz natural da rua.

Figura 51 – Cogestoras do Sistema B no Rio Grande do Sul



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Camila (2019)⁵⁶

Nesse instante, aproveitei que estava em pé e fui à mesa de salgados que ficava bem ao centro da sala de aula. Provei quase todos os salgados, pois queria saber o que prevalecia – em forma de sabores, dentre as escolhas daquela recepção para o evento. Havia uma pessoa responsável para dar atenção às comidinhas, ou seja, colocar os canapés e salgados na mesa. A mesma me ofereceu mais suco e perguntou quem eu era. Eu disse que era uma amiga de Camila, trazendo com isso, maior proximidade para a nossa conversa. O *coffee* estava à disposição das pessoas o dia todo e ficava em uma mesa onde havia flores e caixinhas recicladas que serviam

⁵⁵ Conceito que organiza um conjunto de ideias e insights para abordar problemas relacionados a futuras aquisições de informações, análise de conhecimento e proposta de soluções

⁵⁶Nota: Registro do segundo dia do curso do Sistema B, realizado em parceria com a Unisinos. No canto esquerdo, Camila; no meio Rose, cogestora do ano 2019, que naquele dia, estava sendo introduzida ao programa do Sistema B; e Marina, à direita, que estava no processo de saída para morar no Canadá.

de recipientes para colocar os salgados. Sempre que alguém sentia fome, levantava e ia à mesa que estava sendo, pouco a pouco, reposta. A pessoa que estava cuidando das comidinhas era um dos parceiros da rede de Camila e estava por dentro das temáticas e sabores que teriam maior conexão com as pessoas do curso. O mesmo foi um dos apoiadores do programa, através de uma permuta completa, que abarcava todo *coffee* do evento, em troca de três ingressos para o curso.

Por isso que o próprio dono da empresa, um jovem rapaz articulado, estava ali, cuidando de tudo. Inclusive, ele mesmo explicou que um dos critérios para a seleção das comidinhas, segundo Camila, era ser tudo assado e com mais opções sem carne, já que o enfoque era ter o máximo de produtos orgânicos e sabores vegetarianos. Com essas informações sobre os sabores e formas de trocas, pude obter mais indícios sobre qual era o recorte e perfil das pessoas que estavam interessadas no curso e ficar mais atenta aos comentários, que iriam começar a aparecer na apresentação dos projetos.

Nesse momento, Camila começou a arrumar o projetor para que as apresentações pudessem começar. Cada grupo seguia para o espaço da frente da sala e começava suas interlocuções com os demais integrantes, explicando seus “projetos” e partindo do raciocínio de onde Camila os havia levado. Os integrantes tinham entre 27 e 40 anos, eram muito comunicativos, falavam muito bem e estavam integrados uns com outros, o que deixava tudo muito mais leve e confortável. Percebia-se um alto grau de formação dos participantes, em nível de pós-graduação, e oriundos das áreas da Administração, do Marketing, da Economia e Finanças, do Direito e da Psicologia. O nível das apresentações continha exemplos de marcas globais e explicava, de forma prática, como poderiam ser incorporadas ao Sistema B. Percebe-se que tinham mentalidade de empreendedor, com alto nível de agência, evidenciando também uma grande relação dos seus capitais sociais e culturais.

Figura 52 – Integrantes do Sistema B: apresentação



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Camila (2019)⁵⁷

Finalizada a parte das apresentações de mais ou menos seis grupos, foi feita uma grande roda para alinharem as devolutivas daquele final de semana. As pessoas contavam rapidamente como estavam se sentindo depois daqueles dois dias de encontros e o que levariam consigo para a suas jornadas de trabalho, a partir daquela experiência, como modo de alinhar as expectativas, em uma dinâmica que se chamava “*check-out*”.

Nessa proposta de troca, Camila foi a primeira a falar, com o objetivo de estimular os demais a se sentirem abertos para trocarem as suas experiências sobre aquele final de semana. O seu depoimento foi emocionante e significativo, relatando em primeira pessoa o que estava sentindo, abrindo espaço para uma avalanche de sentimentos em grupo. Depois dela, todos estavam mais abertos a falarem.

⁵⁷Nota: Registro feito pela própria Camila, do segundo dia do curso do Sistema B, realizado em parceria com a Unisinos. Os grupos se apresentavam através da dinâmica proposta por Camila e as cogestoras, fazendo com que os integrantes pensassem em um modelo de negócio com impacto social positivo, do qual tivesse grande relevância para a sociedade, podendo ser certificado pelo selo do Sistema B. Essa integrante do meio, de saia amarela, veio de SP para participar, pois estava querendo se atualizar sobre o processo do Sistema B e não tinha nenhuma turma aberta em São Paulo naquele ano. A pressa por realizar é uma das características desses grupos que tem campo de possibilidades para iniciar os projetos e abrir caminhos a partir de suas redes.

Percebo, a partir de hoje, que com vocês, eu posso ter mais esperança de fazer as coisas acontecerem, com mais gente, literalmente, junto comigo. Acreditando que pode dar certo criarmos uma economia que restaure causas e propósitos. Tem momentos que não são fáceis, onde me sinto solitária diante das minhas ideias e projetos para o mundo. Vejo que, agora, não estou mais sozinha, pois tenho mais 40 pessoas espalhando modelos mais sustentáveis e viáveis para dentro das empresas do Rio Grande do Sul (CAMILA, 2019).

Com essa fala, Camila evidenciava que havia achado mais pares para a sua missão de multiplicar os conceitos do Sistema B, que atua a partir de negócios com propósito além do lucro. Essa agenda teve por objetivo articular pessoas de áreas distintas para atuar como multiplicadores do Sistema B, no Rio Grande do Sul. O potencial daquelas pessoas era de realização dentro de suas áreas, trazendo ainda mais esperança de fazer diferente e poder criar uma economia mais associativa e com impacto social positivo, legado que Camila tanto acreditava e se dedicava para fazer acontecer.

É importante destacar que o curso foi ofertado pela primeira vez no Rio Grande do Sul e produzido por Camila e Rose, cogestoras do Sistema B no Estado. O modelo foi ofertado no formato presencial para trazer a sensação de uma imersão, com dois dias de duração, num total de 8h/aula. Foi direcionado às pessoas que desejavam entender um pouco mais sobre o movimento B, seus sistemas de articulação, suas ferramentas, seus valores e propósitos que estão mudando os ativos de empresas para uma nova economia. Afinal, sua proposta é trazer um novo significado de sucesso econômico para as empresas que estão abertas a evoluir dentro de uma dinâmica alternativa. Isso aumenta o impacto socioambiental e garante um maior compromisso entre empresas B e suas causas.

O curso aconteceu pelo valor de R\$400 por participante, contou com o apoio da Unisinos, oferecendo a estrutura, e com a permuta do *coffee* completo do Espaço Brasco para viabilizar a recepção. Assim, o curso pôde efetivamente acontecer com a qualidade em que o Sistema B necessitava e com valores mais justos aos participantes.

Figura 53 – Integrantes do Curso Sistema B



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Camila (2019)⁵⁸

No ano de 2020, em função da pandemia do Covid-19, houve uma mudança no formato de atuação dos integrantes da rede do Sistema B, levando-os a se adaptar a novos modelos. Com isso, o formato regional foi desintegrado e todos os voluntários foram alocados para o modelo do Sistema B nacional, não tendo mais liderança regional, como em 2019, período em que fiz o trabalho de campo com Camila. Esse novo processo fez com que ela ganhasse um novo papel dentro do sistema, atuando hoje, em 2021, de forma mais leve, sem tantos compromissos, pois disse estar muito cansada, já que nos últimos dois anos, desenvolveu muitas atividades para que o conceito do Sistema B se multiplicasse no sul do Brasil.

Nesse processo, passou de cogestora para avaliadora dos projetos que chegam de todo o Brasil. O objetivo dessa avaliação é ser criteriosa, um crivo categórico do Sistema, para assim, emitir o certificado e garantir às empresas a possibilidade de recursos financeiros de outras redes, em função das causas exploradas, numa atuação pautada além do lucro.

Ao fim desse encontro, e refletindo sobre a etnografia de Camila, foi possível perceber que a questão do voluntariado como estilo de vida se relaciona a uma rede propagadora de causas e tem um viés receptor advindo da classe-média que acredita pertencer e, se sente confortável, de atuar, através de projetos transitórios, ofertados a partir da sua rede e área.

⁵⁸Nota: Registro feito no primeiro dia do curso. Nessa imagem, evidencia-se um diagnóstico sobre o perfil dos ativadores-multiplicadores, que tem como semelhança o seu perfil social e de raça, considerando que haviam 37 pessoas brancas e apenas três pessoas negras. A diversidade é uma das questões ainda problematizadas nesse modelo de trabalho.

Isso multiplica uma sucessão de conexões provocadas por elos que tem como próprio efeito desenvolver ainda mais as suas redes (BOLTANSKI, 2009, p. 143).

A dimensão econômica e propagadora de mudanças de Camila está relacionada ao seu próprio trabalho no Sicredi como a “ovelha verde” da Cooperativa, fazendo conexões com a sustentabilidade e a cultura. Também aparece, nessa dimensão, o trabalho voluntário em torno da causa que ela defende. Já que Camila promove os valores socioambientais como imprescindíveis às empresas tradicionais, apostando no valor social, antes do lucro, aportado pelo incentivo do certificado e da chancela que oferece o selo do Sistema B.

Nesse sentido, os motivos que levaram Camila ao voluntariado estão alinhados, segundo Dohme (2001), aos seus objetivos pessoais que se relacionam e projetam os objetivos da comunidade, como ter participação afetiva na causa social e buscar aceitação de um grupo. O trabalho voluntário impulsiona Camila a fazer bem ao próximo, em favor do sentimento de reconhecimento de estar ajudando alguém, por meio do pertencimento em nível individual e social.

6.3 DIMENSÃO ANÁLITICA: FORMAS DE ATIVISMO

A seguir, apresento uma análise da trajetória de Camila, a partir das suas formas de ativismo.

6.3.1 Cena 3: a evangelização institucional: uma ovelha verde na cooperativa

O legado de Camila começa no mestrado quando conhece uma apostila em forma de polígrafo, muito antiga, de autoria de Padre Odelso Schneider, referência que contribuiu para a sua dissertação sobre *sustentabilidade e cooperativismo*. Ele escrevia sobre o assunto desde 1995, materializando os aspectos que contribuía para mudanças sociais. Foi a obra dele que despertou em Camila a ideia de que para uma “*cooperativa ser sustentável bastava ser uma verdadeira cooperativa*” (CAMILA, 2019). Padre José Odelso foi um grande incentivador do cooperativismo e o grande responsável por registrar boa parte dessa doutrina, se dedicando uma vida toda ao tema.

Em 2017, Camila resolveu fazer a pós-graduação em cooperativismo na Unisinos, com o objetivo de ouvir mais sobre o seu próprio autor. Ela disse que “[...] vindo da área de negócios, me brilhou os olhos poder estudar novas disciplinas na Escola de Humanidades com um dos meus autores favoritos, o Padre Odelso Schneider.

Ele nos ensinou que cooperativa era sobre reunir as pessoas também socialmente.” (CAMILA, 2019). Além de tê-lo como uma das referências de sua dissertação, em nossos encontros, sempre comentava sobre Padre Odelson e como, através dele, absorveu ensinamentos para toda a sua vida, a partir da doutrina missionária dentro da vida acadêmica e fora dela.

Em dezembro de 2020, Camila fez uma declaração muito emocionada em sua rede social Facebook sobre a morte do Padre Odelson Schneider. Sentiu muito a sua perda, pois ele foi o grande responsável pelo agrupamento das áreas de sustentabilidade e cooperativismo em sua história.

Sinto que a herança que o Padre Odelson deixa para o movimento, para as cooperativas que temos hoje, para a academia, e em cada um de nós, levará anos para ser mensurada. Um dia muito triste para o cooperativismo e um compromisso mais forte ainda, de nós cooperativistas, de honrarmos o seu legado. (CAMILA, 2020).

Em 2017, Camila fez a sua especialização em Cooperativismo (SESCOOP), o curso mais antigo do Brasil na área de cooperativismo e a pós-graduação mais antiga da Unisinos. Dois anos depois, Camila voltou para o curso como professora. Em parceria com a professora Josefina, propuseram a disciplina de sustentabilidade. Em 2020, seguiu apoiando a turma com orientações. Começaram a pensar na turma de 2021-2022, quando o convite para participar da dupla coordenação chegou de forma natural no fim do ano de 2020. O convite era uma honra, mas também uma enorme responsabilidade.

Conversei com os amigos que me ajudaram a entender que, por mais que não tenhamos como substituir gigantes, como o Padre Odelson, agora somos muitos ‘CooperAtivistas’ já que ele deixou um legado, e que, pelo menos, tínhamos que tentar. (CAMILA, 2020).

Em seguida, em janeiro de 2020, logo após o falecimento do Padre Odelson, Camila fez um chamado em sua rede social digital *Facebook*, onde dizia:

A cada ex-aluno da última década, a cada ex-colega, a cada cooperativa parceira do curso: divulgue o curso. Toda a equipe da Unisinos, seja na secretaria, no *marketing*, na gestão e a minha dupla, a coordenadora Ana Bilhão, não pode estar mais empenhada e disposta. A parceria do SESCOOP firme e à postos para viabilizar as bolsas. Pelo bem da sociedade, precisamos de educação e novos cooperativistas, bora fazer acontecer a 36ª turma juntos! (CAMILA, 2020).

Figura 54 – Padre José Odelson Schneider



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Camila (2018)⁵⁹

Camila fez seis anos na Cooperativa de Crédito Sicredi, no ano de 2021. *“Sou muito grata por poder trabalhar em uma organização que tem propósito, que permite atuar com aquilo que acho certo para as pessoas e para a sociedade e que ainda coloca no meu caminho tantas pessoas especiais”* (CAMILA, 2021).

⁵⁹Nota: Registro feito na formatura de especialização no curso de Cooperativismo, em 2018, com o seu grande mentor Padre Odelson, na área de doutrina Cooperativista.

Figura 55 – Reportagem Mundo Coop



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Camila (2019)⁶⁰

Camila (2020) fala que: “*Do meu repertório anterior, trouxe o tema sustentabilidade e gestão, e ganhei o cooperativismo, a transformação digital, a cultura, a diversidade, a autogestão, o desenvolvimento pessoal e uma lista de novos desafios e temáticas que não param de crescer.*”. Ela diz que ajuda “*a transformar e sou transformada dentro da Cooperativa Sicredi.*” (CAMILA, 2020). Os seus estudos sobre cooperativismo e sua força de articulação têm grande expansão nacional e fizeram com que ela fosse reconhecida como uma das cinco mulheres do país que mais se destacaram, no ano de 2019, por histórias no mundo cooperativista.

A menção veio através do site *Mundo Coop*, com o legado ‘*fazer o bem*’ por meio de trajetórias de mulheres que estavam fazendo a diferença.

⁶⁰Nota: Registro feito no perfil de Camila na rede social *Facebook*, onde a própria se manifestava sobre uma reportagem que a apontava como uma das cinco mulheres que se destacaram, em 2019, no mundo das Cooperativas.

O que despertou minha paixão pelo cooperativismo foi o impacto positivo que ele exerce nas comunidades onde atua, ajudando as pessoas que precisam e que não têm oportunidade de ser cliente de uma grande instituição financeira. Fui vendo que o cooperativismo, em geral, faz com que as pessoas se unam, não em volta dos lucros, mas, sim, de mais qualidade de vida e melhores oportunidades para todos. (CAMILA, 2019).

Camila teve tanto êxito em sua influência de “*fazer o bem*” que, em 2019, ampliou a sua área de atuação dentro da Cooperativa e aceitou o desafio de fazer parte da área de Cultura do Sicredi. O que fez com que ela também ampliasse a sua mentalidade de inclusão social, olhando para a diversidade. O movimento de sustentabilidade à cultura da empresa, impactou também a sua própria postura e transformação pessoal. Um dos reflexos disso foi a realização de um processo de transição capilar, se tornando referência no fortalecimento da autoimagem.

Figura 56 – Camila e a transição capilar



Fonte: Dados da pesquisa (2020)⁶¹

Camila conquistou maior liberdade em sua imagem, já que tentava, há algum tempo, fazer a transição capilar e não conseguia. Em 2020, conseguiu realizar todas as etapas em função do sistema *home office* – ocasionado pela pandemia do Covid-19. Trabalhando de casa, pode se abrir um pouco mais para suas demandas particulares, tendo maior disponibilidade de cuidar com afinco de todo o ritual de volta ao seu estado natural de expressão, no caso o cabelo crespo.

⁶¹Nota: Registro feito pela própria Camila na sua rede social *Facebook*, em abril de 2020, onde ela explicava sobre a libertação dos seus cachos. Essa imagem foi bastante representativa para sua conquista pessoal e continuou no seu perfil no ano 2020.

O processo de transição capilar requer muitos produtos para passar por todo processo, não sendo um momento fácil. Contudo, mesmo sabendo que estava fazendo o melhor para a sua condição pessoal, realizando a transição, sentiu certo preconceito das pessoas na corporação que comentavam sobre o seu novo estilo de cabelo. Ela dizia que mesmo por vídeo conferência, em reuniões, sentia os olhares das pessoas, sobretudo, homens e seus comentários sobre seu novo estilo mais natural. Já que seus cabelos lisos e ondulados a colocavam em uma posição de “encaixe” – esticando-os e puxando-os todos os dias, para caber em uma condição que promovesse mais credibilidade, se distanciando, assim, de sua condição ancestral.

A sua condição corporativa propõe um padrão no *modus* de vestir e ser, para garantir maior credibilidade e respeito. No entanto, entre as mulheres da empresa, houve empatia, o que, inclusive, influenciou muitas a aproveitarem a pandemia para fazer a transição. Camila, como boa estudante dedicada, quis saber a fundo como prosseguir com os cabelos naturais e ajudar outras tantas mulheres que precisassem dessa informação. Inscreveu-se num curso para cuidados com cabelos cacheados, para lidar melhor com os seus novos cachos e os produtos que auxiliariam a redefini-los, podendo indicar para as mulheres à sua volta uma informação mais segura e eficaz.

Fiz a transição dos cabelos, pois fazia 14 anos que eu não usava cabelos cacheados. Estava me sentindo presa desde 2006. É um viés inconsciente, mas o visagismo tem resposta pra isso. Linhas que não são retas, não passam respeito, formalidade, profissionalismo. Aí você fica mais insegura ainda. Família, amigos sempre comentaram. Mas, no trabalho ouvi muitos comentários também. (CAMILA, 2020).

Em seguida, trago uma imagem da Camila, na versão 2021, com a transição capilar realizada. A foto foi publicada por Camila, em 2020, em sua rede social *Instagram* com a frase: “*meu primeiro corte cacheado natural. Já que a tesoura de unha não estava mais rolando*”. O mais interessante é que, apesar de estarmos passando por um momento caótico socialmente, marcado pelas condições de confinamento e empresas em *home office*, Camila conseguiu emergir de um lugar de condicionamento de sua própria personalidade para influenciar e criar efeito dentro do seu trabalho, fazendo com que mais mulheres, condicionadas a um padrão de imagem na corporação, se fizessem a pergunta sobre o seu lugar ideal de beleza, somente pela atitude de mudança de Camila.

Esse efeito foi criado não só pela postura de Camila, que foi até o fim na transição, mas também produziu uma atualização interna na Cooperativa Sicredi, dando espaço para novas possibilidades e correspondências, sobretudo, no quesito diversidade de origens das mulheres

colaboradoras. Sua condição política se tornou mais relevante para esse novo cargo integrado à cultura de inovação e foco no social.

Hoje Camila é uma mulher em um cargo de poder e liderança em uma grande corporação, influenciando outras tantas colaboradoras a se sentirem autorizadas a realizar a transição. Camila, ao existir dentro da corporação, atravessada pela liberdade da sua própria imagem, problematiza a diversidade no local. Convocando de forma simbiótica a oportunidade de serem discutidos internamente os critérios e conceitos de gênero e raça na contratação dos colaboradores. Afinal, o perfil do corpo colaborativo da cooperativa é quase que inteiramente constituída por pessoas brancas e heteronormativas. Não à toa que Camila se integrou ao núcleo de cultura para fazer transformações, pois esse é o seu legado.

Figura 57 – Transição capilar finalizada em 2021



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Camila (2021)⁶²

Foi a partir do meu primeiro contato acompanhando Camila em campo, no *onboarding da Cooperativa Sicredi* – espaço que Camila “inicia” os novos colaboradores ao mundo

⁶²Nota: Registro feito pela própria Camila para a sua rede social digital *Instagram*. Na foto ela explica como está confiante com o seu novo visual pós-férias ao trabalho, em janeiro de 2021.

cooperativista com os preceitos da organização financeira cooperativa – que finalizo as cenas paradigmáticas sobre essa interlocutora que, desde o começo, se mostrou na prática a ovelha verde da cooperativa de crédito, mobilizando a todos com seu legado de mudança socioambiental.

Esse acompanhamento aconteceu numa terça-feira do mês de setembro de 2019, das 13h30 às 18h, no espaço da arena – ambiente de convivência da cooperativa – dentro do prédio que aspira modernidade, no TecnoPuc, que fica dentro da Universidade Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS. O local é considerado um espaço experimental do Sicredi, em função de iniciar a atualização digital da cooperativa. O lugar é colorido, cheio de *puffs* e com móveis de encaixe de madeira clara, trazendo uma sensação atualizada e jovem para o ambiente.

Camila é a grande responsável por deixar os novos colaboradores na mesma página, como ela diz, introduzindo dinâmicas sobre os preceitos fundamentais da Cooperativa e ilustrando os conceitos através da ligação de união de dois pinheiros. O primeiro demarcado pelo (a) pinheiro econômico e o segundo (b) pelo pinheiro social. Nessa tarde em que estive acompanhando a fala de Camila, cheia de energia, pude participar ativamente, com meu corpo presente, das dinâmicas criativas, onde ela proporciona a sensação significativa de união e de colaboração. Na ocasião, senti a sua forte paixão com o tema, já que transmitia com muita emoção todo o legado histórico do sistema cooperativista e as suas contribuições sociais. Ao final, fez um fechamento que abarcava o cenário das tendências comportamentais, justificado por dados mundiais, mostrando que o cooperativismo é um dos modelos econômicos que fazem parte da corrente do bem.

A minha ida a arena, naquela tarde, acompanhando Camila no fortalecimento do conceito cooperativista, para mais de 50 pessoas impactadas positivamente por conteúdos de alto valor social, foi uma experiência extremamente necessária para que eu pudesse perceber como ela envolve e influencia esses “novos colaboradores”. As pessoas saem de lá com o objetivo de multiplicar o legado cooperativista.

Camila alimenta o sonho daqueles que desejam trabalhar em uma empresa “do bem”, garantindo as melhores condições para que esses novos colaboradores do Sicredi possam exercer o modelo financeiro cooperativista focado nos dois pinheiros que equilibram o social e o financeiro. É interessante destacar que, devido a sua origem no mercado industrial e não do trabalho em cooperativa, Camila sai na frente nesses espaços socializantes, pois tem uma linguagem de mercado, mas com grande influência socioambiental. O seu histórico tradicional confere a ela mais credibilidade, afinal, passou por grandes empresas com visão internacional

para desenvolver o seu legado consciente na Cooperativa de Crédito Sicredi, situada no Rio Grande do Sul, mas com expansão nacional.

A Sicredi foi a principal cooperativa responsável por levar o conceito de cooperação, através de padres missionários, da serra gaúcha para o país todo. Não foi por acaso que escolheram Camila para ser uma dessas “missionárias”, porém, dentro da própria cooperativa. Foi contratada para propagar o sistema cooperativo, por meio do núcleo de sustentabilidade e, agora, estando à frente da expansão, fortalecendo o núcleo de cultura. Fomentou a ideia de sustentabilidade, no cooperativismo como carreira no Sicredi, com o objetivo de levar mais gente nesse fluxo. Camila diz ser: “*uma catequizadora do bem, uma ovelha verde*” (CAMILA, 2019).

Figura 58 – Evangelizadora do Cooperativismo



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora Camila (2019)⁶³

Pude perceber a contribuição de Camila para um legado de atualização dos preceitos do cooperativismo, que tem por objetivo a união de agentes de mudança, a responsabilidade social, a distribuição de excedentes e a criação de oportunidades para pequenos negócios locais. Isso fortalece um modelo econômico que tem grande enraizamento na ideia de transformação social.

⁶³Nota: Registro feito em 2019, por Camila, ao levar os novos colaboradores para conhecer as origens da Cooperativa Serrana. A foto também exhibe um monumento dedicado aos missionários. Essa viagem é um dos pré-requisitos para iniciar no mundo da cooperativa. Ela é uma das peças do *onboarding* feito por Camila para falar das doutrinas e dos conceitos dos dois pinheiros: pinheiro econômico e pinheiro social da cooperativa, que em 2021 fez 115 anos de história.

Findo esta etnografia sobre a interlocutora Camila, com uma reflexão, baseada em Castells (2019), afirmando que esse tipo de iniciativa cooperativista faz parte de um modelo não autônomo, garantindo melhores políticas econômicas, desenhadas para não acumular e, sim, distribuir os ganhos aos seus membros.

As cooperativas servem, portanto, para manter o capital em nível local e direcioná-lo para necessidades concretas. Nesse sentido, o cooperativismo é uma das redes alternativas de mudança e Camila é, sem dúvidas, uma das multiplicadoras dessa corrente no Brasil.

7 CAPÍTULO 4 – TRÊS INTERLOCUTORAS, UM ENTRELAÇAMENTO

Neste capítulo faço uma análise entrelaçando os percursos das três interlocutoras que fizeram parte desta pesquisa.

7.1 DIMENSÃO ANÁLITICA: PROCESSOS DE MUDANÇA

O conceito de *habitus* (Bourdieu, 2011), nesta pesquisa, é utilizado como uma chave para se compreender as trajetórias dessas três mulheres, seus respectivos processos temporais, suas posições objetivas e as suas representações subjetivas. Atenta-se, sobretudo, ao capital cultural, entendido como um recurso e patrimônio legitimado, formado pelo alto grau de escolarização, experiências culturais diversificadas, domínio da língua culta, posturas corporais, disposições estéticas, bens culturais adquiridos e herdados pela família ou através da convivência com determinados segmentos sociais, viagens realizadas, além das mentalidades construídas (NOGUEIRA, 2017). Esses são elementos largamente apresentados nas trajetórias das interlocutoras Júlia, Michele e Camila.

Para viabilizar o debate proposto, foi desenvolvida uma descrição densa (GEERTZ, 2008), apontando a multiplicidade dos percursos dessas interlocutoras, com objetivo de evidenciar os seus capitais culturais. A descrição foi organizada a partir de cenas paradigmáticas, fruto do trabalho etnográfico e servindo ao objetivo de situar as práticas das três interlocutoras em seus campos de interesse, o que se configura, também, como “[...] estratégias de distinção, das suas lutas simbólicas e cotidianas de classificação social.” (NOGUEIRA, 2017, p. 104).

As primeiras análises dos processos de mudança, buscaram elucidar a origem, as influências e as linhagens às quais as interlocutoras se filiam, tendo como princípio norteador o *habitus* (BOURDIEU, 2011, p. 241). Optei por mostrar as mudanças vivenciadas por essas três mulheres, ao longo do tempo, através de suas histórias pessoais, familiares e sociais. Busquei identificar, nas trajetórias dessas interlocutoras de classe média e com grande capital cultural, as escolhas que ajudaram a definir os seus estilos de vida que, segundo Bourdieu (2011, p. 240), “[...] são esquemas de percepção e apreciação, socialmente constituídos, às práticas e às propriedades dos agentes, nos quais decifram distintivos das condições sociais.”. Do mesmo modo que, são amparadas e exercidas, dentro das condições de existência e escolhas de consumo, entendidas como elementos heterogêneos das agentes para delimitação de suas atividades e seus estilos de vida.

Um dos pontos em comum entre Júlia, Michele e Camila, percebido nessa primeira dimensão analítica, foi o fato dos processos de mudança terem sido antecidos por acontecimentos extremos. Júlia, por exemplo, sentiu a necessidade de mudar seu estilo de vida após ver sua mãe, uma profissional consagrada na área da psicanálise, morrer de uma doença degenerativa, investindo em cuidados paliativos de *homecare* boa parte de seu dinheiro acumulado por anos de trabalho excessivo. Essa falta de atenção de sua mãe consigo mesma, devido a uma vida centrada no trabalho, fez com que Júlia prestasse mais atenção no próprio ritmo de sua vida, e nos valores em que acreditava, resignificando suas posturas frente à vivência do tempo e à sua própria saúde. Foi isso que levou Júlia a sair da cidade para morar na zona rural, buscando um contato mais próximo com a natureza e criando para si novas formas de viver com sua família.

Já Michele, prestou um concurso público que a levou para outro estado, distante de sua família, do pai de sua filha e da sua rede de amigos, expondo a si mesma e a sua filha a uma situação periclitante em uma ilha com uma estrutura precária. Com o objetivo inicial de adquirir a tão sonhada estabilidade no emprego público, nesse lugar, ela sofreu as mais diversas hostilidades como mulher e profissional da educação. O ambiente fez com que ela pedisse exoneração do seu cargo de funcionária pública, voltando para a cidade que lhe acolhia, e abrindo espaço para uma vida da qual acreditava.

Camila, a terceira interlocutora, teve seu sonho concretizado ainda muito jovem, se tornando gestora de grandes corporações multinacionais, onde trabalhou com organizações extremamente tradicionais e focadas no lucro. Foi quando percebeu que aquilo que ela havia estudado e se dedicado, durante anos, oferecia crescimento relacionados a valores nos quais não acreditava, o que a fez buscar por alternativas éticas e coerentes, através dos estudos sobre o tema da sustentabilidade e a atuação voltada para mudança de mentalidade dos profissionais nos ambientes em que trabalhava.

Esses processos partiram de condições específicas a cada uma dessas interlocutoras e culminaram em movimentos de transição de suas vidas, do qual as levaram a investir em “[...] uma mudança individual a partir de um quadro sociocultural.” (VELHO, 1994, p. 07). Essa “metamorfose”, vivida e percebida a partir de seus discursos e práticas, provocou desenlaces existenciais e produziu elaborações particulares em suas subjetividades. Seus processos individuais de questionamento sobre a sua existência se deram a partir de seus “campos de possibilidades”, que se definem a partir de suas socializações, ambientadas por suas atividades nas camadas médias (VELHO, 1986).

Segundo Gilberto Velho (1994), isso é percebido pela classe média como valor de diferenciação, dado justamente por esse “campo de possibilidades”. Um ambiente material e simbólico onde é possível se realizar mudanças, ir e vir, devido ao capital social e, em grande medida, financeiro, acumulado pela rede familiar, de amigos e, também, através da carreira profissional (BOURDIEU, 2011).

É importante lembrar que, mesmo desejando realizar mudanças, sobretudo, em seus estilos de vida, essas mulheres permaneceram com a bagagem das experiências anteriores, marcadas, portanto, pelos *habitus* (BOURDIEU, 2011), formado a partir de seus estados passados. Contudo, foi possível observar a tentativa de reinterpretação dessas referências, dando às suas experiências de vida novos significados.

Para entender esses processos, recorri à lente de análise de Gilberto Velho, que questiona a ideia do “*self* fixo e imutável” para “captar o jogo de permanências e da mudança” (VELHO, 1994, p. 09), olhando para esse “fenômeno das negociações da realidade” que nem sempre se dá por meio “consciente”. São processos relativos ao “[...] mundo simbólico que, por sua vez, se manifesta através da linguagem, atitudes e códigos não redutíveis a variáveis externas.” (VELHO, 1994, p. 22), sustentadas por crenças de uma vida toda.

Nessa perspectiva, é possível observar que essas mulheres estão se reconstruindo, permanentemente, através de suas escolhas e mudanças, não sendo totalmente condicionadas por padrões e ideias prévias. Essas reconstruções fazem delas agentes sociais. Durante a pesquisa de campo, foi possível perceber que elas se mantêm vigilantes em relação a seus atos, escolhas e hábitos, refletindo de forma constante sobre suas atitudes, na busca contínua por coerência entre o que era dito e aquilo que era feito, preocupadas com os efeitos de suas práticas individuais e seu impacto no coletivo.

Esse tipo de postura coloca Júlia em uma espécie de dilema constante com a realidade que a levou para o rural, ambiente com o qual não tem intimidade, mas que, por outro lado, a fez adotar papéis novos, como o de dona de uma casa de veraneio situada no campo, concomitante à nova condição de maternidade. Essa mudança brusca lhe apresentou reflexões relacionadas a sua posição de isolamento em relação a maioria das pessoas, ainda que mantivesse o contato com alguns grupos de amigos. Também sentiu dificuldade de inserção na nova comunidade, em medida em que as pessoas da localidade não a visualizam, diferentemente das outras senhoras privilegiadas presentes na região.

A transição também acabou levando Júlia a pensar sobre o sentido da sua vida e sobre como gostaria de estabelecer novas relações com o tempo e formas de viver, se dedicando a uma boa alimentação e a criação de sua filha, de uma maneira mais harmônica, junto da temporalidade da natureza. Entretanto, dá a si a oportunidade de um modo distinto de vinculação muito diferente daquele vivido por sua mãe na cidade.

Assim como Júlia, Michele também optou por formas alternativas de vida. Trocou o emprego formal por novas formas de trabalho e pagamentos. Trabalhou de modo voluntário, em uma escola, em troca dos estudos de sua filha. Mas, é importante ressaltar que não se tratava de qualquer escola, pois ela também buscava uma forma diferente de ensinar, trazendo para sua atuação e seu campo de estudos as noções da *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire.

Michele parece muito consciente das suas escolhas, mesmo tendo que se exonerar do antigo emprego público. Parece bastante confortável em ser o que é e estar onde está, pois convive bem com a rede que lhe oferece suporte econômico, organizada para o seu provimento pessoal e de sua filha, após sua abdicação à estabilidade financeira prometida por um cargo público. Ela se inseriu com facilidade em circuitos não formais de aprendizagem que lhe permitem descobrir e conhecer, e não apenas ter um título ou certificado.

Camila, ao contrário de Michele e Júlia, é a mais próxima à lógica hegemônica. Todavia, busca construir alternativas no interior do sistema econômico capitalista. É interessante observar que, diferente das demais interlocutoras, no caso de Camila, acompanha-se um processo de politização em relação à questão do meio ambiente, que está presente desde a sua formação escolar, passando por rituais mais tradicionais, como o de seu casamento, e atingindo a sua atuação enquanto articuladora e gestora de um conhecimento tido como sustentável, dentro de empresas e junto a empreendedores com que mantém contato.

Ela é uma interlocutora nata, cujas práticas são mais próximas aos modelos formais em várias dimensões de sua vida pessoal: ela se casou de véu e grinalda, mora com seu esposo (ainda que esse adote um comportamento fora das normas tradicionais de gênero). Tem um emprego formal e vive seus dias em torno de sua agenda profissional bastante pesada. Não está em processo de rompimento com as formas do viver no urbano e de sua temporalidade, nem com suas formas de consumo, embora lute por se transformar a cada dia.

Observa-se que os conflitos de identidade dessas três interlocutoras estão, em grande medida, vinculados aos seus questionamentos sobre o futuro da sociedade e ao impacto de seus estilos de vida individuais na transformação dos outros a sua volta, ou seja, da sua comunidade, dos coletivos dos quais fazem parte e da sociedade em que vivem.

Tudo isso me permite inferir que essas interlocutoras estão numa posição de “desencaixe” (Giddens1991) em relação aos sistemas sociais tradicionais.

Aplico o conceito de “desencaixe”, de forma particular para cada uma delas, e busco identificar seus conflitos identitários como um fenômeno moderno. Júlia tem a sensação de “desencaixe” em relação ao espaço, à temporalidade e ao lugar que ocupava na cidade, fazendo com que não se sentisse pertencente a um estilo de vida que não lhe dava o tempo necessário para viver com sua filha. Ao levar esse desconforto para o universo rural, ela buscou mudar essa relação com o tempo ao explorar dinâmicas originadas pelos ciclos da natureza.

Michele vive a condição de “desencaixe” através da sua cor de pele, não se sentindo acolhida dentro dos grupos de feminismo negro, em função da sua condição parda, muito menos se sente vinculada às discussões relativas à branquitude. Esse conflito diz respeito às suas questões mais profundas e aos seus dilemas de pertencimento. Entretanto, a necessidade de segurança fez com que Michele fosse buscar um emprego público, separando-a de sua rede familiar e de amigos. Todavia, o que era para ser um momento de estabilidade se tornou um movimento de ruptura que a fez voltar aos seus antigos vínculos e, ao mesmo tempo, a motivou a procurar modos de viver alternativos, criando formas mais personalizadas de sobreviver na cidade.

Camila viveu o “desencaixe” a partir de sua atividade como administradora, ao se vincular a empresas que não tinham os mesmos propósitos nos quais ela acreditava. Isso a fez se tornar o próprio sistema de referência de suas ideias, pois em sua jornada, acabou por construir a sua condição de especialista. Camila aciona a ideia de sustentabilidade em sua atuação junto aos empreendimentos cooperativistas, fazendo de seu desencaixe inicial um lugar de mobilização, na busca por condições de confiança.

A partir da condição de “desencaixe” (GIDDENS, 1991) é que foi se construindo a ideia de ação “consciente” que orienta as práticas das interlocutoras estudadas, e que são exercidas no interior de seus “campos” de interesses específicos (BOURDIEU, 2011). São asseguradas também por seus “campos de possibilidades” (VELHO, 1994), salvos pelos recursos materiais e simbólicos que detinham - seus capitais, no sentido de Bourdieu (2011), lhes permitindo traçar seus próprios projetos individuais. É nesse sentido também que Gilberto Velho aponta para a dimensão consciente dos projetos. Segundo o autor, é “[...] essencial frisar o caráter consciente do processo de projetar e que o mesmo se diferencia de outros processos determinantes e condicionadores de ação, que não sejam conscientes.” (VELHO, 1981 p. 27).

Velho (1981) ressalta que os “projetos” envolvem riscos, eles são dinâmicos e necessitam de um certo cálculo para que os objetivos projetados possam dar certo.

São construídos a partir de um campo de possibilidades e, não sendo puramente subjetivos, têm como condição absoluta a “[...] matéria-prima cultural que, em alguma medida, deve ‘fazer sentido’ em um processo de interação com os seus contemporâneos.” (VELHO, 1981, p. 27).

Nesse sentido, os projetos levados a cabo pelas três interlocutoras envolvem o diálogo com distintos agentes sociais em espaços sociais diversos. Ainda que novos, os projetos de Júlia, Michele e Camila são um rearranjo de elementos pré-existentes, de projetos já realizados, de construtos que foram produzidos fundamentalmente por elas e que, de alguma maneira, são localizáveis em suas trajetórias, condicionando suas identidades.

O que pude concluir até aqui é que, através da abordagem dos processos de mudanças vivenciados pelas interlocutoras, são mobilizadas identidades de mulheres que se constroem como fontes de significados para si e através dos projetos que as envolvem, pois, como diz, Manuel Castells (1999, p. 23) “[...] as identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções.”. No caso de Júlia, Michele e Camila, as mudanças vivenciadas são conduzidas por construtos que Castells (1999) chamou de “identidade de projeto”, entendida como, “[...] qualquer tipo de material cultural que constroem uma nova identidade, capaz de redefinir a sua posição em sociedade e, ao fazê-lo, busca a transformação de toda uma estrutura social.” (CASTELLS, 1999, p. 24), do mesmo modo que pretendem as interlocutoras desse estudo.

Esse processo pode ser evidenciado, por exemplo, no caso de Júlia, quando ela experimenta a sua nova posição no espaço rural no Vale das Princesas. Ou, no caso da Michele, quando ela busca um lugar de segurança, a partir de sua rede pessoal, transformando e reconfigurando o seu estilo de vida com valores focados no cuidado consigo, com sua filha e com a comunidade em que vive, que ora é composta por amigos com quem ela estuda, ora por grupos de mulheres da rede digital *Facebook*, ou por quem está vinculado à escola em que a filha estuda.

Camila também constrói um legado de atualização dentro de organizações com as quais trabalha, através da disseminação dos conceitos de sustentabilidade ambiental e social, produzindo a ressignificação de seu papel como administradora de empresas, ao buscar oferecer novas perspectivas e visões “mais responsáveis” sob o ponto de vista socioambiental.

Desse modo, as experiências dessas mulheres constroem suas identidades orientadas por projetos que buscam influenciar as comunidades onde elas vivem, oferecendo, novas possibilidades de transformações orientadas pela reflexão acerca de suas práticas.

Contudo, há de se ressaltar que a construção de novos estilos de vida traz a marca de sua pré-existente inclusão na classe média urbana brasileira, constituída majoritariamente por pessoas brancas.

A ruptura com esse universo e a busca por modos de viver alternativos foram alguns dos fatores responsáveis pela construção de projetos conscientes, condicionados por seus respectivos campos de possibilidades. Afinal, de algum modo, as interlocutoras não se desvinculam totalmente do universo que lhes forneceu as condições materiais e culturais privilegiadas que possibilitaram suas trajetórias. Em diferentes níveis, elas continuam, de algum modo, em um ambiente seguro para que possam reconstruir suas vidas, caso ocorra um erro de cálculo em suas rupturas em busca de novos rumos.

7.2 DIMENSÃO ANÁLITICA: PRÁTICAS ECONÔMICAS

Luc Boltanski (2009, p. 135) diz que “o projeto é a oportunidade e o pretexto para a conexão”. Nessa frase, o autor reitera o papel articulador vivido por essas três interlocutoras, na medida em que elas incorporam relações sob a forma de “redes” em suas atitudes reflexivas e propagadoras de intenções. Todas elas se articulam através de amigos, de parceiros de trabalhos, de estudos e redes familiares, com o objetivo de expandir seus projetos particulares. Esses projetos também conformam arranjos econômicos conscientes de suas práticas.

Para tanto, os sistemas de trabalho e de trocas estabelecidos por Júlia, Michele e Camila têm como base o princípio da “equivalência” (BOLTANSKI, 2009) das atividades econômicas. Ou seja, as ações praticadas dentro de seus projetos desenvolvidos, baseiam-se na proposta de “ganha-ganha” para com agentes envolvidos nas práticas instituídas. O desempenho de suas atividades são vistos, em sua maioria, como *voluntariado*, contudo, sem se identificar com as práticas de filantropia.

Para Júlia, o voluntariado é designado a partir da sensação de ser *útil*, dentro da comunidade em que vive, oferecendo seus conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida na cidade, atuando na gestão e organização da feira no Vale das Princesas, mediando aulas de inglês para a comunidade de mulheres e organizando as reuniões de imersão que abordam a valorização da terra e dos alimentos naturais.

Já para Michele, o voluntariado é visto como um sistema de trocas completo, onde o “dar, receber e retribuir” (MAUSS, 2017) se estabelece como proposta de vida.

É assim que opera nas múltiplas atividades dentro da sua rede, desde a escola em que a sua filha estuda, até as atividades que garantem a sua subsistência, como a leitura das cartas de tarô e a entrega de dez por cento de tudo que ganha para pessoas de sua rede, sobretudo mulheres que também precisam. Michele fortalece a comunidade em que vive de um modo sistêmico, conectando e dando continuidade a tudo que realiza. Para Camila, o voluntariado é fomentado através da noção de *pertencimento*, já que *o fazer o bem* tem como objetivo produzir um legado a partir de tudo o que faz em sua vida, como um valor efetivo para toda e qualquer atuação que execute.

Outro elemento importante nos sistemas de trocas que as interlocutoras estabeleceram entre as pessoas de sua rede é a ideia do “cuidado” (ZELIZER, 2011). O que envolve atividades remuneradas e não-remuneradas (BOLTANSKI, 2009). Nos casos estudados, a noção de “cuidado” engloba a noção de “consciência”, que elas tanto utilizam para qualificar suas atividades comprometidas com o pertencimento e a transformação.

Elas reforçam também essa ideia de *cuidado* com as pessoas que estão em suas comunidades (*online* e *off-line*), ou seja, todos que estão ao redor, através dos seus estilos de vida expostos nas redes digitais sociais, como *Instagram* e *Facebook*. A partir de suas múltiplas atividades econômicas, elas buscam descentralizar a ideia do lucro e focar na ação e procedência das suas atividades, aliado aos seus processos de consumo e seus impactos. Nesse sentido, em seus projetos, elas cuidam do local onde vivem, das relações que desenvolvem com a comunidade e propõem ações que visam promover o acesso e a expansão de várias camadas sociais.

Essa atuação tem o intuito mobilizador e são baseadas no princípio do *cuidado*, proporcionando formas mais concretas de apoio à rede, operadas por projetos que buscam produzir (a) reflexão sobre os modos de vida; (b) alargar suas redes de *trocas*; (c) produzir um *legado socioambiental*. Elas entendem que o cuidado é um dos princípios orientadores da sua forma de atuação econômica, que passa pela busca da proximidade nas relações que estabelecem, e pelo engajamento nas causas que acreditam, sobretudo feministas e ecológicas, ou seja, elas buscam criar práticas econômicas de cuidado com efeito social.

Isso foi o que fez com que Júlia organizasse, na comunidade onde vive, no Vale das Princesas, uma oficina de materiais de “limpeza natural” para mulheres da comunidade, em que o objetivo era fazer com que as mulheres da sua rede local produzissem os seus próprios

produtos de limpeza de formas “mais naturais”, a partir de matérias-primas advindas de plantas originárias da região.

Essa oficina foi viabilizada pelo empenho voluntário de uma amiga de Júlia que vive na cidade, formada na área da Farmácia com ênfase em Cosmologia Natural. A amiga coordenou a oficina em troca de alimentação e hospedagem no *Looping Rural*, realizando essa atividade de forma voluntária, sem custo nenhum às mulheres da região, considerando uma troca de conhecimento.

O objetivo dessa atividade foi dar subsídios para que as mulheres da região tivessem maior autonomia em relação ao consumo dos produtos de limpeza naturais, por meio do uso de matérias-primas da região. Ao refletir sobre esse movimento de Júlia, percebi um *hibridismo de influências culturais* que cria diálogo entre o urbano e o rural através do intercâmbio de conhecimentos. Essa atividade conectava-se com os objetivos que orientam o próprio projeto *Looping Rural*: fazendo com que mais pessoas da cidade possam conhecer o estilo de vida na zona rural, criando relações de troca e de cuidado com a comunidade em que vivem, incentivando com isso, novo *modus* de se viver.

O empenho em fazer com que mais pessoas conhecessem as zonas rurais fez com que Júlia pensasse em modos de expandir as imersões feitas no âmbito do *Looping Rural* para além da sua rede frequente de amigos, e amigos dos amigos da classe média. Para isso, criou novas formas de contabilizar os custos e as modalidades de pagamento da hospedagem, com o objetivo de trazer mais pessoas, mesmo que não tivessem as mesmas condições de financiar os serviços de hospedagem, alimentação e oficinas dentro do *Looping*. As modalidades de pagamento criadas por Júlia são três: (a) pagamento solidário, em que se paga somente um valor simbólico; (b) pagamento sustentável, em que se paga um valor que cobre todos os custos dos serviços ou produto oferecidos; e (c) pagamento abundante, que paga todos os custos e, ainda, gera um fundo, no caso, um “incentivo” para que mais pessoas da rede solidária possam usufruir da experiência, através do pagamento do valor simbólico.

A princípio, esses meios de pagamento possibilitaram que mais mulheres da cidade, de classes sociais e formatos de famílias distintos, pudessem passar um fim de semana no Vale das Princesas com hospedagem, alimentação e imersões coletivas, inclusive, destinadas às mulheres no período do puerpério, que estão em um momento de grande vulnerabilidade, situação percebida por Júlia como uma oportunidade, a partir da escuta atenta de mulheres recém-paridas no grupo de mães da rede social *WhatsApp*.

Tudo isso a fez criar momentos em meio à natureza, com outras mulheres, em um formato imersivo e reflexivo, contribuindo para que avaliasse de forma política o lugar da mulher em sociedade, reivindicando mais espaços que pensassem nessas mulheres recém-paridas e seus filhos.

Essas práticas que ainda acontecem hoje no *Lopping Rural* são um dos *mobilizadores do cuidado* adotados por Júlia dentro do seu projeto.

Já o circuito de cuidado alimentado por Michele advém das suas habilidades, daquilo que ela faz muito bem, por meio de atendimentos criados por ela própria para com sua rede de amigos. Os atendimentos acontecem por meio de consultas de cartas de tarô, da implementação de modelos de aprendizagem nas oficinas de escrita autônoma e criativa, que ela mesmo oferece aos filhos de seus amigos que vivem dentro e fora do Brasil, e também através de cursos oferecidos em parceria com a Escola de Poesia.

Todas essas práticas são atividades que ela chama de *trocas*. Até mesmo o trabalho voluntário que ela exerce na escola de sua filha é uma forma de “troca máxima ou completa”, diz, Michele, já que seu ganho vai muito além da vaga escolar de sua filha, já que é através desse movimento que Michele forma sua *rede de cuidado*. Michele também mantém a prática de repassar 10% de seus ganhos a outras pessoas que precisam, sobretudo, mulheres que estão ao seu redor. Todavia, como ela mesmo diz, “[...] acontece tudo muito naturalmente. As pessoas que precisam vão chegando e aquilo que elas precisam é o que tenho para oferecer no momento.” (MICHELE, 2021).

O seu modo de vida, que cuida e se importa com os demais a sua volta, a faz pensar que tudo é cíclico e que, ao ajudar, poderá ser ajudada quando precisar. Um outro local em que ela atua sob a forma de “cuidado” é no grupo da rede social *Facebook* chamado “*Boleto+1*”. Esse grupo é inteiramente feminino e é onde Michele ajuda mulheres que não conhece, definidas por ela, como “*pessoas fora do seu eixo*” e que são selecionadas em função das necessidades apresentadas. O repasse dos 10% do que Michele ganha faz com que ela fortaleça uma rede de cuidados e esperança, afinal, ela mesma também é ajudada por muitas amigas que lhe enviam mensalmente valores e incentivos de vários lugares do mundo.

Mesmo que muitas vezes se encontre sem dinheiro, Michele atua respaldada por valores compartilhados entre quem participa de sua rede e valores que movem todos aqueles que estão à sua volta. É importante dizer que Michele não vive de ajuda, mas, de trocas, já que o processo que configura o *circuito de cuidados* de Michele não se baseia na filantropia e, sim, em promover a “agência” (ORTNER, 2006) às mulheres.

Suas práticas de cuidado podem ser percebidas através de suas atitudes, o que me fez associar a sua rede ao conceito de “reciprocidade”, de Marcel Mauss (2017), já que Michele nunca deixou de retribuir o que ganha e faz com que essa prática se torne um fluxo contínuo de possibilidades para ela e para os outros que estão a sua volta.

Talvez essa seja a maneira pela qual Michele sustenta a sua esperança quase ingênua de que, ao fim, tudo dará certo. A interlocutora confia muito nesse processo que se sustenta através dessa rede envolvida em práticas de “dar, receber e retribuir” (MAUSS, 2017). Esses circuitos dependem da sua agência para que aconteçam (ORTNER, 2006) e viver a partir de sua própria agência é viver daquilo que confia, fazendo dela mesma, o mecanismo que faz com que se sinta mais segura do que num emprego público.

Michele (re)produz novas relações de trabalho, em busca de uma modalidade diferente de estabilidade, norteadas por valores de cuidado com outras mulheres e causas em que acredita. Atua através de práticas alternativas para adquirir conhecimento, dinheiro e reconhecimento pessoal, sendo possível encontrar nessa interlocutora um modo de se opor as formas pré-concebidas de como adquirir sobrevivência, realizando na prática uma vida alternativa, ainda que na cidade.

Já Camila é uma multiplicadora ferrenha das ideias do cuidado socioambiental, sobretudo, dentro de sua rede do cooperativismo, o Sicredi, sendo nomeada, inclusive, como a *ovelha verde* da cooperativa. Esse lugar de “missionária” interna da cooperativa fez com que Camila atuasse no cooperativismo como uma multiplicadora do cuidado socioambiental, mostrando e comparando os ganhos e retornos produzidos pelo modelo do cooperativismo à sociedade. O seu engajamento na questão socioambiental ganhou escala e, fez com que, durante dois anos, ela viabilizasse tempo e espaço na sua agenda para fazer parte, como gestora voluntária, do Sistema B no Rio Grande do Sul.

Camila se mostra incansável. É uma mobilizadora de pessoas que consegue o que poucos conseguiram: que a mudança em relação ao sistema tradicional de gestão repense suas lógicas e se foque nas relações sociais. Com a fé e com o auxílio de seus anos de dedicação ao estudo, ela busca mobilizar os responsáveis pelas estruturas mais tradicionais de funcionamento do mercado financeiro, atualizando formas de atuação mais coerentes em relação à noção de sustentabilidade.

Atua como mobilizadora das causas “verdes” adicionando esses valores aos pilares centrais do cooperativismo, o que acaba fortalecendo o sistema brasileiro de certificação de causas socioambientais. Camila atua como uma multiplicadora do “fazer o bem” e é reconhecida por isso em suas ações, seja no cooperativismo ou no Sistema B.

Em paralelo, ela busca formalizar também sua experiência ativista, repensando o próprio sistema e prezando por uma forma coerente de atuação. Todavia, percebo em comum, nas três interlocutoras, dentro das categorias de práticas econômicas, um grande investimento no voluntariado e nas redes de trocas, substituindo o foco no dinheiro que, segundo Georg Simmel (2009) impessoaliza as relações e os acordos. Nessa perspectiva, observo uma atualização do conceito de *economia do care*, de Viviane Zelizer (2011), que pôde ser identificada nos circuitos de saúde, seguro de vida, intimidade e relações de trabalho, para além do olhar doméstico. Percebo, entre essas três interlocutoras, a necessidade de fomentar *redes de cuidado* através de propostas marcadas pelo investimento em mulheres propagando seus conhecimentos, e na busca por ganhos em termos de autonomia para com as comunidades ao seu redor ou, pelo menos, para aquelas que podem gerar mudança.

Ao refletir sobre a ideia de cuidado, percebi, também, novas camadas de mudança sob luz dos seus processos de consumo que, segundo elas, devem estar amparados a tudo àquilo que é essencial em suas vidas. Nesse sentido, acreditam que, ao estarem conscientes em relação às suas necessidades e escolhas, conseguem questionar e identificar as origens dos produtos consumidos, encontrando meios mais sustentáveis e engajados de compartilhar suas vitórias, com a comunidade em que vivem.

Esses questionamentos refletem-se em suas práticas pessoais e profissionais orientadas a partir de valores que privilegiam os produtores locais e a comunidade de pequenos comerciantes da região. Além disso, dão ênfase às trocas de dádivas (MAUSS, 2017), ao voluntariado, à transparência nos custos de produção e a um olhar que se vincula a abundância, não a escassez.

Essa noção de cuidado fomenta uma rede de projetos “do bem” que gera mudanças no estilo de vida da cidade, estabelecendo, com isso, práticas de atenção ao tempo, relações de proximidade com a comunidade, atenção à origem dos produtos e suas histórias, escolhendo pertencer e abrir espaço para mais mulheres fazerem trocas. Ou seja, o foco delas está no cuidado como meio de se organizar, através da mobilização sob a forma de redes, de projetos, circuitos de trocas e voluntariado, buscando multiplicar o cuidado que se sustenta através do feminino (social e cultural) e ecológico (natureza e ativismo).

Finalizo esse momento da pesquisa com uma frase de Alberto Acosta (2016, p. 193), sobre o que ele chama da lógica do Bem Viver: “O estado deverá ser cidadanizado, enquanto o mercado terá de ser civilizado – o que, em ambos os casos, implica numa crescente participação da sociedade, especialmente a partir das bases comunitárias”. Ou seja, a economia não é mais importante do que as pessoas e a natureza.

Entretanto, a importância econômica está em auxiliar outras lógicas de produção e consumo que priorizem a maioria, sem colocar em risco os ciclos ecológicos. O “Bem Viver”, nesse sentido, reflete a revisão dos estilos de vida vigentes, especialmente por parte da classe média (ACOSTA, 2016) que tem escolha. Anunciando, assim, projetos que se orientam por perspectivas ativas em sociedade, e na escolha por propostas que não se pautem na acumulação de capital, mas na pauta de (e para) viver bem com ênfase no solidário, comunitário e recíproco em comunidade.

7.3 DIMENSÃO ANÁLITICA: FORMAS DE ATIVISMO

Para tratar das formas de ativismo, aposto na noção de agência (ORTNER, 2007) por considerar que ela nos permite compreender a atuação dessas três interlocutoras pesquisadas a partir da perspectiva política. Nesse sentido, o conceito pode ser entendido, como uma capacidade de tomar decisão, formular projetos e manter iniciativas. Mas, também, pode ser compreendido como um “poder” de criar propostas mais solidárias e comunitárias, sobretudo, na cidade, ainda que cada interlocutora exerça seus agenciamentos sob diferentes níveis.

Dentro disso, as propostas descritas pelas interlocutoras buscam criar e manter uma corresponsabilidade nos relacionamentos entre os indivíduos em comunidade, com diálogo e compartilhamento do modo de perceber a natureza. Nesse sentido, as três mulheres atuam a partir de suas capacidades de formação, experiência e origem, produzindo ações em suas comunidades com o objetivo de problematizar os seus modos de vida.

Acosta (2016) aponta que os valores de acumulação, de individualismo e consumismo foram adquiridos culturalmente a partir do germe capitalista, todavia, diz que o ser humano tem a tendência de cooperação, união e afeto para promover sobrevivência. Nesse sentido, os princípios feministas, com valores abarcados em uma economia que estimula o cuidado à vida, “[...] baseados na cooperação, na complementaridade, na reciprocidade, e na solidariedade colocam na ordem do dia, os valores de cuidado, como parte da construção coletiva do Bem Viver.” (ACOSTA, 2016, p. 200). Com isso, percebe-se a necessidade de novas abordagens feministas que, sobretudo mobilizem e condensem os conceitos de agência, equidade e justiça social. Entretanto, a elaboração de uma correspondência sobre a perspectiva de igualdade, assim como a solidariedade, são elementos fundamentais para a construção do conceito do Bem Viver (ACOSTA, 2016). Nessa perspectiva, aponta-se que a ética e a coerência são frequentemente problematizadas, para além das questões institucionais, nos discursos das três interlocutoras,

entendido por elas como propostas de uma política vivida na prática e que deve ser, sobretudo, engajada.

Ou seja, a ideia de política parece estar mais perto dos seus cotidianos e não vinculada a política do Estado, institucionalizada e terceirizada, mas atuante na construção do seu processo de transformação pessoal, através de microatitudes, atravessadas por uma agenda coletiva e participativa.

Todavia, o engajamento é percebido através de “atitudes políticas” que, no caso dessas três interlocutoras, ganham respaldo, inicialmente, por meio da mobilização dos seus *modus* de fazer, dentro dos novos estilos de vida, trazendo maior atenção às relações sociais, às práticas comunitárias e à procedência dos produtos consumidos, fortalecendo com isso, as suas redes de escolhas. Entretanto, essas escolhas dão sequência a um estímulo de engajamento informado por saberes reflexivos, dedicado às atividades do trabalho, da comunhão e das atitudes que proporcionem justiça social. Percebe-se, como já mencionado, que a forma de se alimentar, por exemplo, é uma das atitudes políticas, na medida em que são recolocadas no âmbito da produção caseira, ou seja, feito por suas próprias mãos. Para isso, optam pela compra de produtores locais, na medida em que se desdobram em práticas sustentáveis, produzindo e convivendo socialmente em solidariedade.

Destacam-se em suas atividades frente ao voluntariado, ao cuidado com a comunidade e às suas relações comunitárias que, sem dúvidas, são elementos sintonizados com a lógica do do “Bem Viver” (ACOSTA, 2016), atuando sob uma nova forma de organização em sociedade, implicada “[...] na expansão das potencialidades individuais e coletivas – que devem ser descobertas e fomentadas pelas lógicas da natureza.” (ACOSTA, 2016, p. 200). Todavia, são esses os elementos necessários para as lógicas de reorganização em sociedade. Ainda que em construção, esse conceito age sob a ótica das mudanças entre a relação do indivíduo e natureza, visando um equilíbrio politizado do cuidado, a partir de um feminismo que propague a reflexão de gênero, de raça e da cultura nas dinâmicas comunitárias.

Percebo também que os ativismos realizados por essas mulheres têm grande aderência frente às práticas decoloniais, ganhando expressão no que vem se chamando de Feminismo Decolonial, discutido por Françoise Vergès (2020), a partir de questões relativas às vivências e transformações pessoais, elaboradas na ordem do dia, pela ajuda, em grande medida, de outras mulheres que estão reconstruindo histórias alternativas aos posicionamentos destoantes das normas da modernidade, impostas pela branquitude e pelo capitalismo, ainda que manifestadas em diferentes proporções (VERGÈS, 2020). Júlia, Michele e Camila, nesse sentido, ousam

pensar em novas maneiras de viver, restaurando a força criativa dos seus próprios discursos e projetos, possibilitando restabelecer mudanças em sociedade.

Isso pode ser notado na atitude de Júlia que tenta, de forma contundente, conviver em simetria com as mulheres da comunidade do Vale das Princesas, aproximando também a sua rede de classe média e de outros extratos sociais, a partir de ações que possibilitem a integração em seu projeto no *Looping Rural*. Júlia aposta em um ativismo que integra mundos diferentes, possibilitando novos eixos de convivência, sobretudo, entre natureza e cultura, cidade e campo, urbano e rural.

Entretanto, o incômodo de Júlia ao ser lida como mais uma patroa das casas de veraneio, a fez tentar distintos modos de inserção. Em uma tentativa mais sofisticada dessa abordagem, tentou fazer uma feira com as demais moradoras da região, como uma forma de desfazer a visão hierárquica entre àquelas mulheres, ainda que não fique claro se ela mesma se reconhece em seu local de privilégio diante daquelas mulheres, seja pela sua cor, capital cultural, social e financeiro (BOURDIEU, 2011). Sua tentativa, nesse limbo, acaba sendo o encontro de experiências adquiridas pela maternidade que, de alguma forma, reverbera seu senso de cuidado para com a comunidade, utilizado como uma forma de se sentir pertencente àquele lugar.

Já no caso de Michele, o fato de bancar o seu estilo de vida alternativo, já é uma tentativa de levar às pessoas a ideia de que é possível viver na cidade de forma diferente da convencional. É possível conectá-la, mais claramente, aos princípios do Feminismo Decolonial (VERGÈS, 2020), a partir da noção de marcadores da raça e da diferença, problematizados pelo seu desencaixe consciente de sua identidade mestiça e sob o viés de sua reflexão referente às questões raciais em todos os espaços em que ocupa, desde a escola de sua filha ao curso de filosofia da imagem que participa.

Michele aponta a necessidade de se refletir sobre o ponto de vista da diversidade dentro desses lugares, criando diálogos e incluindo pautas nas coletividades em que atua. Nesse sentido, Michele vive o desencaixe como possibilidade de mobilizar e criar alternativas para atuar em sua comunidade e, fora dela, através dos grupos digitais das redes sociais *Facebook*. Tenta estabelecer também novas relações de trabalho, em que busca atuar em modalidades diferentes, frente à conhecida estabilidade, norteadas pelo sistema de trabalho capitalista tradicional. É uma multiplicadora de atividades alternativas e inova a partir de novas lógicas de se relacionar com o outro. Procura afastar-se do individualismo, do elitismo e do corporativismo, tão fomentado pelo sistema capitalista vigente, para apostar no circuito de cuidado entre mulheres.

Distante das duas interlocutoras, Camila tem a maior capacidade de mobilização, atravessando ambientes pouco abertos a questões alternativas, como o espaço corporativo que é mais formal e alinhado aos valores tradicionais.

Nesse sentido, ela procura transformar os caminhos formais de vinculação, repercutindo em mudanças no setor do cooperativismo, incluindo a sustentabilidade e a diversidade como pilares necessários à cultura da cooperação, no campo em que trabalha. É perceptível o quanto ela precisa estar consciente de sua agência (ORTNER, 2007) para mobilizar e “pregar” uma nova ideia, pois, no “piloto automático” do inconsciente não há agência e muito menos mudanças.

A sua multiplicação intencional de valores parece começar a ter influência em suas escolhas pessoais, fazendo com que mobilize questões de diversidade social e cultural em sua experiência pessoal, mais especificamente, em relação ao seu visual e cabelo. Esse movimento, proporcionou novos encaixes, especialmente em relação a sua forma de se apresentar.

Dentro da Cooperativa Sicredi, ela busca trazer novas possibilidades de autoimagem às mulheres colaboradoras. Considerada a “ovelha verde”, Camila chama a atenção sobre a importância da sua imagem natural e de origem. Nesse sentido, destaca-se porque fala para um grupo consistente de sua rede, desdobrando o discurso em atividades práticas com relação à sua autoimagem, ganhando maior alcance social a cada dia.

Ainda que ela demonstre certa dificuldade em viver, na prática, seus principais preceitos, faz o possível para agregar à sua agenda de ativista atitudes conscientes no âmbito profissional. Busca atuar por meio de pequenas práticas cotidianas que podem ajudar a elaborar dinâmicas inovadoras no que se refere à produção e ao consumo de uma forma mais sustentável. Todavia, procura trazer a reflexão sobre novos poderes, particularmente, através de uma expressão do Feminismo Decolonial (VERGÈS, 2020) em que problematiza os poderes atuantes que, em nível de governança, majoritariamente são exercidos por homens brancos e heteronormativos.

Camila atua em diálogo com o estilo de vida de Júlia, através dos sistemas de equidade com a natureza e mulheres, mas construindo deslocamentos, ainda que não de modo tão radical, como o de sair da cidade para refazer a sua vida. Também se aproxima de Michele ao buscar viver de forma diferente, com mais autoconsciência e sustentabilidade, valores esses que são compartilhados pelas três. Entretanto, Júlia é a interlocutora que rompe as práticas alternativas alicerçadas na cidade em busca de um novo lugar no rural. Ao fazer isso, também concebe um ativismo que visa um diálogo com as mulheres da comunidade, recriando conexões e proporcionando trocas de saberes que bebem, sobretudo, de seu capital social e cultural.

Michele é, sem dúvida, a interlocutora que mais se engaja para desenvolver o conhecimento focado nas dinâmicas alternativas de trocas, numa proposta que abarca um feminismo prático que ajuda mulheres conhecidas e, também, desconhecidas.

Busca conciliar as relações e possíveis formas de sobrevivência, através de pequenas ações para a mudança do seu entorno, sobretudo para as mulheres. Enquanto isso, Camila parte para a mobilização de alcance, na gestão empresarial, a partir do eixo da sustentabilidade, buscando criar melhores condições de vida, através de práticas que atuam, em grande medida, na problematização socioambiental e políticas econômicas alternativas. Lida, no seu foco de atuação, com o cooperativismo que propicia dinâmicas comunitárias, associativas e solidárias.

Por atuar com grandes corporações e buscando atingir mudanças que impactem fortemente o mercado e, conseqüentemente, à sociedade, Camila pode ser considerada a grande mobilizadora desse estudo, no âmbito do alcance e da perspectiva engajada de transformação. Michele é a interlocutora que mais mobiliza questões sobre a lógica social do cuidado com as mulheres, chamando a atenção para a sua prática engajada e solidária, como modo de sobrevivência econômica. É importante situar que Michele faz parte de um pequeno grupo de pessoas que é sensível a essas suas práticas atuantes.

Já a interlocutora Júlia ajudou a identificar indicadores sobre o fenômeno do êxodo urbano, a partir da sua procura por outras formas de viver e consumir - colocadas em prática no seu estilo de vida e projeto dentro do cenário rural que, na perspectiva final desse estudo, foi impactado pela crise sanitária atual - entre os anos de 2020 e 2021 - iluminando o percurso de uma série de famílias que estavam fazendo parte dessa transição da cidade para o campo.

Embora todas as interlocutoras estejam na busca por reconstruir suas vidas, motivadas por questões fundamentalmente pessoais, não deixam de estar conectadas por ações coletivas. Por sua vez, é nessa combinação e diluição de atuações em áreas distintas, porém éticas e coerentes com seus lugares, que fazem delas agentes de mudanças extraordinárias, do ponto de vista da realização de projetos que influenciam mudanças conscientes para a transformação em sociedade.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de que há uma crise do estilo de viver na cidade, saturada pela acumulação de bens e motivada pelo capitalismo, é uma das hipóteses que nortearam essa investigação. Desdobrou-se, no estudo, as trajetórias de três mulheres que buscaram constituir estilos de vida alternativos ao sistema econômico em que vivemos, onde a lógica da escassez evidencia aquilo que nos falta o tempo todo, do material ao simbólico.

Foi nesse percurso, em busca por novas formas de se viver, que identifiquei uma espécie de trânsito que ainda não aconteceu por completo, sobretudo, pelo *habitus* (BOURDIEU, 2011) das presentes interlocutoras. Percebi que a ideia de uma mudança de estilo de vida está se tornando mais “consciente” em relação a uma perspectiva ecológica, tendo grande efeito dentro do campo de possibilidades das camadas médias de nossa sociedade. Ou seja, está situada predominantemente na classe média, a partir de pessoas brancas e com alto grau de escolaridade e capital cultural, social e financeiro.

Verificou-se também, entre as três interlocutoras, em medidas diferentes, as transformações de seus estilos de vida, sensíveis ao discurso feminista ecológico, inserido dentro do ecossistema de valores dos *17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*⁶⁴ da *Organização das Nações Unidas – ONU* (2015). Influenciando suas formas de viver e deixando-as mais conectadas com suas escolhas pessoais e a cadeia de seus impactos em sociedade, fazendo-as buscar por mais tempo e conexão com os ritmos da natureza, situados por práticas que as deixem mais atentas e presentes.

Seus modos engajados influenciam outros tantos a sua volta, por meio de seus projetos pessoais e profissionais, presenciais e digitais que, em sua maioria, ocorrem lado a lado com os seus estilos de vida mais “conscientes”, através de projetos que valorizam o bem-estar e a autonomia coletiva, sobretudo, feminina e comunitária, em equilíbrio com a natureza e com práticas econômicas ditas alternativas. Procuram construir formas econômicas fora do eixo tradicional, atuando de maneiras plurais e, sobretudo, éticas e coerentes.

O objetivo foi identificar ações que valorizassem a restauração do equilíbrio entre sociedade e natureza, com práticas que não estimulassem o consumo desenfreado, acolhendo com isso o conceito do “Bem Viver”, que foi iniciado pelo economista equatoriano Alberto

⁶⁴Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, também chamado de ODS, é uma iniciativa da Organização das Nações Unidas (ONU) para a sua agenda socioambiental, que entrou em vigor no ano de 2015, onde os ODS definiram os 17 temas humanitários que devem servir como prioridade nas políticas públicas internacionais até 2030 (ONU, 2015).

Acosta (2016) e que serviu de lente teórica para enxergar as práticas conscientes de transformação dessas interlocutoras.

A etnografia descrita com base nessas três interlocutoras revelou trajetórias que estão reconhecendo possibilidades para as mudanças e realizando um processo de transformação contínua em suas redes, tendo como objetivo mobilizar melhores condições de “Bem Viver” por meio dos circuitos de cuidado consigo e com as pessoas próximas, relacionado aos valores socioambientais e do âmbito do feminino.

A chegada da Covid-19 na vida em sociedade, em 2020, fez com que essas escolhas por qualidade de vida, cuidado consigo e com a sua comunidade ganhassem ainda maior relevância social, propiciando maior esperança sob a regeneração de novos modos de vida.

Faço eco às elucubrações de Veena Das (2020), entendendo que devemos priorizar a cobertura de assuntos que identifiquem e nos façam refletir sobre os efeitos que aceleraram as mudanças sociais, sobretudo, no pós (e durante a) pandemia de Covid-19. A referência mais intensa é o processo de migração da cidade para o campo que já era uma realidade antes da pandemia e que ganhou corpo, considerando o que Carneiro (1998) chamou de “novos rurais”.

Esse tema foi explorado na presente pesquisa, através da mudança de estilo de vida de Júlia, e percebido como necessidade para um aprofundamento que espero ter oportunidade de analisar com maior densidade no doutorado, através do estudo do êxodo do urbano. Proponho, para novas pesquisas, observar o diálogo entre o campo e a cidade, suas formas de se viver, com ênfase na observação dos deslocamentos de famílias citadinas de classe média, das regiões Sul e Sudeste do Brasil, para os espaços rurais.

Esse estudo também percebeu uma lacuna de pesquisa sob a ótica da Antropologia, já que a Sociologia já vem estudando de maneira mais ampla as identidades e o trânsito de pessoas de grandes centros urbanos para o ambiente rural há anos.

Fico com a oportunidade e o desafio de estudar, a partir da lente da Antropologia, as novas formas de vida alternativas, para além daquelas caracterizadas como urbanas, e tendo como ênfase o estudo das relações sociais entre campo e a cidade, o urbano e o rural, relacionado ao que é caracterizado, a partir desse imaginado *estilo de vida*.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundo. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.
- BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. “**Modernização Reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna”. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.
- BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BOTT, Elizabeth; **Family and social network**. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional do Editores de Livro, 1976.
- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2011.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *In*: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Unesp, 1998. p. 13-37.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009. v. 2.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 530p. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, v. 2).
- CARNEIRO, Maria José. Ruralidades na sociedade contemporânea: uma reflexão teórico-metodológica. **Seminário Internacional “El mundo rural: transformaciones y perspectivas à luz de la nueva ruralidade”**. Bogotá, Out., 2003.
- CARNEIRO, Maria José. **Ruralidades: novas identidades em construção**. Estudos Sociedade e Agricultura, no11, outubro, 1998. pp. 53-75.
- CATANI, Afrânio Mendes; NOGUEIRA, Maria Alice; HEY, Ana Paula; MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso de (org.). **O Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- CUCHE, Denys; **A noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: Editora EDUSC, 1999.
- DAS, Veena. Encarando a Covid-19: Meu lugar sem esperança ou desespero. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Rio de Janeiro, p. 1-8, 2020.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias, GOMES, Adlaine Campos; **Três Famílias**: Identidades e Trajetórias Transgeracionais nas Classes Populares. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

GAMA, Fabiene. Etnografias, auto-representações, discursos e imagens: somando representações. *In*: GONÇALVES, Marco Antônio; HEAD, Scott. (org.). **Devires Imagéticos: Representações/ Apresentações de Si e do Outro**. Rio de Janeiro: 7letras, 2009.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

GEERTZ, Clifford James. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Tradução de Vera Mello Joscelyne. 7. ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2009.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 1991.

HALL, Stuart; **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2006.

HOLMGREN, David. **Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade**. Porto Alegre: Via Sapiens, 2013.

LEITÃO, D. K., & Gomes, L. G. (2018). Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **Antropolítica - Revista contemporânea de antropologia**, [s. l.], v. 1, n. 42. <https://doi.org/10.22409/antropolitica2017.1i42.a41884>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41884>. Acesso em: 09 abr. 2021.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia**. 2. ed. São Paulo: Abril cultural, 1978.

MATHEWS, Gordon. **Cultura Global e Identidade Individual**. Bauro: EDUSC, 2002.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia: Marcel**. São Paulo: EBU Editora, 2017.

MENDONÇA, João Martinho de. **Pensando a visualidade no campo da antropologia: reflexões e usos da imagem na obra de Margaret Mead** I João Martinho de Mendonça. Campinas: [s. n.], 2005.

NEE, Victor; SWEDBERG, Richard (ed.). **The Economic Sociology of Capitalism**. Princeton: Princeton University Press, 2005. p. 311-342

ORTNER, Sherry B. Poder e projetos; reflexões sobre a agência: Uma atualização da teoria Prática. *In*: GROSSI, M; ECKERT, C; FRY, P. (org.). **Conferências e Diálogos: saberes e Práticas antropológicas**. Goiânia: Editora Nova Letra, 2007. p. 45-80.

ORTNER, Sherry. Está a mulher à natureza assim como o homem para a cultura? *In*: ROSALDO, Michelle; LAMPHERE, L. (coord.). **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 95-120.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes antropológicos**, [s. l.], n. 42, p. 377-391, 2014.

PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. **Ponto Urbe. Revista do Núcleo de antropologia urbana da USP**, São Paulo, n. 2, 2008.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 60-70, 2002.

SIMMEL, Georg. A Metrópole e a vida Mental. *In*: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro. Zahar, 1967.

SIMMEL, Georg. **Psicologia dinheiro e outros ensaios**. Tradução de Arthur Morão. Lisboa: Texto e Grafia, 2009.

SMART, Alan; GEORGE, C. S. Capitalismos locais, cidadania local e translocalidade: mudança escalar de baixo para cima na Região do Delta do Rio das Pérolas, China. **Boletim Gaúcho de Geografia**, [s. l.], v. 41, n. 1, 2014.

TAYLOR, Charles; **A Ética da Autenticidade**. Portugal, B. de filosofia Contemporânea, 1935.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Zahar, 1994.

VELHO, Gilberto; **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.

VELHO, Gilberto; **Subjetividades e Sociedade**: uma experiência de geração. Rio de Janeiro, Editora Jorge Zahar, 1986.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial, Françoise Vergès**. Tradução de Jamile Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

WEBER, Florence, **Trabalho fora do trabalho**: uma etnografia das percepções. Rio de Janeiro: Geramond, 2009.

ZELIZER, Viviana. "Circuits within Capitalism". *In*: NEE, Victor; SWEDBERG, Richard (ed.). **The Economic Sociology of Capitalism**. Princeton: Princeton University Press, 2005. p. 311-342.

ZELIZER, Viviana. **A negociação de intimidade**. Tradução Daniela Barbosa Henriques. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

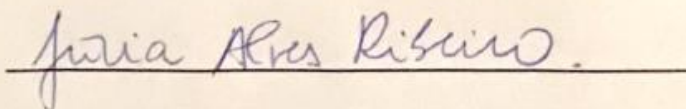
**ANEXO A – AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS DA
INTERLOCUTORA JÚLIA**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO
GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS
SOCIAIS
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

AUTORIZAÇÃO

*Eu, Júlia Ribeiro, autorizo minhas imagens e depoimentos em forma de verbalizações produzidas em campo ou coletadas via acervo pessoal pela pesquisadora MARIA CARMENCITA DA FELICIDADE JOB entre os meses de Maio de 2019 a Janeiro de 2021. A autorização refere-se à vinculação das minhas imagens e depoimentos à dissertação de mestrado: **ESTUDO ETNOGRÁFICO DAS EXPERIÊNCIAS DE TRÊS MULHERES BRASILEIRAS QUE TRANSFORMARAM SEUS ESTILOS DE VIDA.***

Porto Alegre, 07 de Abril de 2021



Júlia Ribeiro

**ANEXO B – AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS DA
INTERLOCUTORA MICHELE**

**ANEXOS
AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

AUTORIZAÇÃO

*Eu, Michele Zgiet de Carvalho, autorizo minhas imagens e depoimentos em forma de verbalizações produzidas em campo ou coletadas via acervo pessoal pela pesquisadora MARIA CARMENCITA DA FELICIDADE JOB entre os meses de Maio de 2019 a Janeiro de 2021. A autorização refere-se à vinculação das minhas imagens e depoimentos à dissertação de mestrado: **ESTUDO ETNOGRÁFICO DAS EXPERIÊNCIAS DE TRÊS MULHERES BRASILEIRAS QUE TRANSFORMARAM SEUS ESTILOS DE VIDA.***

Porto Alegre, 07 de Abril de 2021



Michele Zgiet de Carvalho

**ANEXO C – AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS DA
INTERLOCUTORA CAMILA**

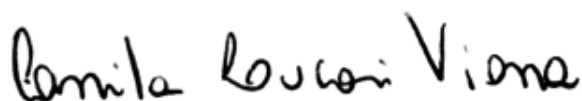
**ANEXOS
AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

AUTORIZAÇÃO

Eu, Camila Luconi Viana, autorizo minhas imagens e depoimentos em forma de verbalizações produzidas em campo ou coletadas via acervo pessoal pela pesquisadora MARIA CARMENCITA DA FELICIDADE JOB entre os meses de Maio de 2019 a Janeiro de 2021. A autorização refere-se à vinculação das minhas imagens e depoimentos à dissertação de mestrado: ESTUDO ETNOGRÁFICO DAS EXPERIÊNCIAS DE TRÊS MULHERES BRASILEIRAS QUE TRANSFORMARAM SEUS ESTILOS DE VIDA.

Porto Alegre, 07 de Abril de 2021



Camila Luconi Viana



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br